

VOZES

Vivências Clamores Mensagens

ÀS MULHERES

Humilhadas

Violentadas

Acusadas

De

Estúpidas

Traidoras

Consumistas

Intriguistas

A todas as mulheres

que lutam

labutam

Pelo direito

a um lugar no mundo

em liberdade

e igualdade

INTRODUÇÃO

Um dia, saí à procura de vidas, de mulheres reais, para ouvi-las e registar as suas memórias, alegrias e tristezas, recordações gratificantes e mágoas dolorosas.

E subi caminhos e desci veredas, percorri montes e vales, ruas e avenidas. E em todos estes lugares as encontrei: vivas ou falecidas, felizes ou amarguradas, viçosas ou enrugadas. Mas todas têm uma história, um passado e um presente, excepto as falecidas que só falam do passado.

Ouvi, registei, sofri, chorei. Senti as aflições de quem muitas vezes não teve um bocado de pão para dar aos filhos, como conta a Teresa: “muitas vezes só tomávamos um café de cevada à noite”; ou quando se escondia debaixo da mesa tapada com a toalha para que o marido não a visse. Ou aquela mãe, a Maria, que foi obrigada a pôr os filhos na rua, à noite, e ela dentro de casa com o agressor, sob a ameaça de fazer explodir uma garrafa de gás dentro de casa com a família toda lá dentro. E outra que se deitava ao lado de um homem agressivo, todas as noites, que chegou a apertar-lhe a garganta com ameaças de a matar.

E a tristeza de pessoas desinformadas, joguetes dos senhores colonialistas, em África, que dum momento a outro se encontraram na miséria e sucumbiram, caíram no alcoolismo e nem sequer foram capazes de olhar pelas próprias filhas.

E professoras nas nossas escolas em degradação e vêem as suas carreiras congeladas e as reformas a deslizarem para a frente, como a linha do horizonte.

E a Rita, deficiente, maltratada pelo pai e a viver abaixo do limiar da pobreza.

Mas também rejubilei com a força de tantas mulheres, com a sua luta, persistência, trabalho e força de vontade, que levaram a sua vida em frente de cabeça erguida.

E que dizer das senhoras de 90 anos, rijas, animadas, vivendo as suas vidas com muita alegria. É música para os ouvidos de qualquer pessoa: Casei por amor e vivi com amor, até com prazer sexual para ambas as partes.

E mulheres de sucesso, como a Isabel, com uma experiência tão rica, que mesmo depois de reformada ainda põe ao serviço da comunidade onde está inserida. E a Margarida, a investigadora, que apesar das vicissitudes do momento que estamos a viver, continua a batalhar e a fazer ciência. E a Catarina, cheia de força que nos envia mensagens como esta “As pessoas tracem objectivos na sua vida e nunca desistam deles.” E a Valentina, uma jovem que ainda não fez trinta anos, escritora assumida com obras publicadas e a exercer diversas tarefas profissionais e outras de forma voluntária e gratuita. E a Joana, que fez licenciatura, formação em informática e artes gráficas e ganha a vida como artesã. E fala com saudade do tempo da infância e das conversas filosóficas que tinha com o pai, aos 6 e 7 anos de idade.

E a Viviana, que nasceu com um 1kg e 5g e aos 6 anos cuidava das irmãzinhas.

E todas as outras mulheres jovens, formadas, esclarecidas, lutando contra ventos e marés, ganhando a vida de diversas maneiras. É a geração portuguesa mais culta e mais bem preparada. E desgraçadamente desprezada e maltratada.

“Mas as crianças, Senhor...”

É muito doloroso ouvir relatos, memórias, pensar que uma menina foi expulsa da escola porque faltava de vez em quando para ajudar a mãe; que algumas destas mulheres, quando crianças, foram arrancadas do aconchego familiar para um internamento, ou para casas de família como criadinhos; que aos sete anos, dez anos, doze anos, tiveram necessidade de trabalhar fora de casa para ganhar o seu pão e ajudar a família. E algumas nem tiveram direito à escola.

Helena foi levada como criadinho, aos 7 anos de idade, ainda antes de aprender as primeiras letras e à chegada à casa dos patrões teve a seguinte recepção: “Está aqui a tua loiça...” uma chávena sem asa, um pires rachado e um prato partido, com menos um bocado.

“Não chores, menina, levanta o olhar
Pois se o sol nasce em cada manhã
Se as plantas crescem minuto a minuto
E se as águas correm sempre sem parar
COMO É POSSÍVEL CHORAR SOBRE A TERRA?

In “A vida em Movimento”

DORA

A VIDA COM AMOR É MUITO MAIS FÁCIL

Quando eu tinha 15 anos, estava na Rua dos Ferreiros, à porta de uma chapelaria que já não existe e vejo um jovem. Ele olhou para mim e eu olhei para ele e exclamei: “Ah que homem lindo!” Ele seguiu o seu caminho e, passado algum tempo, cheguei ao solar da D. Mécia com meu tio e ele estava lá. Olhámos um para o outro e mais nada. Quando voltámos, passámos por casa de uma amiga minha que tinha ido connosco e ele seguiu-nos. E ficou convencido que eu vivia naquela casa. Passou por lá diversas vezes, mas não me via.

Um dia, estava eu à janela da nossa casa, ele passa na rua e viu-me. Ficou perplexo. Olhámos um para o outro durante algum tempo, depois ele começou a subir a rua, mas antes de virar a esquina, acenou-me e apontou para o relógio. No dia seguinte, estava ele lá à mesma hora. E todos os dias a mesma coisa. Até que um dia ele viu que eu tinha uma ligadura no dedo e perguntou o que eu tinha. E eu disse: “Agora não”. Porque a marcenaria estava aberta e não íamos conversar à frente dos trabalhadores. Daí por diante ele passou a vir à noite e eu pus um toco ao pé da janela para ficar mais alta e falar com ele mais à vontade. Quando ele queria dar-me alguma coisa, atirava e eu apanhava. Mas um dia ele trouxe açúcar da casa dele, no tempo que era racionado e disse: “Açúcar eu não posso atirar”. Então eu desci e vim à porta buscar o açúcar.

Um dia eu vinha da missa e ele acompanhou-me pela Rua Bela Santiago. Muita gente viu e alguém foi a correr contar ao meu pai. Quando cheguei a casa, meu pai disse: “Acabou-se. Não vais mais à missa”. Era assim. As regras eram muito rígidas. E namorei da janela durante dois anos.

A Dora nasceu na Rua dos Barreiros, Santa Maria Maior, em 1924, a 17 de Maio, mas está registada como tendo nascido a 17 de Junho. O pai demorou algum tempo a registá-la e, para não pagar multa, disse no registo que a filha nascera em Junho e não em Maio. Ela conta que a avó alugou essa casa em 1920, ou talvez antes, casa essa que continuou a abrigar pessoas daquela família até 2011. Quase cem anos sempre habitada por pessoas da mesma família.

A avó era uma modista conceituada e trabalhava em casas de gente fina a costurar fatos para senhoras da alta roda. O pai da Dora era sapateiro e ganhava pouco dinheiro. A mãe teve 10 filhos e todos nasceram naquela casa onde viviam outros familiares. O que equilibrava as finanças daquela casa era o dinheiro da avó. Mais tarde, o pai foi trabalhar para o Grémio dos Bordados como contínuo e passou a ganhar melhor.

Tinham uma vida modesta, muitas vezes a refeição era pão e café. Viviam ao pé do mercado, mas era preciso dinheiro para comprar o peixe, os legumes... Em contrapartida, sempre tiveram acesso à electricidade, às lojas, ao cinema, coisa que muita gente das zonas altas não tinha.

A Dora explicou que havia uma grande diferença nas vivências entre o centro do Funchal e Santo António, por exemplo. Quando ela passou a frequentar aquela freguesia para visitar a família do noivo e depois do marido, era considerada uma beldade, uma grande senhora, pois usava luvas e chapéu. As mulheres do alto de Santo António, raramente vinham cá abaixo, à cidade e algumas morreram sem nunca terem descido ao Funchal.

Em contrapartida, essas pessoas eram menos dependentes do mercado. Tinham alguma agricultura, criavam porco e por vezes viviam de forma mais desafogada que muita gente que vivia na baixa do Funchal.

Namoraram durante dois anos e, entretanto, o rapaz foi mobilizado para a tropa. Era o tempo da guerra e ele foi para o quartel de Santa Cruz. No fim de semana, vinha à noite a pé, chegava a casa dela, metia um bilhetezinho na caixa do correio e continuava a caminhar até Santo António. Por vezes, ia tão cansado, que adormecia e acordava quando batia numa parede ou noutro obstáculo. E no dia seguinte é que vinha ver a “sua princesa”. Nessa altura já tinha feito o pedido de casamento e podia entrar em casa dela. Estiveram “para casar” sete anos.

O Álvaro começou a trabalhar aos 12 anos, como paquete, depois foi cobrador, mais tarde empregado de escritório, sempre na mesma empresa e por fim passou a dono. O patrão quis comprar outra empresa e vendeu aquela ao seu empregado Álvaro, que já lá estava há muitos anos, que pediu dinheiro no banco e passou a proprietário da Firma João da Gama Pereira, Lda.

“Quando casámos, o Álvaro já era empregado de escritório, fomos viver para umas águas furtadas na Rua Fernão de Ornelas, mas não vivíamos à grande. Era um pão por dia, sopa, só comprava peixe quando cozia milho e havia carne ao domingo. Os meus sogros criavam porco e nós tínhamos carne salgada. E éramos felizes. O amor torna tudo muito mais fácil.”

A Dora trabalhava em casa, fazia costura de casa de bordados. Uma das empresas fabricava uns vestidinhos muito bonitos, com rendas e esses vestidos eram reservados para ela por ser um trabalho mais delicado e exigente. Ela foi sempre muito habilidosa e trabalhadora. Aos nove anos já engomava fatos. Ainda conserva toalhas de croché que fez para o seu enxoval há cerca de 60 anos. Com linha número vinte. E mais tarde costurava as roupinhas da sua menina, que eles criaram com muito carinho.

Também era a Dora que naquela casa estava sempre pronta a ajudar, a cuidar dos familiares doentes. Aos dezasseis anos, cuidou de uma prima que morreu nos seus braços de tuberculose óssea. Quando era preciso ajudar, cuidar, estava a Dora na linha da frente.

No segundo ano de casada deu à luz uma menina. O marido tinha muito gosto que fosse um menino, mas estimou muito aquela menina que morreu com 3 meses. A Dora culpa a médica pela morte da criança, porque tinha o peito doente e a médica afirmava que não havia problema em dar de mamar à filha. E a criança mamou o pus da mama doente e morreu de gastroenterite. Choraram muito pela sua menina e,

quando ela a voltou a engravidar, rogaram aos céus que fosse uma menina para preencher o lugar da que tinha falecido. E a menina nasceu e chama-se Maria do Carmo porque a Dora prometeu à Senhora do Carmo que, se desse à luz uma menina, teria o nome da santa protectora. E assim foi.

Amamentou três meses e depois alimentou-a com leite que comprava ao leiteiro. E criou a filha que ainda hoje é a sua companhia e o seu desvelo.

Entretanto, o casal pensou que deviam ter mais uma criança e que talvez nascesse o menino que estava a fazer falta. A Dora engravidou, mas apanhou um susto e abortou. Foi um desgosto. E decidiram que não teriam mais filhos. Mesmo antes de haver planeamento familiar em termos de saúde pública já havia pessoas que decidiam e faziam planeamento familiar por sua conta e risco.

A Dora afirma que fez um bom casamento porque se amavam e foram felizes, mesmo em termos sexuais, com prazer para ambas as partes. “Só tive pena que a minha mãe não me visse casar. Ela tinha muito empenho no meu casamento porque gostava muito do Álvaro. Morreu aos 49 anos do coração.”

Depois do apartamento da Fernão de Ornelas foram morar para o Caminho do Palheiro, e a seguir voltaram novamente para a Rua dos Barreiros, onde a Dora nasceu e onde ainda viviam outros familiares. A casa da Rua dos Barreiros tinha um grande quintal, óptimo para os trabalhos que o Álvaro fazia de noite. Ele gostava muito de trabalhar com madeiras e nessa altura estava a construir um barco para velejar, que era o seu hobby.

Tanto se esforçou, a trabalhar de dia, na profissão, e de noite no barco que apanhou um grande esgotamento cerebral e esteve internado durante 6 meses na Casa de Saúde de S. João de Deus. A filha tinha um ano. A Dora não estava habituada a dirigir as contas da casa, mas teve de assumir as responsabilidades. Muito importante foi o patrão continuar a pagar-lhe o ordenado e assim ela tinha dinheiro para governar a casa.

Quando o marido saiu do internato, continuou o tratamento em casa e era a Dora que geria os medicamentos: se estava mais excitado, aumentava a dose; se andava mais parado, diminuía, e assim por diante e o homem curou-se e nunca mais adoeceu. Só no fim da vida que teve a doença de Alzheimer.

Quando era jovem, quais eram os vossos passatempos?

Olhe, eu e os meus irmãos frequentámos a Escola Primária e todos fizemos exame da quarta classe. Só um dos meus irmãos estudou na Escola Industrial. Eu e as minhas irmãs líamos muito, literatura cor de rosa. E vimos muitos filmes no Cine-Jardim. O meu pai era contínuo no grémio dos bordados, ao lado do Cinema e de lá podia-se ver os filmes que eram exibidos num espaço aberto.

E não iam tomar banho ao mar?

Só depois de noiva. Antes, o meu pai não deixava. Às vezes, íamos de fugida ao mar com um vestido velho, à noite, mas era só para nos refrescarmos. Quando entrei para casar, o Álvaro, que gostava muito do mar, quis que eu aprendesse a nadar e comecei

a frequentar a Barreirinha com ele. Tinha um fato de banho com uma saiazinha a tapar as coxas. Um dia, o Álvaro estava a ensinar-me a nadar e veio uma onda e separou-nos. Eu fiquei aflita, tentei agarrar-me a ele e depois gritei: “Que morra só um” e nadei sozinha e cheguei a terra. Quando ia agarrar-me a ele pensei que poderíamos ir ao fundo os dois, por isso pensei que era melhor morrer sozinha. Mas não morri.

Mas tive sempre medo do mar. Só me sentia segura a nadar numa piscina. Ainda sou sócia do Clube Naval, mas nunca mais fui porque é difícil voltar para a estrada e apanhar a camioneta. A Carmo não vai porque ela não é sócia. Mas continuo a pagar, apesar de pensar que já não devia pagar.

O seu marido foi sempre fiel? Nunca a traiu?

Só uma vez, quando éramos noivos. Ele ia velejar e alguém veio dizer-me que ele andava com uma estrangeira.

Quando ele chegou à nossa casa eu disse-lhe: “Olha, toma as coisas que tu me deste, tu passas para cá o que eu te dei e acabou-se.” “Tu estás louca, mulher!” “Duas mulheres não pode ser.” “Ah! Não te preocupes com isso. Não houve nada de especial. As estrangeiras são muito seguras, fazem tudo, mas não admitem a p... E ela já se foi embora, não penses mais nisso...” E eu aceitei as desculpas dele e, que eu saiba, ele nunca mais teve aventuras dessas.”

Mas há um fim para tudo.

O meu marido, já muito fraquinho, deu entrada no hospital e foi para os Marmeleiros. Eu nesse dia não tencionava lá ir por qualquer motivo, a minha filha estava ocupada com os trabalhos dela para a escola e entretanto pensei: “Tenho de ir porque o Álvaro pode estar a precisar de mim.” Apanhei a camioneta, cheguei à enfermaria, peguei-lhe na mão e ele expirou. Chamei a enfermeira “Olhe, parece que o meu marido deu o último suspiro”. “Pois foi. Acabou de expirar”.

Ele esperou que eu chegasse para me ver antes de partir. Fui apanhar a camioneta, a chorar, saí na 5 de Outubro, fui ter ao cabeleireiro do costume e a cabeleireira acompanhou-me e fomos as duas à Agência Funerária tratar do Funeral. Quando cheguei a casa, a chorar, a Carmo viu logo o que tinha acontecido. Olha, mas não te preocupes que eu já tratei de tudo para o funeral.

E esta senhora continua a sua caminhada no mundo com muita qualidade de vida. Vai ao cabeleireiro todas as semanas, faz muitos trabalhos domésticos e, nas horas vagas, faz paciências com as cartas, palavras cruzadas e outros passatempos e jogos de mesa com a filha e o genro.

AMAR! NÃO SÓ O MARIDO! AMAR AS PESSOAS! AMAR A VIDA!

LEONOR

TEVE UMA VIDA TORMENTOSA MAS ACABOU

A senhora Leonor é outra “jovem” com 90 anos. Nasceu no meio rural, numa família numerosa. Nem ela nem as irmãs frequentaram a escola. Mas aprenderam a trabalhar desde pequeninas. Ainda há poucos anos, Leonor costumava dizer que não gostava de brincar, que é sinónimo de dizer que não gostava de estar parada, a descansar.

Actualmente, já lhe vão faltando as forças, mas ainda cuida da casa que partilha com a filha, faz a comida e ajuda uma vizinha mais nova que tem problemas de saúde. Faz-lhe muita companhia, sobretudo para sair de casa, coisa que essa senhora não consegue fazer sozinha.

Mas a sua vida passada não foi nada fácil. Casou com um homem da freguesia, tinham poucos meios para viverem com alguma dignidade e vieram para o Funchal com o primeiro filho ainda bebé. O homem era agricultor e continuou com esse ofício até o fim dos seus dias. Foram viver para uma fazenda de bananeiras, viviam numa pequena casa que lá existia e tinham de trabalhar muito para tratarem das bananeiras e das ovelhas e carneiros que faziam adubo para a fazenda.

Leonor trabalhava, ajudava o marido e bordava. Mas o marido bebia muito e não era fácil aturá-lo e o dinheiro que ele gastava na bebida fazia falta em casa. E ela pôs-se a trabalhar para outras pessoas para obter mais algum dinheiro. Lavava roupa de algumas famílias e fazia serviço doméstico. E bordava aos bocadinhos, sobretudo pela noite dentro.

Quando conheci esta senhora, na década de 70, ela trabalhava como empregada doméstica duma senhora inglesa, vinha a casa à hora de almoço pôr a comida ao marido, no fim do dia cozinhava, fazia a sua vida e, à noite, ainda ia à casa de uma família vizinha, lavar a loiça e arrumar a cozinha.

Até hoje nunca entendi como é que a senhora Leonor conseguia desdobrar-se e realizar tantas tarefas. Mas ela conseguia. E tinha um quintal cheio de flores, lindas, que cuidava com muito carinho. E ainda há pessoas que dizem que são pobres os que não querem trabalhar!

Na década de 80 ficou viúva. O marido morreu com 68 anos. E Leonor ficou aliviada de algumas canseiras. Entretanto reformou-se e deixou de trabalhar para a senhora inglesa. E passou a sair com a família. Gosta de passear, de conviver e diz que teve uma vida tormentosa, mas acabou. Hoje sente-se bem. Quanto a doenças, tem diabetes, coisa que ela já esperava, uma vez que todas as irmãs sofrem do mesmo mal. Mas vai ao Centro de Saúde, toma os seus medicamentos, faz as análises e diz que está tudo controlado.

É uma delícia conversar com a senhora Leonor: feliz, bem disposta e divertida. Parece que quer agarrar a vida e vivê-la com prazer, uma vez que não pôde usufruir dela devidamente quando era mais nova. Tem um filho e uma filha, três netas, uma bisneta e um bisneto.

ALICE

DORMI TODA A SEMANA NO CHIQUEIRO

Chama-se Alice, não sabe ler nem escrever, era operária de bordados, mais precisamente, estampadeira de bordados. Trabalhou na mesma empresa mais de 40 anos.

Olhe, quando fui trabalhar já era casada, tinha vinte anos. Fui ganhar 6\$00 por dia, isto há 38 anos. Trabalhei a semana inteira, no sábado recebi 36\$00, comprei uma tesoura e cheguei a casa com 6\$00. O meu marido já não queria que eu fosse mais. “Então levaste uma cesta de comer toda a semana para o trabalho e agora vens com 6\$00 para casa?! Não vais mais!”

Ora, mas eu queria aguentar o emprego e prometi-lhe que na semana seguinte ia levar mais dinheiro. Nunca larguei o trabalho e foi o que me valeu. O meu marido deu em beber, desterrava o que ganhava...

Mas a senhora ganhava o suficiente para sustentar a casa?

Aquilo era uma miséria, mas sempre trazia algum dinheiro para casa. No mesmo dia que recebia, ia à mercearia e trazia o comerezinho para a semana.

Quantos filhos teve?

Criei quatro filhos com muita dificuldade. Levantava-me de madrugada, cozia o comer, levava o meu almoço e deixava feito para a minha sogra dar aos meus filhos. Muito me custou.

E o seu marido?

Ele trabalhava numa serragem, mas bebia muito, e quando o dinheiro não lhe chegava ia ter comigo para eu lhe dar. Mas eu nunca caí nessa. Levei muita pancada, mas aguentei-me sempre. Um dia, saí da Casa de Bordados com 75\$00 na algibeira e ele à porta para eu lhe dar o dinheiro. Tinha combinado com um amigo comprarem um garrafão de vinho. Mas eu não lhe dei dinheiro nenhum. Ele deu-me uma pancadaria e até me rasgou o vestido. Eu fugi para casa e fui logo à mercearia fazer as compras. Mas quando ele vinha para casa com aquela breca eu tinha de fugir para ele não me matar. Dormia dentro das bananeiras do vizinho, às vezes com um filho ao colo.

Uma ocasião, dormi uma semana dentro do chiqueiro do vizinho, ao lado porco, sentada num cantinho. Ele queria à força que eu lhe desse um dinheirinho que eu tinha poupado para o Natal. Durante o ano, dei 20\$00 por semana a uma senhora para no Natal ter 1000\$00. Ora, eu nunca tinha tido uma nota de 1000\$00, estava toda briososa com o meu dinheirinho para a Festa e ele queria desterrá-lo. Andou a ameaçar-me uma semana inteira. Dormi toda a semana no chiqueiro, mas aguentei-me sempre. Mas hoje tem os filhos criados, casa sua...

Criei os meus filhos com muito custo e com a ajuda dos meus sogros. A casa era deles, mas ia ser vendida para pagar uma dívida. Eu fiquei aflita. Para onde iríamos viver? Ora, entretanto, eu tinha feito umas economias, pondo de parte 20\$00 por semana, mais tarde 50\$00 e já tinha um dinheirinho no banco que rendeu uma coisinha de juros durante um tempo. O meu marido não queria que eu pagasse a dívida do meu sogro, mas eu não tinha onde morar se perdesse aquela casa. Então, fiz um contrato com o meu sogro: eu pagava-lhe a dívida e ele passava-me a casa para o meu nome. Mas, depois da dívida paga, foram passando os dias e a casa continuava no nome do meu sogro.

Um dia, vinha eu do trabalho, a minha filha veio ao meu encontro, aflita: “Ó mãe, o avô teve um ataque.”

Ai o que eu gritei! Ficava sem casa e o meu marido matava-me! Mas o meu sogro melhorou um bocadinho e um dia sempre o levei ao advogado assinar um papel para a casa ficar para nós.

E também foi dirigente sindical?

É verdade! Alguma vez eu tinha pensado que eu e outras como eu, que nem sabemos ler (eu sei assinar o meu nome) íamos dirigir o nosso sindicato?! Mas conseguimos. Corremos com os fascistas que estavam lá dentro e começámos a dirigir o sindicato, a defender as trabalhadoras, coisa que os outros não faziam. Ainda eram capazes de nos denunciarem aos patrões.

E como é que conseguiram levantar o Sindicato dos Bordados e pô-lo ao serviço de quem trabalha?

Olhe, à frente estava a Guida que ainda era uma menina, mas que nos ajudou muito. Tínhamos um livrinho com o acordo colectivo de trabalho que era o nosso guia. Quem não sabia ler, como eu, ia ter com a Guida e pedia-lhe: “Olhe, onde é que está escrito esta ou aquela medida?” Ela abria o livrinho, indicava-me a folha e eu dobrava-a. Chegava ao pé do patrão e dizia-lhe: “Olhe, isto ou aquilo não é assim, mas desta forma ou daquela”. “Mas quem é que disse isso?” Olhe, está aqui, no livrinho, pode ler”. Assim. Unidas, com muita coragem, com muito trabalho, com uma mestra à frente, a gente levantou o nosso sindicato e fizemos lutas muito importantes.

E a vida com o marido, como é que vai.

Bom, comparando com o que eu passei, estou no céu, apesar do trabalho, das cansaças e da doença. O meu marido está reformado e deixou de beber. Temos os filhos casados e já fomos duas vezes à Suíça ver a nossa filha e os nossos netos.

Como é que o seu marido mudou tanto?

A bebida é que fazia aquilo. Ele chegou a estar internado no trapiche (Casa de Saúde para doentes mentais). Mesmo internado, ele estava sempre com raiva de mim. Queria que eu lhe levasse bebida e eu não lhe fazia a vontade. Mas fez lá tratamento, ficou melhor. Depois comecei a ameaçá-lo que ia para a Suíça e o deixava só, abandonado como um cão. Ele pôs-se a pensar, deixou de beber e viu que a gente

assim vive bem. Coitado o meu velho, agora até me vai levar o almoço ao trabalho para eu comer quentinho.

Eis um exemplo de como uma mulher sem instrução, pobre, mal casada, com um emprego desgastante e mal remunerado, sofrendo toda a espécie de tiranias e privações, nunca perdeu a perspectiva, a dignidade, a vontade de vencer, o direito de ser uma mulher de cabeça erguida.

(Esta entrevista foi realizada há alguns anos)

BEATRIZ

SOU FILHO DAS ERVAS VERDES NETO DAS ÁGUAS CORRENTES

Ela nasceu em 1934, num lugar recôndito da Ilha, longe de tudo, com o mar ao fundo e a floresta laurissilva a seguir ao povoado, numa casa de construção rudimentar, em conformidade com as fracas posses de seus pais, que ali puseram no mundo oito filhos e os criaram com muitas dificuldades.

Seus quatro irmãos mais velhos, à medida que foram ganhando corpo, iam trabalhando para ajudar a sustentar a família, como empregados em casas de famílias mais abastadas, proprietários de terras que precisavam de braços para cavar, semear, colher, ir buscar madeiras e mato à serra e tratar de vacas. Eram os moços de casa alheia. A sua única irmã foi para a cidade como empregada doméstica, designada de criada ou sopeira. Seus dois irmãos mais novos foram os únicos da família a frequentar a escola. Beatriz continuou ao lado dos pais, trabalhando como qualquer outra mulher do campo.

Até que um dia a desgraça bateu à porta. Os pais saíram de casa, felizes, pois iam conhecer a primeira netinha que nasceu no Funchal, do filho mais velho, que entretanto casara. Ao passar debaixo das rochas, veio uma pedra, pequena, mas o suficiente para matar aquele pai de família, com 50 anos, que não chegou a ver a netinha e deixou dois filhos ainda em idade escolar.

Tudo se desmoronou naquela casa. Os mais novos foram para a cidade servir em casas particulares, como muitas raparigas da época, e ela também trabalhou como empregada doméstica em diversos lugares ou na freguesia, nos trabalhos do campo, a “dar dias fora”, como se diz vulgarmente.

A certa altura, apareceu na freguesia um homem de fora, um sapateiro, viúvo, com cinco filhas, a mais velhinha era pouco mais que adolescente e era ela quem cuidava do pai e das irmãs. O homem queria ter uma mulher e Beatriz também queria ter o seu homem, como qualquer outra. Casaram, nasceu o primeiro filho e o homem começou a se desvincular das filhas do primeiro casamento. Um foram internadas, uma vivia na casa da madrinha, a mais velha foi cuidar da sua vida. Passaram muitos anos para as filhas/os de Beatriz conhecerem as manas, como elas costumam dizer. Sabiam que tinham irmãs mais velhas, mas não as conheciam nem sabiam do seu paradeiro. Só as conheceram muito mais tarde. Aliás, nem Beatriz nem as filhas/os souberam nunca quem era a família daquele homem. Como diz a cantiga “Sou filho das ervas verdes, neto das águas correntes”.

Foram nascendo as crianças, Beatriz foi cuidando delas o melhor que podia, mas o marido era um irresponsável, levou a família a viver em diversos lugares, às vezes partia para a vida airada durante dias e os problemas económicos eram muito difíceis

de gerir. Morreram duas crianças, mas as outras foram crescendo e foram para a escola. Todos/as têm a escolaridade obrigatória, apesar da pobreza.

Até que o homem começou a sentir-se cansado, doente, Beatriz também se foi esgotando com aquela vida difícil, mas sempre olhando pelos filhos e filhas, pois eram os seus únicos bens.

Entretanto o homem morreu, não de velhice, mas de várias doenças que o atormentavam. Beatriz tinha um filho de 17 anos, que já trabalhava, dava dias fora nas casas da freguesia, mas os/as restantes eram ainda crianças. Pior que tudo, ela também estava doente, fatigada duma vida de cansaço e sofrimento. Mas nenhuma das crianças foi internada, como aconteceu com as irmãs mais velhas.

Apoiada por alguns familiares, tratou-se, começou a recuperar um pouco as forças e, bem aconselhada, inscreveu-se na Casa do Povo, como trabalhadora rural. Nem sempre era ela que ia “dar os dias fora”, mas mesmo que fosse o filho e mais tarde as filhas a trabalhar, o patrão mandava os descontos em nome da mãe, e dessa maneira começou a chegar a casa o abono de família, mensalmente, que ajudou bastante a criar os/as filhos/as e foi contando para um dia ela receber a sua reforma.

E aqueles filhos e filhas, nascidos na pobreza, com um pai irresponsável e que partiu cedo deixando-os desamparados, ao menos tiveram uma mãe que lhes deu amor e carinho, os uniu à sua volta e fê-los crescer como pessoas responsáveis, trabalhadoras, úteis à sociedade e hoje são pais e mães e com famílias bem estruturadas.

Beatriz chegou à idade da reforma e começou a receber a sua pensão, porque tinha descontado, tinha cuidado da sua família e da sua velhice. A casa de seus pais estava já muito velhinha e uma das filhas, com o marido, assumiu o compromisso de reconstruir a casa, para que a mãe não ficasse dependente, sem um tecto para morar.

Compraram as partes dos tios e tias e começaram as obras. Mas a doença fatal chegou à porta. Foi operada, tiraram-lhe os dois seios, mas Beatriz não resistiu e morreu na casa de uma das filhas e não na sua casa, como era seu desejo e dos/as filhos/as.

Já se passaram alguns anos, mas ainda hoje eles/as choram a perda daquela mãe, que tendo poucos bens materiais para lhes dar, lhes deu amor e carinho e os ensinou a se amarem como irmãos. Apesar de actualmente viverem afastados uns dos outros, em diversas ocasiões, como no Natal, encontram-se para confraternizar e partilhar aquele amor fraterno.

LÍDIA

DESDE PEQUENINAS TÍNHAMOS DE APRENDER A MANTER AS DISTÂNCIAS

A Lídia andava na escola e sentava-se ao meu lado, na mesma carteira. A sala da escola era pequenina, sentávamo-nos três em cada carteira, que deveria ser apenas para duas alunas. Lá nos arrumávamos e algumas de nós aprendemos, fizemos o exame de terceira classe e só eu e outra menina fomos para a quarta classe e fizemos exame.

Um certo dia, a Lídia chegou, já estávamos todas sentadas e a professora, à nossa frente, sentada no estrado, que era um móvel à medida do governo dessa época. Os alunos tinham de estar num lugar mais baixo, por isso havia o estrado para o/a professor/a. Desde pequeninas tínhamos de aprender a manter as distâncias e a ocupar o nosso lugar mais baixinho, humilde, não fosse alguém pensar que somos todos iguais enquanto seres humanos.

A Lídia entrou e sentou-se ao meio de nós, que era o lugar dela, e a professora olhou, chamou por ela e ditou: “Olha, tu vens um dia à escola, faltas outro, isto assim não pode ser. Eu não sou obrigada a manter-te aqui, uma vez que faltas muitas vezes. Portanto, sai daqui e não voltes mais.”

Eu era uma criança como a Lídia e ainda tenho gravado na minha memória este momento. Vi a Lídia sair da sala, muito triste e nunca mais se sentou ao nosso lado.

Esta menina era órfã de pai, a irmã mais velha era asmática, não podia ajudar a mãe e era a Lídia que, mesmo pequenina, tinha de trabalhar ao lado da mãe para sobreviverem. Elas tinham terras, mas é preciso trabalhar muito para tirar da terra o sustento, neste caso, para três pessoas. E, apesar das dificuldades, aquela mãe matriculou as filhas na escola para que aprendessem a ler e a escrever, de modo a saberem ler uma carta e escrever outra, que era o que as pessoas costumavam dizer.

E em vez de a professora valorizar esta vontade de aprender para sair do escuro do analfabetismo, que era o que aquela mãe queria, escorraçou a criança, sem dó nem piedade. A mãe ainda falou com a professora, implorou, que a Lídia mal tinha começado a aprender a ler, precisava de andar mais algum tempo na escola para aprender mais um pouco e, mesmo que saísse mais cedo da escola, o que acontecia com muitas alunas/os, pelo menos ficasse com alguns conhecimentos de leitura e escrita, mas a professora não quis saber de nada. Estes acontecimentos passaram-se na década de 40.

Era o sistema. A escola não era para toda a gente, o País não precisava de letrados, dizia Salazar, cada professora acabava por ter uma salinha a abarrotar de meninas ou meninos, divididos em quatro classes, e era uma trabalhadeira. A solução era jogar os mais fracos pela borda fora e aliviar a pressão. Os sistemas políticos têm tido sempre os seus servidores colaboracionistas, sim, porque não são apenas os governantes a segurarem o poder. Eles têm o sistema montado, têm os seus cúmplices. Ainda

estamos à espera de um sistema político para servir os cidadãos e não os cidadãos a sustentarem o Poder, que é muito mais que o Governo e os políticos.

A Lídia deixou a escola no primeiro ou no segundo ano de escolaridade, trabalhou muito ao lado de mãe para o seu sustento e só depois de adulta aprendeu a ler e a escrever, para não ser analfabeta. Hoje olha para um jornal ou para as legendas da TV e sabe o que lá está, sabe decifrar a mensagem, o que nem todos são capazes. Há gente que soletra, mas não sabe o sentido.

E a Lídia casou com um homem mais velho que chegou da emigração e viveram muito felizes durante alguns anos. Mas o marido, além de ser mais velho, foi afectado de diversos males e a Lídia ficou viúva e inconsolável.

A filha esforçou-se muito, acarinhou-a, levou-a para a sua casa no Funchal para cuidar dela e ao fim de alguns anos a Lídia saiu da depressão que a atormentou e hoje, apesar da idade e das doenças, é uma pessoa autónoma e conformada com a sua situação de viúva.

E junto da filha, dos netos e pessoas amigas ainda conta o triste episódio da professora que a pôs fora da escola quando era menina e queria aprender a ler e a escrever.

LURDES

E O RAPAZ MUDOU DE COR PORQUE NÃO ERA AQUELA A SUA AMADA

Lurdes é uma mulher com 77 anos e uma experiência de vida que nenhum de nós gostaria de ter. Viúva, vive com uma reforma de bordadeira de trezentos e tal euros e a pensão de sobrevivência de cento e poucos euros. Apesar das suas maleitas e do dinheiro que tem de gastar em medicamentos, diz que ainda dá uma coisinha aos filhos e aos netos, porque o governo anda a cortar nos ordenados e gosta de ajudá-los. Como sempre viveu pobre, aprendeu a fazer render o seu dinheirinho.

Nasceu no seio de uma família pobre e numerosa. Sua mãe teve nove filhos (não havia planeamento familiar) e ficou viúva aos 47 anos. Lurdes tinha apenas sete anos de idade. Foi uma luta para sobreviverem sem apoios sociais, que não havia, era o tempo do fascismo, nem sequer abono de família para as crianças, pois os trabalhadores rurais, bordadeiras, trabalhadores de obra de vimes, empregadas domésticas e alguns outros, não estavam inscritos na Caixa de Previdência nem na Casa do Povo.

Lurdes era a mais nova da família e conta que passaram muitas necessidades, que a mãe muito labutou para dar de comer aos filhos/as, mas nem sempre havia comida na mesa para matarem a fome. Nenhum destes filhos/as frequentou a escola para aprender a ler e a escrever, por falta de dinheiro e porque começaram a trabalhar desde pequeninos. As raparigas aprenderam a bordar desde cedo e depois foram fazer outros trabalhos, ainda meninas. Como disse Soeiro Pereira Gomes: OS FILHOS DOS HOMENS QUE NUNCA FORAM MENINOS (Esteiros).

Aos nove anos foi trabalhar na apanha dos vimes, a trabalhar de sol a sol e também a descascá-los para serem vendidos. Trabalhava um dia inteiro em troca de uma única refeição e levava para casa umas batatas doces para ajudar nas refeições da casa. Os irmãos mais velhos trabalhavam nas obras ou a dar dias fora no campo, quando aparecia, mas ganhavam pouco. Passaram muita fome e outras necessidades.

Uma irmã mais velha, a Rosa, foi trabalhar para a cidade aos nove anos, lá dormia e comia e, segundo diz a Lurdes, teve mais sorte que nós, porque não passava fome, apesar da tristeza de deixar a casa da família e trabalhar duramente numa idade que seria de frequentar a escola e brincar livremente.

Lurdes cresceu e tinha muita pena de não saber ler nem escrever. Como tinha umas primas que foram à escola, chegou a frequentar a casa da tia e começou a aprender com elas. Mas a vida era muito exigente, era preciso trabalhar muito para ter muito pouco e não conseguiu aprender tanto quanto desejava. Mas não é analfabeta. Conhece as letras todas e os algarismos, assina o seu nome e consegue ler alguns nomes, dos mais pequenos, partindo do conhecimento das letras. Há sempre uma

possibilidade de aprender, quando não se é fatalista e não é apenas a escola que ensina, apesar de ser esse o lugar por excelência para as aprendizagens mais substanciais.

Aos vinte anos era uma jovem atraente e havia um rapaz, o Amândio, que gostava dela e ela dele. Mas não se falavam. Avistavam-se, acarinhavam-se com os olhos e nada mais. O Amândio nem sequer sabia o nome dela.

Um dia, decidiu bater na casa dela e pedir a sua mão em casamento. Mas precisava saber o nome da jovem. Perguntou a um amigo o nome daquela rapariga e o amigo, que também não sabia a finalidade da pergunta, fez-lhe uma pirraça: “Ela chama-se Cecília”.

Vai o Amândio a casa de Lurdes, à noite (estas coisas tinham de ser feitas à noite, sem ninguém saber) e atirou logo a conversa para a futura sogra: “Venho pedir a sua filha Cecília em casamento”. A mãe disse que sim, estava bem, chamou a Cecília e o rapaz mudou de cor, porque não era aquela a sua amada. Mas não foi capaz de voltar atrás, dizer que se tinha enganado... E aceitou casar com a Cecília, mesmo gostando da Lídia. Faz lembrar aquela passagem da Bíblia que Jacob trabalhou sete anos para casar com Raquel e o pai lhe deu a Lia.

Enfim, Amândio era um rapaz honrado, ensinaram-no que a palavra vale mais que tudo, aceitou a sua sina, casou com Cecília e foi-lhe fiel até o fim dos seus dias. Este é o retrato da mentalidade portuguesa. Não que os portugueses sejam todos fiéis! Mas o povo português é fatalista, foi embalado no fado, e ainda hoje, apesar de já vivermos em “liberdade e democracia”, a maioria das pessoas continua a viver presa ao fatalismo: O que se há-de fazer? Não se pode fazer nada! Se levantarmos a voz ainda é pior! E lá vamos vivendo, pobrezinhos, um dia de cada vez, cantando e rindo, mesmo com a barriga a dar horas.

E Lurdes viu o seu amor casado com Cecília, não quis estragar aquele casamento que a irmã e a mãe faziam muito gosto e foi deixada para trás. E nunca mais teve uma oportunidade daquelas. Mais tarde, foi cuidar de uma prima que estava muito doente e das três crianças do casal. A senhora Ludovina, que morava perto dessa casa, dizia à boca pequena que a Maria José estava a morrer por causa dos maus tratos que o marido lhe tinha dado.

A Maria José morreu e a Lurdes continuou a cuidar das três crianças órfãs de mãe com 6, 10 e 13 anos e afeiçoou-se a elas. Entretanto, o viúvo Manuel quis casar com a Lurdes. Queria ter uma mulher e tinha as crianças para cuidar. E, diga-se de passagem, depois de casarem não teve de pagar à Lurdes para cuidar das crianças.

Apesar de o homem ter fama de mau, rude e bêbado, Lurdes casou com ele. Com 31 anos e solteira, se não casasse logo “ficaria para tia”, “morreria de pés amarelos”, como se dizia, como se o casamento fosse uma obrigação! Ou ser vergonhoso continuar solteira! Mas a sociedade imprimiu estes conceitos e grande parte das pessoas não consegue desenredar-se desta trama.

Se a vida anterior tinha sido triste e tormentosa, depois de casada foi um calvário. O homem maltratava-a, proibiu-a de falar com a família, sobretudo com a irmã Cecília, casada com o Amândio, de quem ele dizia ter ciúmes, isto até ao fim da vida.

Após o nascimento do primeiro filho, Lurdes saiu um dia de casa e foi ter com a mãe, para não levar pancadaria. Mas algum tempo depois voltou porque o bebé precisava de leite e faltava-lhe o dinheiro para comprar. E regressou ao seu calvário.

O homem saía de casa às seis da manhã para trabalhar na construção civil, Lurdes levantava-se de madrugada, pelas quatro e meia e preparava-lhe o almoço que ele levava para o trabalho. Mas grande parte do dinheiro nem chegava a casa, era gasto na venda em bebida com os amigos. Quando ele se demorava, Lurdes e as crianças já tremiam, porque sabiam que ele vinha bêbado e havia porrada da grossa, na mulher e até nos filhos.

E depois de o homem se acalmar, Lurdes deitava os filhinhos a dormir, sentava-se a bordar à luz do candeeiro pela noite dentro, bordando e chorando, para obter algum dinheirinho e obviar algumas despesas da casa, sobretudo para manter os filhos na escola, para que eles estudassem e tivessem uma vida melhor que a dos pais.

Lurdes diz que o marido, apesar da rudeza e da maldade, quando estava sóbrio ainda pensava nos filhos, gostava que eles estudassem para terem uma vida melhor que a dele, mas logo acabava a sobriedade, voltava à bebida e à vida de sempre.

O Manuel já faleceu, a Lurdes cuidou dele o melhor que pôde e agora é ela que se sente fraca e cansada, depois de uma vida de desgostos, maus tratos e pobreza, mas sente-se amparada pelos filhos, sobretudo o filho mais velho e a família e a filha mais nova que, apesar do seu trabalho, lhe faz muita companhia e faz o que pode pela mãe, como o fazem a maioria das filhas/os deste país.

LUISA

LUISA SOBE SOBE QUE SOBE SOBE A CALÇADA

A Luisa de quem vos falo aqui não sobe a calçada de Carriche nem a de Santa Clara. Sobe um longo caminho de um monte, num arrabalde desta cidade, o Lombo dos Aguiares. Numa “Zona Alta”, como é comum dizer-se.

Tinha 55 anos e continuava a subir o caminho para sua casa, à noite, depois de fazer 8 ou 10 horas de limpeza em diversas empresas. Enquanto subia o caminho, íngreme e comprido, ia pensando na sua vida, cheia de tristezas, canseiras, desgostos e aflições.

Casei com 25 anos. Conheci o meu marido a trabalhar numa obra lá na freguesia, casámos e vivemos felizes os primeiros anos.

Foi feliz na sua infância e juventude?

Eu saí de casa aos doze anos, fui para casa alheia, ganhar 70\$00 por mês, a trabalhar no campo. Trabalhei alguns anos fora de casa. Quando estava em casa, bordava e trabalhava na terra.

Luisa sobe e recorda a sua odisséia por diversos lugares, em diversos momentos, em diversas circunstâncias.

A minha desgraça começou no dia em que eu e o meu marido saímos da minha freguesia. O meu marido foi trabalhar para outros lugares e eu fui com ele e as crianças. Aí começou o meu inferno. Ele começou a andar com outras mulheres, passava dias sem aparecer em casa e quando vinha não trazia dinheiro. Passámos muita miséria, eu e os meus filhos. Eu ajudava as pessoas nos trabalhos do campo e davam-me produtos da terra para a gente comer. Mas passámos muitas carências. Quem mais me ajudou, enquanto estive no campo, foi uma vizinha, que por sinal era prostituta. Até leite da vaca ela deu para os meus filhos, porque eu não podia comprar.

Uma ocasião, eu estava grávida de quatro meses e comecei a sentir-me mal. Disse ao meu marido, mas acha que ele fez caso? Saiu pela porta fora e só voltou daí a quinze dias. Eu estive muito mal, abortei, e a seguir tive uma grande hemorragia. Vi-me a morrer, com os meus filhos pequeninos ao meu lado. Quem me valeu foi a vizinha prostituta. Para o médico eu não podia ir, porque não tinha um tostão. Quando eu já estava melhor, a vizinha disse-me onde eu devia procurar o meu marido. Passei uma noite escondida num poio de couves, até que, ao amanhecer, vi-o sair duma casa para o trabalho. Eu calei a boca, porque estávamos no fim da quinzena e eu precisava que ele viesse para casa com dinheiro. Mas o dinheiro nunca chegou.

Um dia, fui a casa dessa mulher e dei-lhe uma pancadaria para ela largar o meu marido. Mas ele não mudava. Fomos do Porto Moniz para a Ponta do Pargo e os problemas continuavam. Depois viemos para a cidade. O meu marido disse que tinha alugado uma casa, mas quando chegámos não tivemos onde nos abrigar. Dormimos uma noite numa ribeira, em cima duma tábua, com a água a correr ao lado. Depois fomos para a serra. Dormi quinze dias na serra, em cima de uma saca, com as crianças dentro de uns caixotes, como se fôssemos bichinhos. Entretanto, conseguimos esta casa.

Era a casa do alto do monte, longe da estrada, longe da camioneta, sem água nem luz, mas que lhe serviu de esteio nessa hora trágica, e continuou por muito tempo a cumprir o seu papel: abrigar seres humanos. Mas a vida na cidade não era melhor. O homem ganhava pouco, gastava em bebida, fazia dívidas na mercearia, a família continuava à miséria.

O vendeiro já não me fiava nada. Eu cuidava das crianças e bordava em casa, mas não dava para nada. Nessa altura tinha sete filhos, entre 4 meses e 11 anos. Um dia, ele saiu de casa e não voltou. Embarcou com outra para Lisboa e de lá foi para a França. Eu fiquei à miséria. Fui trabalhar numa casa a ganhar 600\$00. Pagava 250\$00 de casa, 200\$00 para uma senhora cuidar das crianças mais pequenas e 150\$00 para os maiorzinhos ficarem num centro depois da escola. Não ficava um tostão para nada. A gente vivia de esmolas e farinha de milho que eu levava da mercearia. Cozia à noite uma panela de milho para as crianças comerem no dia seguinte. Às vezes eu levava comida da casa onde trabalhava. Mesmo que estivesse azedo a gente comia.

Depois internei os mais pequenos e comecei a trabalhar em diversos lugares.

Quantas horas trabalhava por dia?

Durante alguns anos, eu começava a trabalhar às 8h da manhã e acabava às 11h da noite. Foi assim que comecei a endireitar a minha vida. Entretanto, uma inglesa queria comprar a minha filha, mas eu disse: “ Eu não tenho nada no mundo se não os meus filhos, mas não são para vender.” Como ela conheceu a minha vida, passou a mandar-me algum dinheiro, que me ajudou muito. Fui abatendo na dívida da mercearia e deixei de comprar fiado. Foi a maneira de me livrar das dívidas da mercearia.

O seu marido nunca mais voltou?

Ah! Voltou! Saíu de casa sete vezes e voltou sempre. Depois fui eu que o pus fora de casa.

Conte lá como é que foi.

Ele veio de França entrevado. Teve um acidente, foi para o hospital e, quando estava prestes a receber uma pensão, fugiu e veio ter comigo. Eu é que o tratei. Arranjei-lhe um cartão como meu beneficiário da Previdência, levei-o ao médico e foi novamente operado à perna. Depois tratei dos papéis para ele receber a pensão de invalidez. Mas logo que ele se viu melhor, começou novamente a fazer a vida do costume. Até que

um dia saiu e levou tudo o que tínhamos em casa. A minha filha veio ao meu encontro, dizendo que não havia jantar, porque o pai tinha levado o fogão.

Aí, eu disse para mim: “Aqui ele não entra mais.” Até que um dia, estava eu a dormir no sobrado e ouvi tossir no quarto de baixo. Levantei-me, peguei num martelo e disse: “Some-te daqui que eu mato-te”. Ele vestiu-se à pressa e foi se calçar para o caminho. Depois levou-me para a polícia, reclamando que eu não o deixava entrar em casa. E eu disse: “Agora, nem polícia nem o diabo. Na minha casa ele não entra mais.”

Os polícias disseram-me que eu não era obrigada a recebê-lo de volta. Depois levei o caso para o Tribunal, porque ele andava a rondar-me a casa e até me ameaçou com uma arma de fogo. Mas depois da separação em Tribunal nunca mais tive problemas com ele. Agora tem outra mulher.

Divorciaram-se?

Isso não. Ele já me pediu o divórcio, mas eu não lho dei

Porquê?

Porque eu não preciso de outro homem. Jurei a mim mesma que não o queria mais nem a outro homem nenhum.

Como é que se sente agora?

Olhe, sinto-me bem, porque fui forte. Venci na vida e muito. Consegui resistir.

Luisa sobe, cansada, mas de cabeça erguida. Olha o céu e as estrelas donde nunca lhe veio apoio nenhum, e firma bem os pés na terra para segurar a luta. Ela sabe que o céu é azul de dia e estrelado de noite. Sabe que o sol nasce para todos, mas nem todos têm disponibilidade de gozar as suas benesses. Sabe que começou a lutar pela vida aos doze anos como profissional. Mas sabe, sobretudo, que a Assistência Social não lhe deu um bocado de pão para os seus filhos (apenas lhe pagou a renda de casa durante seis meses), que o homem que jurou amá-la e acompanhá-la apenas se serviu dela, e que foi uma prostituta e uma estrangeira quem mais a ajudou nas suas misérias e aflições.

LUISA SOBE
SOBE QUE SOBE
SOBE A CALÇADA

ISABEL

ORGULHA-SE DE TEREM POSTO A FUNCIONAR O CENTRO DE SAÚDE DA CALHETA

Dá gosto conversar com esta senhora: amável, inteligente e segura nos gestos e nas palavras.

Formou-se em Direito, mas não seguiu a advocacia, apesar de ser filha de um advogado. Em 1973, chegada de Coimbra com o diploma do Curso de Direito, entrou para os quadros da Caixa de Previdência (hoje Segurança Social) com a categoria C.P. Chefe de Secção. Um ano depois foi promovida por mérito, para chefe de divisão. Passou a ser o braço direito da Direcção da Caixa de Previdência.

O Presidente, o Doutor Albino, propôs-lhe este desafio, em segredo, para que o chefe que ocupava o lugar não soubesse que ia ser substituído. Saiu uma ordem de serviço no fim da tarde de uma sexta-feira e na segunda-feira de manhã a Isabel tomou conta do novo serviço. Não houve tempo de ninguém mudar nada.

Isabel passou a dirigir tudo o que era serviço administrativo e o anterior chefe foi mudado para a área da saúde. Desempenhou o cargo com muito profissionalismo e afirma que aprendeu bastante, sobretudo no respeitante a procedimentos que lhe serviu para toda a sua vida profissional.

Anos depois, concorreu a uma vaga no Hospital. Ganhou o concurso e, para exercer esse cargo, precisou fazer um curso de Administração Hospitalar, uma pós-graduação durante um ano, entre 1975-76. Após esse curso, começou a trabalhar no Hospital Distrital e aí se manteve, de 1976 a 2005.

Em 1978, deu-se a fusão dos três hospitais: Hospital Nélio Mendonça, João de Almada e o dos Marmeleiros. Em 2005, Isabel foi trabalhar para o Hospital João de Almada, como administradora geral até se reformar em 2011.

Como cidadã, aderiu ao Partido Socialista no pós 25 de Abril e tem tido sempre um papel activo como militante. Foi deputada na Assembleia Legislativa da Madeira em substituição de outro deputado que deixou o cargo por motivos pessoais.

Também exerceu o cargo de vereadora sem pelouro na Câmara Municipal do Funchal, substituindo o Pestaninha que saiu da Madeira.

Mas logo nos primórdios da revolução de Abril, na primeira Junta Governativa criada na Madeira, Isabel foi convidada para fazer parte do gabinete de apoio ao Monteiro de Aguiar. Esteve a trabalhar neste gabinete durante um ano em regime de destacamento.

Como tinha feito amizade com um casal, ela madeirense e ele continental, que em Lisboa tinham aderido ao MDP-CDE e eram políticos activos (agora são muito activos no PSD), Isabel propôs incluir esses amigos no tal gabinete e ainda a escritora Maria do

Carmo Rodrigues. Entre muitas outras coisas novas que criaram, Isabel orgulha-se de terem posto a funcionar o Centro de Saúde da Calheta, que estava desactivado.

Actualmente tem um cargo executivo numa Junta de Freguesia do Funchal. Como está reformada, dedica grande parte do seu tempo à Junta de Freguesia, até porque não podem contratar mais funcionários e há muito trabalho a fazer na Junta.

Em termos da sua vida pessoal, foi casada, mas separou-se quando o único filho tinha oito anos. Criou o filho com a ajuda da mãe e diz que não teve mais nenhum companheiro na sua vida com carácter permanente. Confessa que foi uma privilegiada, apesar de não ter nascido numa família rica. O pai era advogado, ganhava bem, mas não acumulou riqueza. Deu um curso universitário a todos os quatro filhos, o que representa um grande investimento. Eram poucas as famílias que nessa época conseguiam pôr quatro filhos na Universidade.

Afirma com orgulho que teve uma mãe com mentalidade aberta, muito à frente do seu tempo, o que influenciou bastante a sua formação pessoal. A mãe de Isabel estudou no liceu até o 7º ano (que era o último ano do liceu), um feito excepcional para uma menina que nasceu em 1911. Casou em primeiras núpcias com um senhor de origem dinamarquesa que foi deportado pela ditadura nos anos trinta. A mãe de Isabel esteve com o marido a viver em Espanha, onde ele era exilado político.

Depois de enviuar, casou novamente com o pai de Isabel e tiveram quatro filhos: três rapazes e uma rapariga, Isabel. A senhora conduzia carro, num tempo em que havia poucos carros e ainda menos mulheres a conduzir. Tomava banho na Pontinha, como era costume na época e até usou um fato de banho moderno, sem a saiinha a cobrir as coxas, com toda a naturalidade.

Quando o marido achou que a sua menina, a Isabel, não deveria fazer o 5º ano todo de uma vez, que seria melhor fazer em dois anos: a parte de letras num ano e a parte de ciências no outro, a senhora opôs-se. “Achas que a nossa filha é menos capaz que os irmãos? Ela vai estudar como os outros e se reprovar, repete. Não vamos limitá-la à partida.

Após o 7º Ano, era hábito as meninas de famílias abastadas irem um ano à Inglaterra estudar inglês. Mas a mãe opinou: “A Isabel vai para a universidade estudar como os irmãos.” E assim foi. E chegou a Coimbra a conduzir o seu carro que a madrinha lhe ofereceu. Até nisso Isabel sente que foi privilegiada.

Quando estava em Coimbra, com o calor do Verão, Isabel vestia shorts, como costumava usar na Madeira, mas nessa época poucas mulheres o faziam. Mas ela era assim, muito naturalmente, sem complexos nem por exibição. Mais tarde, um colega contou-lhe que quando estudavam em Coimbra, esperavam em grupo que ela passasse para lhe verem as pernocas, porque era a única rapariga que eles avistavam de shorts.

Hoje sente-se bem consigo própria, tem um filho licenciado em gestão e quatro netos. Podemos dizer que foi e é uma vida de sucesso. Estudou, trabalhou, enfrentou a vida de cabeça erguida, tanto na profissão como na política e, mesmo reformada, continua a dar o seu contributo na comunidade onde está inserida.

TERESA

O MACHÃO PASSOU A TER MEDO FILHO

Nasceu no Norte da Ilha, numa casa humilde, há 64 anos, em 1950. A mãe teve 12 filhos, alguns morreram bebês e um já morreu com 50 anos. Actualmente, tem 7 irmãos e irmãs.

Teresa fala da sua infância com alguma nostalgia, apesar de nascer e crescer num ambiente de pessoas simples e pobres. “Nós éramos pobres, mas não era aquela pobreza extrema. Nunca faltava comida na mesa, nunca fomos para a cama sem comer, como mais tarde me aconteceu. Meu pai era muito trabalhador e preocupava-se com a sua família. Minha mãe bordava e cuidava dos filhos/as”.

Aos cinco anos veio com uma tia para o Funchal. Ela era empregada doméstica na casa de um padre e Teresa viveu aí durante dois anos. Aos sete anos voltou para a casa dos pais, frequentou a escola, mas nas férias passava temporadas com a tia, que gostava muito dela. Confessa que não era boa aluna e não passou da primeira classe. Era muito faladora e não se sujeitava a aprender. Nessa época, as famílias não se preocupavam muito com a escola das filhas/os. Desde muito cedo, com seis e sete anos, cuidavam dos irmãos e irmãs mais pequeninos para as mães trabalharem. No caso da Teresa, a mãe era bordadeira de casa e a filha maiorzinha cuidava dos pequeninos para a mãe se concentrar no trabalho.

Mais tarde, mulher casada e mãe de filhos, com 28 anos, frequentou a escola em Santo António para saber ler e escrever. Nunca é tarde para aprender. “Fui à Rua das Hortas buscar o meu diploma da quarta classe. Eu sei que faço muitos erros na escrita, mas as pessoas compreendem o que eu escrevo.”

Com a idade de onze anos veio viver para o Funchal com toda a família. O pai trabalhava na construção civil e a mãe bordava e trabalhava alguns dias em casas particulares em serviço doméstico.

Ela conta que o pai recebia o salário à semana e, à sexta-feira, iam pôr “a saca” à barraca (um estabelecimento de venda de frutas e legumes) na Rua da Cabouqueira, para o pai levar as compras à noite. Não gastava o salário em bebida ou outras leviandades e continuava a cuidar da sua família, como já fazia na freguesia.

Aos 13 anos, Teresa entrou de namoro com um rapaz mais velho e casou aos 15. Era uma menina. Aos 16 anos teve a primeira filha. Mas o marido não se preocupava com a família como o pai dela fazia. Quando trabalhava, recebia, gastava e raramente chegava a casa com algumas compras. Teresa bordava em casa, cuidava das crianças, mas o dinheiro do bordado não chegava para alimentar a família. Passaram muita fome. Ela conta que muitas vezes foram para a cama, ela e as crianças, apenas com um cafezinho de cevada, sem nada para mastigar. E, se não tinham comida à noite, o que poderiam comer de manhã?

Nos primeiros tempos de casada poderia trabalhar fora de casa e ganhar melhor que no bordado, mas o marido não deixava. Teresa era uma menina e cedo começou a ser subjugada pelo homem: machão, irresponsável, bêbado e violento. Teresa nunca ousou levantar a voz àquele homem, que há muitos anos deixou de trabalhar e tem vivido às custas dela. Ainda hoje, com 73 anos, caquético da bebida e da preguiça, lhe inferniza a vida e ela tem medo dele.

Quando era mais novo, chegava a casa bêbado e batia-lhe sem dó nem piedade. Ela chegou a esconder-se debaixo da mesa, tapada com a toalha para ele não a ver. Geralmente, quando ele chegava com aquela fúria, fugia de casa e os filhos iam atrás dela. Muitas vezes dormiam na rua para não apanharem pancadaria.

É mãe de seis filhos, que criou com muito amor e sacrifício e morreram duas crianças ainda bebês. Ela afirma que os bebês morreram porque levou pancadaria quando estava grávida e as crianças nasceram com sequelas.

Há 33 anos, em 1981, deixou de ter filhos, já tinha uma filha grandinha que começou a tomar conta da casa e foi trabalhar para a casa Leacock, fazer amostras de bordados, que são trabalhos bem executados para o patrão apresentar aos clientes e conseguir encomendas. Começou a ganhar dez mil escudos/mês. “A partir daí comecei a levantar cabeça, já tinha mais dinheiro para governar a casa”.

Mas ele continuava a maltratá-la. Ia com ela até o trabalho, depois ia esperá-la à saída, vinha com ela para casa, não fosse ela dirigir a palavra a alguém e arranjava pretextos para a humilhar e maltratar.

As colegas muitas vezes lhe levavam alguns cozinhados da sua casa, uns petiscos, mas recomendavam: “Isto é para ti e os teus filhos! Não dês nada àquele malandro!” Ela chegou a comer com os filhos e deixar a panela vazia e lavada: “Olha, hoje não há nada para comer”. Mas não servia de emenda. Ele vinha da tasca bem servido, se não comesse em casa, não fazia assim tanta falta.

Um dia, estava na tasca, como de costume, e descuidou-se das horas. Como já não conseguia chegar a tempo à saída do trabalho, pôs-se à espera dela, discretamente, e quando a Teresa chegou perto dele, o raio do homem inventou uma história que o motorista de um carro tinha buzinado para ela e zás, pancadaria na rua, à frente de muita gente. Uma colega que vinha com ela do trabalho, pegou no guarda chuva e partiu-o em cima dele. E o homem apanhou e enxugou-se.

A Teresa chega a casa, o filho mais velho estava à espera e perguntou-lhe o que tinha acontecido. Ela escondeu tudo, disse que não houve nada. “Eu sei que o pai bateu na mãe, mas eu estou aqui à espera dele.” Quando o agressor entrou em casa, o filho deu um murro na mesa e enfrentou o pai. Foi uma guerra e alguém chamou a polícia para acabar o desacato.

A partir desse dia o machão passou a ter medo filho. Bastava a neta dizer que o tio estava a tocar à campainha para que ele se acalmasse e cheio de medo gritava: “Não se abre a porta, faz-se de conta que não está ninguém em casa”.

Mas os filhos/as foram saindo de casa e Teresa ficou só com ele e continuou, até hoje, a aturar aquele homem violento, a alimentá-lo e a cuidar de quem tanto a maltratou e maltrata. Se não pode bater, é capaz de passar noites inteiras a encher-lhe os ouvidos com as suas maldades.

Ele casou com uma menina nova, como outros agressores o fazem, e assim teve mais condições de se impor, de ditar as regras. **A Carta de Guia de Casados**, escrita há alguns séculos, aconselhava os homens a casarem com jovens bem novinhas , não fosse o caso de já terem hábitos de autonomia ou independência. “A mulher não era mais que dócil instrumento a ser moldado pelo homem...”

VIRGÍNIA

PARTIU PARA MOÇAMBIQUE COM DUAS CRIANÇAS NOS BRAÇOS

Nasceu no Funchal em 1950, no seio de uma família pobre, com uma mãe que entretanto ficou viúva com cinco filhos para sustentar. Era o tempo do fascismo, da pobreza e mais tarde da guerra colonial.

Ainda criança, foi viver para casa de uma tia onde, pensava a mãe, teria uma vida melhor que na casa dela, mais confortável e não passaria fome. E Virgínia passou a ser uma criadinha na casa da tia, como muitas outras crianças, que foram arrancadas ao seio familiar para irem viver com a madrinha, o tio, a senhora conhecida e cedo conheceram o que era ser criada de casa alheia. E mais, estas crianças exerciam muitas tarefas domésticas sem qualquer salário, apenas por um prato de comida. Quando já estavam grandinhas e a família queria levá-las para trabalharem em casa ou noutra lugar qualquer a troco de um salário, os patrões ainda reclamavam, que era uma ingratidão, pois tinham cuidado daquela criança de pequenina, e agora que já fazia alguma coisa já queriam levá-la. Normalmente era isto que acontecia, mesmo quando se tratava de familiares, como no caso da Virgínia.

Mas o pior de tudo para a Virgínia foi viver longe da sua família e, pensava ela, sua mãe não a estimava e por isso a despachou para casa da tia, enquanto que os irmãos e irmãs ficaram na casa da mãe. Estes sentimentos criaram amargura, mágoa profunda e revolta interior. Mais: esta menina não frequentou a escola, numa época em que a escola primária já era obrigatória, mas ninguém reclamou, penso eu, por ela não ter sido matriculada na escola. O pouco que sabe aprendeu na casa da tia e é pouco mais que analfabeta.

Virgínia cresceu, fez-se mulher e aos dezanove anos casou com um homem também pobre e engravidou logo de seguida. Ao fim de algum tempo nasceu a primeira filha. A vida na Madeira era difícil, já tinham uma família para sustentar e o padrinho da recém nascida conseguiu uma promessa de trabalho em Moçambique. O compadre falou com o marido da Virgínia, combinaram com a pessoa que andava a angariar pessoas para trabalharem numa fazenda e partiram os dois para Moçambique em 1972.

Estas pessoas não sabiam os perigos que corriam. Não tinham informações correctas, não sabiam o que era a guerra colonial e partiram à procura de uma vida melhor, como tantos dos nossos conterrâneos que emigraram para diversos lugares, inclusive para a África, se bem que não fosse considerado emigração partir para Angola e Moçambique. “Angola é nossa!” Era um slogan salazarista.

Em 1973, Virgínia partiu para Moçambique com duas crianças nos braços, porque entretanto já tinha nascido a segunda filha, uma vez que engravidou antes de o marido partir.

Na fazenda de Moçambique sentiram que tinham melhorado bastante a sua vida. Trabalhavam para um grande senhor português, uma figura grada do regime salazarista, tinham alojamento, comida e ainda tinham os moçambicanos/as como seus subalternos. Entretanto, nasceu a terceira filha do casal e chegou o 25 de Abril. Pessoas como a Virgínia e o marido não sabiam o que estava acontecendo. Ensinaram-nos que Moçambique era uma terra portuguesa, que os pretos deviam estar ao serviço dos brancos, que os guerrilheiros eram os turras que só pensavam em matar brancos. E agora? Que fazer? Vieram retornados para Portugal como todos os outros. E aqui chegados não tinham dinheiro, não tinham casa, não sabiam como ganhar o seu sustento.

Houve alguns apoios governamentais para retornados de que eles também usufruíram de alguma maneira, e foram os compadres, os padrinhos da segunda filha que, apesar de serem pessoas pobres, ajudaram muito, sobretudo na alimentação das crianças. Como não tinham onde morar, juntamente com outras famílias retornadas de África, ocuparam uma casa na Virtudes, São Martinho, que ficou conhecida como a “Casa 25 de Abril”.

Mas a Virgínia e o marido não estavam preparados para enfrentar uma situação tão difícil e mergulharam no álcool. Já tinham três crianças, que passavam fome, eram maltratadas e descuidadas. Quando o marido bebe e é irresponsável, mas a mulher é uma pessoa responsável e equilibrada, faz o possível e o impossível para proteger os filhos/as, mas quando os dois se entregam à bebida é o descalabro total.

Mais uma vez os compadres que os ajudaram na chegada de África tentaram proteger aquelas crianças, mas não tinham meios para obviar ao sustento de cinco crianças que andavam quase ao abandono. Mas, como pessoas responsáveis, procuraram apoio e conseguiram internar aquelas meninas, afastando-as da situação de risco a que estavam sujeitas.

É claro que as crianças sofreram muito, choravam porque queriam a mãe e o pai, e nós sabemos que um internamento é sempre uma violência. Mas em casos destes tem de ser assim. No internamento tinham alimentação, educação, condições de higiene e um tecto para se abrigarem. Estavam no Abrigo de Nossa Senhora da Conceição.

Virgínia e o marido, entregues ao álcool, não se preocupavam com as filhas e muito poucas vezes iam visitá-las. Muitas vezes, quando as filhas iam a casa ao fim de semana visitar os pais, encontravam um ambiente tão degradante, que os padrinhos iam pô-las rapidamente no Abrigo para afastá-las de casa, tal era a miséria física e moral.

E a Virgínia ainda deu à luz mais uma filha e um filho e foi buscar as filhas mais velhinhas ao internato para trabalharem e levarem dinheiro para casa. E foram as filhas que, à medida que foram crescendo, trabalharam para alimentarem as mais pequeninas, cuidarem da sua escolaridade, porque a mãe e o pai nunca foram capazes de se equilibrarem na vida. E parte do dinheiro que as filhas ganhavam ainda servia para a bebida e os cigarros.

Ainda hoje, são as seis filhas e o filho que olham pelos pais e os ajudam a sobreviver, porque o vício da bebida raramente se cura. E aquelas filhas, sobretudo as que estiveram internadas, ficaram com marcas profundas e ainda hoje sofrem as sequelas duma infância de maus tratos e abandono quase total da parte dos pais.

Virgínia é um produto acabado de alguém que não teve oportunidade de ser criança, não adquiriu conhecimentos nem força moral para enfrentar a situação dramática do retorno de África e nunca mais conseguiu equilíbrio interior nem responsabilidade perante a vida, nem sequer para proteger as filhas e o filho. É um exemplo muito negativo, associado ao marido, que também não foi capaz de enfrentar a situação e assumir as suas responsabilidades de pai de família.

MARIA

MARIA, TRAZ-ME CAFÉ...NÃO, ANTES QUERO CHÁ...

Maria nasceu em 1951, numa família humilde, como a maioria das famílias desta terra. O pai morreu cedo, a mãe trabalhava numa casa de bordados e Maria também foi trabalhar nessa empresa, ainda adolescente, a estampar bordados.

Aos 15 anos, menina fresca e formosa, começou a ser assediada por um jovem que ainda hoje é o seu companheiro. Ao princípio, Maria não queria aceitar aquele namoro, não se sentia atraída por ele, resistiu, mas tanto ele insistiu e tanto a assediou que ela caiu na sua lãbia. Como namorados, a relação corria bem, mas, entretanto, o rapaz foi chamado para a tropa e seguiu para a África, para a Guerra colonial.

Hoje os filhos sabem que o pai fez diversas patifarias na tropa que lhe valeram diversos castigos que estão averbados na caderneta militar. Mas Maria recebia cartas e postais do namorado com juras de amor eterno.

Passaram os quatro anos da tropa, ele voltou para a Madeira e algum tempo depois juntaram-se em união de facto, porque ele nunca quis assumir o casamento em termos oficiais e ainda hoje têm no seu BI o estado de solteira/o.

Mas a vida a dois cedo se tornou num inferno. O homem sempre exigiu que lhe servissem as refeições na cama, primeiro pela mulher e mais tarde também pelos filhos e filhas, à medida que foram crescendo. Às vezes desaparecia de casa durante semanas e Maria sabia que ele tinha amantes. Durante essas ausências, a família tinha de viver apenas com o magro salário que ela ganhava. Veio ela a saber um dia que, quando estavam noivos, ele levou uma amante para a casa da mãe. Aliás, as relações dele com a mãe deterioraram-se tanto que ele nem sequer foi ao funeral dela aquando da sua morte. Nenhuma mãe merece um comportamento destes da parte dum filho.

Este homem portou-se mal com a mãe, sacrificou a mulher a vida inteira (e o suplício ainda não acabou) e maltratava os filhos diariamente. Chegava a bater-lhes com a cabeça na parede. Se os visse brincar, dava-lhes pancadaria, não os deixava sair nem sequer para frequentar a casa dos vizinhos. Uma ocasião, ele chegou a casa à noite e a criança mais pequena, que ainda não tinha dois anos, chorava por um brinquedo que tinha ficado na casa de uma vizinha. O homem ficou a saber que a criança tinha estado a brincar na vizinhança, fez uma guerra e acabou por exigir que a mulher pusesse os filhos na rua, à noite, incluindo o menino mais pequeno e a mãe com ele lá dentro. E esta ordem foi cumprida sob a ameaça de explodir uma garrafa de gás dentro de casa com a família lá dentro.

Esse filho mais novo, já rapazinho, quando um dia lhe servia a comida na cama, enganou-se e entregou-lhe a faca com o corte para a frente e não com o cabo, como mandam as boas maneiras. Pois isto foi o suficiente para o rapazinho levar uma grande tarefa.

Maria levou pancada a vida inteira, mas nunca em presença de alguém. Os filhos nunca viram o pai bater na mãe. Era durante a noite, quando estavam na cama, que ele lhe dava socos nas costas. E ela ainda teve de assistir aos maus tratos que ele dava aos filhos/as, passou por muitas necessidades económicas porque o homem gastava dinheiro por fora, sobretudo com as amantes e ninguém a ajudou a sair deste cativo.

Os filhos cresceram, começaram a sair de casa e dois deles começaram a defender a mãe, apesar de terem muito medo do pai.

Uma ocasião, o homem apareceu em casa com armas de fogo, começou a ameaçar a família, apontou a arma ao filho mais novo, depois atirou ao lado e no meio deste horror o outro filho telefonou à polícia.

A polícia levou aquele tresloucado para a esquadra, mas nem assim o afastaram da família. Voltou para casa são e salvo e cada vez mais confiante nas suas forças e maldades.

Anos mais tarde, o filho mais novo apanhou o pai com uma soveira para ferir a mulher. O filho agarrou-o, conseguiu tirar-lhe a soveira, telefonou ao irmão e os dois foram participar do pai à polícia. Como ele já tinha a ficha suja na polícia por causa das armas de fogo, o caso foi enviado para o Tribunal, ele foi chamado, assim como a mulher, os dois filhos que participaram e uma das filhas. A mulher e os filhos contaram à juíza grande parte das agruras que ele lhes tinha feito passar durante muitos anos. A filha que foi ao Tribunal, recusou-se a depor e saiu a chorar.

A juíza deliberou que ele estava proibido de voltar para junto da mulher e dos filhos e teria de usar pulseira electrónica. Mas a filha e a mulher intercederam para que ele não fosse obrigado a usar a pulseira electrónica. E, no mesmo dia, a filha convenceu a mãe e foram buscá-lo. Levaram novamente este tirano para dentro de casa. Como é que uma filha condena aquela mãe, fraca e fragilizada, que durante tantos anos foi juguete daquele homem. Esta mulher precisava, naquele momento, de muito apoio para enfrentar uma nova vida. E a filha teve coragem de novamente pôr o pai a martirizá-la todos os dias, quando ela podia ver-se livre dele para sempre. Maria carregou aquela filha na barriga durante nove meses, pariu-a, criou-a e recebe com esta na cara. Ninguém merece isto! Se a filha tem tanta pena do pai, leve-o para casa e ature-o.

O homem voltou para casa, pediu perdão, como os agressores costumam fazer, mostrou-se arrependido, mas logo voltou à vida de sempre: Maria, traz-me café! Não, antes quero chá! Ó sua... e o meu café?!

Como agora dormem em quartos separados, ele vai a meio da noite ao quarto dela com o pretexto de que haverá um homem na cama, ou estará escondido no armário... faz-se ciumento para humilhá-la, espezinhá-la. Por vezes urina na cama de propósito e chama por ela: Ó sua... anda mudar a roupa da minha cama! Quando a vê prestes a sair de casa para o trabalho, é capaz de se fazer doente, às vezes finge que está desmaiado, para ela sair angustiada.

Ainda há pouco tempo o filho mais novo, o único que ainda vive na casa dos pais, apanhou-o com uma sovela na mão, à espera que Maria saísse da casa de banho para fazer-lhe mal.

Temos aqui mais um exemplo de uma mulher que se deixou envolver com um homem aos quinze anos, que tem sido maltratada a vida inteira e que não consegue libertar-se, talvez porque está demasiado habituada àquela vida, mas sobretudo porque precisa de mais apoio familiar que não tem. Em muitos casos, são as famílias que impedem as vítimas de se libertarem, talvez porque não são capazes de enfrentar o que as pessoas vão dizer, sabendo que a sociedade, em vez de proteger a mulher vítima, a critica e a condena. É a sociedade machista, patriarcal, de domínio masculino sobre o feminino.

HELENA

JÁ TINHA 18 ANOS QUANDO CONSEGUIU ALTERAR O REGISTO COMO “FILHA DO PAI”

Nasceu na Calheta em 1953, filha de uma mãe solteira, em união de facto com o pai das cinco filhas que puseram no mundo.

Helena afirma que a mãe foi traída pelo pai. Este era de Machico, casado, tinha lá mulher e filhos, chegou à Calheta e fez-se passar por solteiro. Namorou aquela jovem, ela engravidou, mas não puderam casar nem registar as filhas com como sendo filhas daquele homem, por ele ser casado.

As filhas sofreram muito, depois de crescidas, porque na sua cédula e mais tarde no Bilhete de Identidade eram filhas de pai incógnito. (Na gíria corrente, eram filhas da puta) Helena já tinha 18 anos, era profissional numa casa de bordados, quando conseguiu alterar o seu registo como “filha do pai” e passou a usar o seu sobrenome, ela e mais duas irmãs. O pai tinha feito um registo secreto no Registo Civil dizendo que, após a sua morte, assumia a paternidade da cada uma das 3 filhas mais velhas. Às mais novas não lhes foi reconhecida a paternidade porque a família veio viver para o Funchal e o pai já não voltou à Calheta tratar do registo secreto para a perfilhação dessas duas filhas.

Helena conta que teve uma infância muito pobre porque a mãe era bordadeira de casa, ganhava muito pouco, o pai era muito doente, sofria de reumatismo agudo e bronquite, não podia trabalhar, e passaram muita fome e outras adversidades. Ela ia muitas vezes às casas de vizinhas pedir alguma uma esmola para comerem, a mando da mãe e lembra-se que uma senhora costumava dar-lhe umas batatas e um bocadinho de carne de porco salgada para matarem a fome.

Quando Helena tinha 7 anos, ainda não estava na escola (tinha feito anos em Janeiro) o pai estava no Funchal na casa de uma irmã dele e chegaram autoridades do Tribunal da Ponta do Sol fazer uma acção de despejo àquela família, porque a mãe tinha a renda da casa em atraso. Foram postas na rua e alguém disse: “Ah! Estas duas já são grandinhas, porque não as levam para as vossas casas como criadinhas?” E assim foi. Helena com 7 anos e a irmãzinha com 9 anos foram levadas pelos escrivães. A mais velhinha encontrou uma casa acolhedora, o casal ainda não tinha filhos, tratavam-na bem e ela lá permaneceu vários anos. Trabalhava, mas não passava fome.

Ao contrário, Helena foi para casa de uma família com 7 filhos e uma filha, todos catraios. Os rapazes, para a importunarem, entoavam a seguinte cantilena nos seus ouvidos:

Helenão
Cagalhão
Rola os cornos
Do patrão

Helena era uma criança muito magrinha, triste, e a patroa fez-lhe a seguinte recepção: “Olha, está aqui a tua loiça. Comes primeiro, lavas a tua loiça e pões aqui na gaveta. Não mistures com a outra loiça.” Helena recebeu uma chávena sem asa, um pires rachado e um prato partido com menos um pedaço. Dormia num vão de escada, num colchão no chão. Diz que começou a aprender o que é discriminação aos 7 anos de idade. Durante o dia ajudava a patroa nas lides de uma casa de 10 pessoas.

A menina sentia-se muito infeliz, chorava noite e dia e dizia que queria voltar para a sua mãe. “Queres ir com a tua mãe? Passar fome? Não estás bem aqui?” “Eu prefiro passar fome ao pé da minha mãe”.

Ao fim de uma semana, a patroa meteu esta criança de 7 anos, sozinha, numa camioneta de “Os Batatas” e enviou-a à mãe. Mais: tinha-lhe dado umas roupas usadas para ela vestir e não deixou que ela as levasse consigo. A menina chegou ao pé da mãe, que estava a viver ao relento, no portal de uma casa, e quando viu a filha exclamou: “Ah! Vieste?” “Vim, mãe. Não me quer? Não gosta de mim?” E começou a chorar. Entretanto uma senhora que passava, viu a criança a chorar e exclamou: “ Ah! Mas ela é tão bonitinha! E está tão magrinha! Ela vai para a minha casa e eu vou ser a madrinha dela.”

A mãe tinha familiares na freguesia, mas não a recebiam em suas casas porque ela vivia amancebada. Segundo os cânones sociais da moral e dos bons costumes, a família teve de a banir do seu convívio porque ela não era casada e vivia fora das leis da igreja. Era uma ovelha desgarrada.

Helena só dormiu uma noite na casa da senhora que queria ser a sua benfeitora e vivia na freguesia, perto da mãe. Logo no dia seguinte, o pai chegou à Calheta na lancha “O Milano” e levou Helena para o Funchal para casa da irmã dele, onde dormia, e durante o dia ia cuidar de um bebé de uma enfermeira.

Mas não foi por muito tempo. A enfermeira arranjou um lugar para deixar o bebé e a tia emprestou uma loja na casa dela (uma cave) para eles viverem. O pai foi à Calheta buscar o resto da família e passaram a viver na dita loja, onde dormiam no chão, excepto a filha mais velha que continuou na casa do escrivão e sentia-se bem com a vida que tinha.

Entretanto, a mãe de Helena conseguiu emprego numa casa de bordados à Rua das Pretas e começou a receber algum dinheiro semanalmente. As operárias de bordados, como outros operários, recebiam à semana e não ganhavam domingos nem feriados.

Então, o pai alugou um quarto na vertente da Ribeira de João Gomes numa casa de cinco quartos, onde viviam cinco famílias e havia uma cozinha para todos. Essa casa ainda lá está, mas sem telhado.

Helena passou a frequentar a escola do Alto, na Rua Visconde Cacongo. Mais tarde, a família alugou uma pequena casa no Canto do Muro, com um quarto e uma cozinha. Os pais dormiam no quarto e as filhas na cozinha. Uma vez nessa casa, Helena passou a frequentar a escola do Canto do Muro até a 4ª classe, que concluiu com êxito. A menina queria continuar a estudar porque tinha um sonho: ser enfermeira. Mas o pai

mandou-a para casa do Doutor Morna, dono da farmácia Morna. Tratavam-na bem e ao domingo subia o caminho do Socorro até o Canto Muro para levar o dinheirinho que ganhava para ajudar nas despesas da casa. Não ficava com nada para si. Comia e dormia na casa dos patrões e o pequeno salário ia direitinho para o resto da família.

Aos catorze anos, idade legal na época para trabalhar, foi para a “Madeira Supérbia e aos dezasseis anos para a Kiquiben, empresas de bordados que já fecharam. Trabalhava na secção das tapeçarias, tela bordada, e aprendeu o ofício de matizadora. As matizadoras criam os modelos originais, modelos esses que geralmente vão para as bordadeiras de casa bordarem outras telas a partir dos modelos criados.

Helena começou a ganhar 10\$00 por dia, 60\$00 por semana. Era muito pouco, mas lá ia aumentando os rendimentos da família. Um dia, o patrão tinha um grande painel para acabar e era preciso enviá-lo rapidamente para o cliente. Então, ele disse: quem conseguir bordar 1000 pontos no painel neste espaço de tempo, ganha 100\$00. Helena pôs-se a trabalhar com muito afinco e bordou 1200 pontos no prazo estabelecido. O patrão pagou-lhe 100\$00 e mais um troquinho.

Chegou a casa radiante, com o seu dinheiro: “Ganhei 100\$00! Já posso comprar uns sapatos. Estes parecem bons, mas estão rotos na sola. Já ando com os pés no chão.” “Não, minha filha, deixa os sapatos para a semana. O gás acabou e temos de comprar outra garrafa.”

E lá foi Helena para o trabalho com os sapatos quase sem solas. Nisto, ela recebe um recado da madrinha para passar por casa dela. Foi uma grande alegria, pois a madrinha tinha juntado roupas e sapatos das filhas e deu à afilhada. E Helena veio para casa muito feliz, com roupas boas e calçado. O dinheiro foi para o gás, mas sempre conseguiu uns sapatos, que mesmo não sendo novos, tinham solas e já não andava com os pés no chão.

Como qualquer mulher, Helena queria namorar e casar, constituir uma família. E casou com um mecânico do Leacock. Mas cedo se desiludiu. Se ele muito ganhava, muito gastava com bebida, carros, mulheres... Ela nunca pôde contar com o dinheiro dele. Vivia na casa da sogra, para lá levava dinheiro para a alimentação, depois nasceu o filho e Helena afirma que o marido nunca gastou um tostão com a criança.

Mas o pior de tudo é que o homem passou a maltratá-la. “Eu era vítima de violência doméstica”. Sofreu muito às mãos daquele homem durante vários anos. Até que por fim conseguiu pôr fim àquela vida desgraçada. Divorciou-se, ficou a viver com o filho já crescido e o traste do homem foi viver a vida por sua conta. Durante muitos anos ele trabalhou por conta própria, não descontou para a Segurança Social e agora, que não arranja trabalho, não tem direito a subsídio de desemprego e ainda não chegou à idade da reforma.

E mais uma vez Helena, em vez de gozar a sua reforma com algum desafogo e bem estar, não, voltou a dar guarida ao traste que há muitos anos não é marido dela para que ele não viva por aí ao relento, um sem abrigo sem eira nem beira. “Tu fizeste isso? Levaste o homem para dentro da tua casa?. “O que é que tu queres? Já a minha

professora dizia que eu tinha um coração grande. Eu às vezes não comia o pãozinho que me davam na escola para levar às minhas irmãzinhas mais pequenas!” “E ele dorme na tua cama?” “Isso não. Dorme na sala ou no quarto do filho que tem estado vago”.

NATÁLIA

A AVÓ SEMPRE LHE DISSE QUE O PAI DORMIA NO SINDICATO

Natália é a filha mais nova da família e ficou responsável por cuidar do pai e das lides da casa desde muito nova. Quando as mães ficam viúvas, fazem o possível e o impossível para cuidar dos filhos/as. Mas quando as mães morrem ou ficam incapacitadas, são as filhas que muitas vezes assumem as responsabilidades dos cuidados da casa, inclusive de cuidar do pai, quando devia ser o pai a tomar conta dos filhos/as. Temos assistido a gerações de homens incapazes, impreparados, que não são capazes de tomar conta de si próprios, muito menos do resto da família.

A mãe da Natália morreu era ela ainda menina. A irmã mais velha casou, saiu de casa e a Natália, com 12 anos de idade, cuidava da casa, com a ajuda de uma empregada que ia trabalhar dois dias por semana.

Conheci-a jovem, estudante do liceu e com as responsabilidades de uma mãe de família. Mais: o pai comia em casa, vestia-se de lavado, mas passava a noite fora. A avó sempre lhe disse que o pai dela dormia no trabalho, mas cedo a Natália descobriu que ele passava a noite com uma amante, um caso que já existia ainda em vida da mulher, mas ele nunca assumiu essa relação, nem depois de viúvo. Continuou na “clandestinidade” quanto à sua vida pessoal com essa mulher.

Natália namorou um rapaz durante vários anos e tinha, como projecto de vida, casar com ele e construir uma família. Um certo dia, sem nunca se ter apercebido de nada, o namorado atirou-lhe “à queima roupa” que estava tudo acabado entre eles porque ia casar com outra.

Ela ficou inconsolável. Amava aquele homem de todo o coração, alimentou tantas esperanças, arquitectou um futuro promissor e rico de amor e...tudo se desmoronou num minuto. Chorou, clamou, sofreu, mas teve de se reerguer, levantar a cabeça, firmar os pés no chão e caminhar em frente. O futuro existe, mesmo sem sabermos o que ele nos reserva. Há sempre um futuro antes da morte.

Depois dos estudos do liceu, foi trabalhar como empregada de escritório, e mais uma vez desempenhou as suas tarefas como funcionária competente e responsável. O trabalho e a responsabilidade sempre fizeram parte da sua vida.

Entretanto, voltou a namorar um homem que não a decepcionou e construiu uma família. A vida não tem apenas um caminho. Há diversos trilhos que podemos seguir e qualquer um deles nos leva a algum lugar, para o bem ou para o mal. Mas devemos procurar sempre o caminho do bem. É mais seguro e mais gratificante.

O casal pôs um filho no mundo e criaram-no com muito amor e carinho.

Mas cedo terminou a vida deste casal. Aquele homem que ela voltou a encontrar na sua vida, que a amou e a quem ela amou também, morreu de “doença prolongada” como se lê muitas vezes nos jornais.

Apesar de tudo, Natália conheceu o amor verdadeiro e fiel, do qual nasceu aquele filho que é o seu esteio enquanto mãe. Quem tem um filho/a, normalmente não se sente desamparada.

SOFIA

A REFORMA ESTÁ PARA NÓS COMO A LINHA DO HORIZONTE À MEDIDA QUE NOS APROXIMAMOS ELA DESLIZA PARA A FRENTE

A Sofia nasceu nos anos 50 do século passado na cidade do Funchal. É filha única e confessa que teve uma infância muito feliz. Foi desejada e muito amada. Cresceu num ambiente de pessoas crescidas, tinha uma família alargada e era a única criança. Só depois de alguns anos nasceram primos e primas, com quem conviveu e brincou bastante. “Ainda hoje chamo mano a um primo”.

Acrescenta que este ambiente, rico e carinhoso e ao mesmo tempo libertador foi a principal condicionante para estar bem consigo própria e, ao mesmo tempo lhe aguçou a curiosidade de aprender. E teve uma formação bastante completa.

“Para a minha geração, eu tive uma formação desportista fora do comum: fiz natação, vela e joguei voleibol.”

Casou aos 18 anos com um homem muito culto e com áreas de interesse muito diversificadas. E viajou muito, o que lhe permitiu obter muitos conhecimentos e abrir horizontes.

“Todas estas condições de vida que tive a oportunidade de usufruir contribuíram para a minha formação como pessoa.”

Em criança, frequentou o Colégio da Apresentação de Maria até concluir o antigo 5º Ano do Liceu. Aos 16 anos, tendo o pai adquirido o negócio do patrão com quem trabalhava, foi ocupar o lugar de escriturária da empresa, deixado vago pela nora do proprietário anterior.

“O facto de ser filha do patrão dava azo a que me baldasse um bocado, no respeitante ao cumprimento dos horários. Mas tinha de fazer o meu trabalho, apesar de não apreciar aquilo que fazia.”

Paralelamente ao trabalho na empresa do pai, estudou no Instituto de Francês e obteve o 8º ano da “Alliance Française”. Depois estudou para se apresentar aos exames do antigo 7º ano do Liceu. Como adulta, apresentou-se aos exames de inglês, Português, Francês e História sem precisar de professores. Apenas teve explicações para os exames de filosofia e Organização Política. “E passei com boas notas”.

Tendo concluído o Ensino Secundário e com o diploma da “Alliance Française”, concorreu para o Ensino, porque havia muita falta de professores devidamente habilitados. Foi colocada na Escola Horácio Bento de Gouveia e foi apresentar-se à escola. Aí, foi à procura da delegada de Francês e veio para casa muito preocupada com o mau ambiente da sala de aula.

“Nessa noite não dormi, estava sempre a ver alunos a saltar dum lado para outro, a saltar pela janela, uma balbúrdia. Mas comecei as minhas aulas e correu tudo bem. Quem me ajudou muito nessa fase foi a delegada de português. Era uma pessoa muito empenhada, organizada, com os planos elaborados, materiais pedagógicos

organizados e ela permitiu-me assistir a aulas o que me ajudou bastante. Eu tinha conhecimentos científicos, mas faltava-me os conhecimentos pedagógicos, e a delegada de português ajudou-me muito.”

Entretanto, decidi que tinha de fazer curso universitário, uma vez que as habilitações que possuía não lhe davam habilitação capaz de singrar na carreira. E teve de fazer o 12º ano, à noite, que nessa altura já era obrigatório para entrar na universidade.

Como não tinha a cadeira de latim, não pôde matricular-se no curso de português e francês, como era seu desejo, por isso se matriculou em História, na Universidade do Porto. Como estava a trabalhar, apresentou-se mais tarde na faculdade, não teve acesso às sebatas (materiais para estudo), frequentou um número reduzido de aulas, praticamente ia apresentar-se aos exames. Passou duas cadeiras, mas decidiu não continuar, porque não era aquele curso que lhe interessava.

Continuou a leccionar e entretanto pôde matricular-se no Curso de português e francês. Mas o curso tinha cadeiras de latim e faltava-lhe as bases. E não era a única nesta situação. Para colmatar esta falha, foi criada uma área de estudo, “latim zero”, para quem tinha entrado sem o latim do secundário, que foi leccionado pelo professor padre Eleutério, de quem a Sofia tem as melhores referências.

Este curso que a Sofia frequentou foi dentro das chamadas extensões universitárias. Não havia a Universidade da Madeira e os primeiros cursos foram organizados, fundamentalmente, por professoras e professoras, em grande maioria, e conseguiram trazer cá professores universitários de Lisboa, que aos fins de semana davam a matéria que em Lisboa leccionavam toda a semana.

A Sofia sentiu que trabalhar e estudar, e com o latim zero durante a semana tinha de faltar aos seus alunos, deixou de trabalhar e dedicou-se ao curso. “Eu, que desde os 16 anos ganhava o meu dinheiro, fiquei dependente do marido, que assumiu as despesas da casa e do meu pai, que se prontificou a dar-me uma mesada para as minhas despesas pessoais.”

Diz ela que o curso universitário foi fabuloso em termos de enriquecimento pessoal. As colegas chegavam às aulas cansadas de trabalhar e estudar, mas ela apenas estudava e vivia a situação com imenso prazer. “ E tive a sorte de fazer amizade com uma colega de quem ainda hoje sou amiga. Apesar de termos percursos de vida muito diferentes, houve sempre uma forte empatia entre nós. Começou aí uma amizade para o resto da vida. E no decorrer do curso, houve um concurso de um conto em francês e o nosso grupo ganhou. E fomos a França fazer uma férias.”

A Sofia terminou o Curso de francês e português, fez o estágio e entrou para o quadro da Escola Horácio Bento de Gouveia, agora como professora profissionalizada.

No ano de 92-93, abriu um curso de mestrado em Lisboa, na área do francês. A Sofia candidatou-se e entretanto encontrou uma colega e falou-lhe do mestrado, apesar de já não haver mais vagas. Mas essa professora estava bem chegada à área do poder político regional através do marido e entrou para o mestrado, apesar de as vagas já

estarem todas preenchidas. “Alguém deve ter ficado de fora para ela entrar. Só mais tarde é que compreendi como se deu aquele cambalacho.”

“Estivemos dois anos fora da escola para frequentar as aulas do mestrado em Lisboa, mas no fim tive muitos problemas com a professora e desmotivei-me. Daquela maneira não podia continuar. Quando apresentei o trabalho com as linhas mestras para a minha tese, a professora teve o desplante de dizer que estava muito bem escrito e não tinha sido feito por mim. Quando ela tinha lido muitos dos meus trabalhos até esse momento e conhecia a minha escrita.”

A Sofia zangou-se e não terminou o mestrado. E só faltava a tese. Ela pensa que teria a ver com a outra colega que era protegida e precisaram de rebaixar a Sofia para deixar a outra mais à vontade.

Quando voltou à sua escola deram-lhe um horário de Educação Cívica, muito longe da sua área de estudo. E ela pertencia ao quadro da escola! A Sofia não quis aceitar. Foi à Secretaria e colocou a seguinte questão: Este ano mandam-me para E. Cívica e para o próximo ano? Vou dar Religião? Catequese? A SRE arranjou-lhe um horário de português na Francisco Franco, apesar de ela não pertencer àquela escola. E nunca mais voltou para Horácio Bento nem voltou a leccionar francês. Só Português. Trabalhou um ano em Machico e depois foi integrar o quadro da Gonçalves Zarco, onde ainda se mantém.

Como se vive a situação na escola, actualmente?

Eu trabalho à noite e não tenho problemas de indisciplina. Conheço colegas que mudaram da noite para o dia e têm-se dado muito mal. Eu continuo a trabalhar à noite e há quatro anos que lecciono “Educação e Formação de Adultos” (EFA). Não é português para entrar na universidade, é apenas formação para a cidadania. Inicialmente, senti que os 20 anos de estudos que carregava não estavam a ser rentabilizados. Mas agarrei-me ao trabalho. O facto de não haver manuais, sou eu que crio os materiais de trabalho, crio um manual, com base nos conteúdos previstos pelo ministério.

Mas eu penso que deveria haver, a par desta Educação e Formação de Adultos, aulas de português como no curso diurno, para os alunos que possivelmente quisessem entrar para a universidade.

E a reforma? Já pensou nisso?

Neste momento, a reforma está para nós como a linha do horizonte. À medida que nos vamos aproximando, ela vai se afastando. E já tenho 40 anos de descontos, porque comecei a descontar aos 16 anos.

Mais uma história, mais um testemunho de uma mulher que investiu muito na sua formação, batalhou a vida inteira, sofreu muitos constrangimentos, tentaram “pisar-lhe os calos”, mas ela está aí, na luta, procurando fazer o melhor com os seus alunos, como a maioria dos professores, o que “alguns” desvalorizam e a maioria do povo desconhece. E cada vez que pensa na reforma vê que ela desliza para a frente, porque

não se dá o devido valor a quem trabalha e faz os seus descontos dia a dia, mês a mês, ano a ano.

CLARISSE

AS PESSOAS NÃO ME ENTENDEM

Lá no alto da freguesia dum Concelho da Região Autónoma da Madeira, pessoas sofrem com medo de outras pessoas, violentas, alcoólicas, possessivas. Talvez por tradição, por educação, ou porque lhes apetece. Parece que herdámos um país, não só de analfabetos, mas também de alcoólicos e machistas, que se dizem ciumentos, para justificar as suas maldades, a vontade de maltratar, de humilhar, de espezinhar.

Clarisse apresentou-se para se inscrever num curso de formação profissional. Na conversa com a entrevistadora já se queixou dos maus tratos do marido.

E o seu marido sabe que veio inscrever-se no curso?

Eu não lhe disse porque ele decerto ia dizer que não.

E se ele não a deixar frequentar o curso?

Ainda não sei bem, mas depois eu vejo o que posso fazer.

A Clarisse foi seleccionada para participar no curso, foi contactada e apresentou-se para frequentá-lo.

Então, o seu marido deixou-a vir para o curso? Estamos só as duas, pode falar à vontade.

Ah! Eu vou dizer a verdade: o meu marido não sabe que eu estou aqui.

Grande Mulher!

Que alívio! Eu estava com muito medo que não me recebessem no curso por causa de ele não ter autorizado, mas eu sei que ele ia dizer que não e por isso não lhe disse nada. A minha mãe e minha irmã apoiam-me e eu arrisquei.

Mas como é que faz para vir sem ele saber?

Ele sai cedo, vai buscar os outros trabalhadores para a obra e depois do trabalho vai novamente levá-los e chega mais tarde. Por isso dá tempo de eu vir ao curso e voltar para casa sem ele saber.

E se alguém lhe disser?

Os vizinhos guardam segredo, porque sabem que ele é muito mau e me maltrata.

O curso foi decorrendo e a Clarisse, sempre que podia, abria-se com aquela pessoa da sua confiança. Só ela sabia das suas tristezas e aflições.

Clarisse era pouco mais que uma adolescente, ele aproximou-se com pés de veludo e ela caiu na armadilha. Os pais tentaram persuadi-la, era muito nova, aquele homem não a merecia, mas ela teimou e casou com ele. Os pais deram-lhe um pedaço de

terreno para fazerem a casa, na encosta de um ribeiro, que foi crescendo aos poucos, consoante o homem foi conseguindo aplicar dinheiro nas obras.

Mas os maus tratos começaram cedo. Chegava bêbado, raivoso, acusava-a de diversas maneiras, que tinha sido vista na Vila, que andou de carro com este ou aquele, que a comida estava mal feita... Se fosse de dia, ela procurava subir pela encosta e refugiar-se na casa dos pais, mas durante a noite não tinha como fugir. Levava pancadaria por tudo e por nada. Se a visse entretida a ver um programa de televisão, era certo e sabido que havia de arranjar pretextos para afastá-la da TV: Onde está a roupa? O meu jantar?

E as pessoas não me entendem. Se eu me queixar, dizem logo: mas deixa-lhe a roupa no lugar certo, ao pé da casa de banho, deixa-lhe o jantar em cima de mesa... Mas então eu não faço isso tudo?!

Sabe, há uma tendência de culpar sempre a mulher e tentar desculpar o homem, mesmo sabendo que ele não tem razão. É a tradição, a educação.

Só a senhora é que me entende.

Nasceram as crianças, os problemas e os maus tratos continuaram no dia a dia e os familiares que ela tinha na Inglaterra propuseram-lhe que ela fugisse e fosse com eles que a apoiariam. Clarisse tratou das passagens, para ela e as crianças, às escondidas, mas, à última hora, os pais recuaram, já não lhe emprestaram o dinheiro como prometido, porque iam informá-lo da fuga prevista e que ele ia melhorar com medo de perdê-la.

É claro que ele sentiu fraqueza da parte dela e da família, sentiu que a tinha na mão e os maus tratos pioraram. Uma noite, na cama, apertou-lhe a garganta e ela pensou que era o fim. Mas não foi. Ele queria-a viva, sofredora e servidora. Os rapazes foram crescendo e começaram a defender a mãe, o melhor que podiam e ela já se sentia mais segura. Mas os problemas continuavam.

Ela contou que na sexta-feira santa, pôs-lhe o almoço na mesa, batata doce com chicharrinhos fritos, porque não era dia de comer carne. Ele chegou, ficou furioso, jogou a comida pela porta fora. Ela foi se afastando e subiu pela fazenda, refugiar-se na casa dos pais.

As outras mulheres que frequentavam o curso não sabiam dos problemas dela, excepto uma amiga e antiga colega de escola, mas que manteve segredo perante o grupo. Mas num dia em que foi abordada a violência doméstica, a Clarisse abriu-se, desabafou e surpreendeu quase todas.

Ela chorou e todas as outras choraram. A partir daí todo o grupo sentiu muita necessidade de apoiá-la e acarinhá-la.

Entretanto ela chega ao curso um pouco transtornada e disse o seguinte:

Eu estou muito preocupada porque ontem foi uma discussão terrível entre os meus filhos e o pai. Ele chegou a casa e fez um escarcéu, porque a porta do caminho estava aberta e isso só já era motivo para aquela zanga toda.

Os filhos revoltaram-se e ela teve medo que houvesse pancadaria entre eles.

Já viu se os filhos batem no pai! Será que eu devo ir à polícia? Ouvi dizer que uma mulher apresentou queixa na polícia e resultou.

A senhora estava à espera que a Clárisse se sentisse com forças para enfrentar o marido.

Pois agora vai-se fazer as coisas como deve ser. Espere um pouco que eu vou começar a tratar do assunto.

Contactou uma Associação de Mulheres e seguiu as instruções. Depois falou com um advogado amigo que por vezes ajudava, levou a Clárisse ao consultório do dito advogado, que tentou intimidá-lo. Enviou uma carta ao agressor, chamando-o ao seu consultório.

Quando o indivíduo recebeu a carta, chegou a casa furioso. Convém esclarecer que a correspondência para a casa deles ficava na tasca, segundo um contrato que o dito marido tinha com o carteiro, para ela não ser senhora de nada. Tu foste para o advogado, aquele p... , não tens vergonha... Mas não lhe bateu. E também não foi ao advogado.

Clárisse, isto agora é sempre para a frente. Se recuar vai ser pior, porque ele sentir-se-á vitorioso.

O advogado instruiu o processo e a Clárisse meteu-o no Tribunal. E todo o grupo a apoiá-la, a animá-la, para ela sentir-se forte. Quando receberam a notificação para se apresentarem no Tribunal o homem esperneou, bradou, encheu-lhe os ouvidos, mas não lhe bateu. “Tu tens de desmanchar o que fizeste, vai lá e levanta a queixa...” Foram dias de grande sofrimento e pavor. Cada noite que tinha de deitar-se ao lado dele parecia que seria a última da sua vida. Mas ela segurou o medo e não desistiu. Apresentou-se no Tribunal, sozinha, e esperou que ele chegasse. Não foram os dois porque ela teve medo que ele a desviasse do caminho para o Tribunal.

Perante uma magistrada, Clárisse contou tudo o que lhe vinha a acontecer há mais de vinte anos e ele não teve como negar. A magistrada perguntou se eles queriam continuar juntos, mas sem maus tratos. Ambos assinaram esse acordo, mas ele foi avisado: “Perante estes crimes, se o senhor for a julgamento, pode ser condenado a cinco anos de prisão. Por isso, tenha muito cuidado. Se houver outra queixa, vai pagar por essa, e por todas estas que já estão aqui registadas.”

A partir desse dia, deixou de beber para se controlar melhor e nunca mais lhe bateu. Mais tarde chegou a bater na filha, mas na mulher não, porque tinha medo da cadeia.

Bom ele nunca vai ficar, porque pau que nasce torto nunca se endireita, mas ao menos não bebe, não faz aquelas desavenças e nunca mais me bateu.

A colega de escola e amiga de infância contou que a família dele tinha muitas responsabilidades. Ele mandava nas irmãs, fazia desavenças em casa e todos tinham medo dele. Em vez de o educarem e não permitirem aqueles comportamentos, faziam ao contrário: “Cuidado, teu irmão está perto de chegar, ele não gosta disto e daquilo”, tinha de ser tudo como ele queria para não haver desavenças e o menino cresceu e foi refinando aquela prepotência e mau carácter.

No dia 8 de Março de 2004, Dia Internacional da Mulher, a Clarisse juntou forças para contar, perante as câmaras da TV, com imagem e voz distorcida, os maus tratos de que foi vítima durante mais de vinte anos. Quando o jornalista lhe perguntou porque não tinha apresentado queixa mais cedo ela respondeu: “Eu não sabia como fazer. Só agora é que encontrei informação e apoio para levá-lo a Tribunal”.

Alguém deve ser responsável por esta falta de informação às vítimas de violência. Mas também é verdade que uma mulher sozinha, sem ninguém por perto a apoiá-la tem muito medo de enfrentar o agressor. E às vezes as vítimas encontram pessoas que, em vez de apoiá-las e denunciar os crimes, acham que é melhor calar, porque não querem piorar a situação.

Mas não podemos ter medo. Não pensemos que se houver denúncia ainda vai ser pior. Pior não pode ser. Passar anos e anos a ser agredida, a viver sob o medo e a opressão, por vezes a vida inteira, isto é vida?

SALOMÉ

EU ACOMPANHEI AS LUTAS TODAS

A Salomé afirma que teve uma infância feliz. Nasceu numa família humilde, em 1956, numa casa com dez filhos, mas os pais eram pessoas responsáveis, trabalhadoras e empenharam-se a cuidar dos filhos e filhas, para que não lhes faltasse o essencial.

O pai trabalhou 51 anos como levadeiro. Não frequentou a escola, mas teve de aprender para poder distribuir as águas, ler as “papéis” e os nomes dos proprietários das terras, ler os números e tudo o mais relativo à sua profissão.

A mãe era bordadeira de casa e ao mesmo tempo agente de casa de bordados, que é uma pessoa intermediária entre a empresa e as bordadeiras de casa. Leva os bordados (tecidos com os desenhos) da empresa, distribui às bordadeiras, mais tarde recolhe, leva novamente para a empresa, recebe o dinheiro e faz os pagamentos.

A Salomé e as irmãs também aprenderam a bordar para ajudar a mãe, depois da escola, fazendo os trabalhos mais simples: garanitos, ponto de corda...

Quando a mãe vinha à cidade entregar os trabalhos e levar outros e o dinheiro para os pagamentos, vinha um filho ou filha com ela, cada dia um, e geralmente comiam uma fatia de bolo na pastelaria LUA, que ainda existe na Rua da Carreira. Memórias de Infância.

Ela gostava muito da escola e era boa aluna. Frequentou a Escola da Rua da Carreira e quando fez a 4ª classe, o professor chamou o pai e disse-lhe que a Salomé devia continuar a estudar, porque era muito inteligente e aplicada, mas o pai respondeu: “Para eu pôr esta a estudar também tenho de pôr os outros e eu não posso.”

No ano que fez 14 anos, começou a trabalhar numa empresa de bordados, a Imperial Bordados. Foi ganhar doze escudos por dia. Trabalhou aí 32 anos e saiu “com uma mão à frente e outra atrás”, como diz o ditado. Começou por ser consertadeira. As consertadeiras tratam de pôr os bordados nas devidas condições, corrigir o que está mal e preparam as peças para a exportação. Mais tarde passou a verificadeira e até fazia pagamentos para ajudar a funcionária da recebedoria. Depois de tantos anos na casa, aprendeu a fazer de tudo numa Casa de Bordados.

A Salomé conta que os irmãos, que ganhavam melhor que as irmãs, davam uma mesada para as despesas da casa, mas o pai não aceitava mesada das filhas, para que elas economizassem algum dinheiro para o seu dote de casamento.

Também praticou atletismo no Clube Sport Marítimo, na sua Juventude. “Eu gostava muito de correr.”

Nos anos que antecederam o 25 de Abril, ninguém ouvia falar de sindicalismo. “O sindicalismo era nulo. Mas havia o Sindicato dos Bordados, pago com o nosso dinheiro. Quando recebíamos o magro salário, já tinha sido feito o desconto para o sindicato. Isso acontecia com todas as profissões. Toda a gente pagava sindicato, mesmo sem

saber. Eu cheguei a conhecer um indivíduo alto, que era dirigente do Sindicato dos Bordados, dos tais que foram corridos de lá para fora, depois do 25 de Abril. Esse depois foi para o CDS.”

“Quando se deu o 25 de Abril, foi uma alegria sem tamanho. Eu acompanhei as lutas todas. Fui eleita delegada sindical e continuei como delegada sindical da empresa até o fim. E também fui dirigente, fui convidada para integrar os corpos sociais do sindicato, fui eleita e exerci o cargo durante vários anos. A Guida Vieira é uma pessoa que nunca sai do meu coração. Muito lutámos com a Guida na presidência. Fizemos grandes lutas no sindicato, na União dos Sindicatos e Departamento de Mulheres. Foram batalhas inesquecíveis. O sindicalismo teve uma fase muito activa e o Sindicato dos Bordados teve muita dinâmica. Também fizemos formações várias, a nível sindical e até tivemos uma formação pós-laboral de vários meses, com muitos módulos, que se chamou PROMOÇÃO SOCIAL E PROFISSIONAL. Este curso foi da responsabilidade do Sindicato dos Bordados e da UMAR. O que nós aprendemos com estas formações! E também com a actividade sindical.”

“Anos depois, em ... começaram os problemas na Casa Imperial. Os proprietários americanos venderam a empresa a uns ingleses e começaram os problemas. Uniram-se à gerente, a Olga, que era uma louca. Estivemos quatro meses sem receber salário e por fim fomos para o desemprego.”

A Salomé esteve quase três anos no desemprego, a viver com o subsídio respectivo e uma filha para criar e educar. Até que conseguiu trabalho numa Casa Abrigo. “E estou sempre a aprender, para o bem e para o mal. Novos horizontes se abriram e foi necessário adaptar-me a esta nova vida.”

O trabalho na Casa Abrigo é muito exigente e desgastante. Recebem mulheres muito sofridas, martirizadas, crianças que presenciaram horrores, algumas interiorizaram comportamentos violentos e é muito difícil lidar com estes problemas. E antes de chegarem à Casa Abrigo, passaram por processos muito complexos, tribunais...

Neste momento, estão a tentar “amansar” uns rapazinhos que entraram com a mãe na Casa Abrigo, rapazes esses que parece que se querem matar uns aos outros e está a ser muito difícil demovê-los e fazê-los viver com normalidade. A mãe está completamente desfeita e assiste àquelas violências entre os filhos sem intervir nem se preocupar. Mãe e filhos são pessoas muito perturbadas, devido aos maus tratos que sofreram em casa. Aliás, esta família só foi internada porque aquelas crianças estavam a correr riscos muito graves. Mas parece que já foi tarde.

E está cada vez mais difícil arranjar uma saída para estas mulheres. A permanência na Casa Abrigo é de seis meses, com alguns prolongamentos, por vezes, mas precisam de trabalhar para ganharem a vida, o que é cada vez mais difícil, sobretudo para uma maioria com fraca escolaridade e pouca preparação profissional para os dias que correm.

E a Salomé também teve um casamento falhado. Durante anos sofreu violência, não física, mas psicológica. Chegou uma hora que saiu de casa com a filha e foi viver longe do marido. Ele portou-se tão mal, não aceitou a separação e até deixou o trabalho para não pagar pensão de alimentos para a filha e nem lhe dirige a palavra.

Mas a Salomé criou a filha, pô-la a estudar e hoje é uma profissional e uma companhia para a mãe. Apoiam-se uma à outra e tentam esquecer que durante alguns anos tiveram de aturar “pouca vergonha”.

Já se sente cansada, sobretudo devido aos problemas nos membros inferiores e cansaço mental que provém das tarefas complexas que tem de desempenhar, mas vê o horizonte da reforma cada vez mais distante. “E eu tenho de guardar forças para continuar a trabalhar até conseguir a minha reforma, que ainda vem longe.”

Fica aqui mais este exemplo de uma mulher lutadora, boa aluna enquanto estudou, grande profissional de bordados e actualmente funcionária pública a desempenhar tarefas muito difíceis, mas sempre com grande profissionalismo. Enfrentou muitos problemas na vida, lutou e venceu, sempre de cabeça erguida.

CATARINA

QUERO POSSO CONSIGO! NUNCA DESISTIR!

A Catarina nasceu na Costa Norte, no meio rural e tem muitas lembranças da sua infância e juventude. Na sua família não viviam com muita abundância como hoje e até tinham algumas carências e tinham de fazer sacrifícios, mas sente que teve uma infância feliz.

A Catarina conta que as famílias do campo, nem todas, mas a grande maioria criava galinhas, porco para matar na festa e tinham os produtos da terra, por isso não passavam fome.

Ela fala com muita nostalgia do Natal: os anjinhos a cantar na Noite de Natal e as romagens. Cada romagem levava uma barca com produtos da terra: semilha, batata doce, cebola e tudo o mais que as pessoas tinham levavam como presente ao Menino Jesus. Nos dias seguintes iam visitar familiares e vizinhos, ver as lapinhas, comer doces e beber licor.

Frequentou a escola primária e, como era boa aluna, ajudava outras crianças que tinham dificuldade. As professoras tinham uma sala cheia de crianças, com diversas classes à sua responsabilidade e era difícil ensinar as primeiras letras a todas, de modo que as famílias gostavam de ter alguém que ajudasse as suas crianças.

“Os pais não tinham andado na escola e agradeciam muito a quem ajudasse os filhos/as. Por sua vez, eles agradeciam, pagavam com produtos da terra ou de origem animal. Era partilha, intercâmbio.”

Por outro lado, as pessoas que tinham familiares emigrados precisavam de quem lhes lesse as cartas e respondesse às mesmas. A Catarina diz que escreveu muitas cartas de vizinhos e familiares para o Brasil, Venezuela e África do Sul. Ela ainda se lembra de as pessoas receberem cheques dentro das cartas. No Natal, muitas vezes explicavam para que se destinava o dinheiro. Além do dinheiro para a mulher e os filhos, também mandavam um dinheirinho para este...aquele... “Era uma ajuda para passarem o Natal”.

Também se lembra com saudade das romarias, sobretudo a romaria do Senhor Bom Jesus da Ponta Delgada. Quando eram crianças, a avó recortava massa de pão com a tesoura, fazia bonequinhos e cozia numa folha de couve. A Catarina e as outras meninas penduravam a bonequinha ao pescoço e iam para a borda do caminho, na casa de um vizinho, para verem os romeiros passar para a romaria.

“Muitos romeiros chegavam com os rajões, violas, acordeões, castanholas, paravam na casa desse vizinho e a gente cantava e bailava com eles. Era tão bonito! E quando voltavam fazia-se mais uma festa. Os romeiros subiam e desciam as serras, a pé. Andavam diversos dias para fazerem a romaria.”

A Catarina fez a instrução primária e continuou a estudar no Colégio “Dona Lucinda Andrade”, em S. Vicente. “Eu tive aulas de física e química com a D. Lucinda. O director era o Padre Ernesto. O Padre Agostinho também me deu aulas de matemática. Este

padre deslocava-se entre a Ponta Delgada e S. Vicente e uma vez caiu uma quebrada e o carro dele ficou debaixo das rochas. Ainda era uma pessoa nova e morreu debaixo das rochas da Ponta Delgada.

Nesse tempo, todos os alunos do ensino privado eram obrigados a fazer exame de português e matemática. A Catarina também foi fazer esses exames ao Liceu do Funchal, que era o único na Madeira.

Estudou em S. Vicente até ao 5º ano antigo (actual 9º ano de escolaridade) e seguidamente foi estudar para o Liceu do Funchal até o 11º ano. “Eu nunca reprovei nenhum ano. Tive sempre bom aproveitamento.”

Ainda não havia universidade na Madeira e havia falta de docentes devidamente habilitados. A Catarina foi trabalhar como ajudante de educação de infância. Algum tempo depois, saiu legislação que dava oportunidade de estas profissionais, com 5 anos de serviço e o 9º ano (antigo 5º ano) frequentarem um curso que dava o diploma de educadora de infância.

“No primeiro ano desse curso eu não pude frequentar, porque me faltava tempo de serviço, mas no ano seguinte já pude fazê-lo. O curso era ministrado no edifício onde actualmente funciona a Reitoria da Universidade. Era um curso pós-laboral. Trabalhava no Jardim de Infância da 8h às 16h e depois ia para o curso. Era um bocado pesado, mas foi muito importante para a minha carreira.”

Anos mais tarde, houve a possibilidade de fazer complemento de habilitações na universidade para obter o grau de licenciatura para quem tinha o grau de bacharelato. E a Catarina também frequentou esse curso. “Olhe, trabalhei, mas valeu a pena. Há nove anos concluí esse curso e subi logo dois escalões na minha carreira, com o grau de licenciatura. Agora é que está tudo congelado. Eu já tenho tempo de serviço para estar no topo da carreira, 10º escalão, mas o Governo congelou tudo. E não sei quando vai ser a minha reforma.”

Quer falar da sua vida sentimental?

“Eu não gosto muito de falar desses aspectos. Só digo: casei, tive um filho e separei-me. E sinto-me bem assim.”

E a Catarina deixa a seguinte mensagem: “As pessoas que tracem objectivos na sua vida e nunca desistam deles. Trabalhem, lutem e vivam a vida. As mulheres são uma grande força na sociedade e nunca devemos cruzar os braços. A força interior que nós temos vai para o universo que depois nos compensa e atende os nossos pedidos. Nós precisamos de estar bem connosco próprias para transmitir às outras pessoas essa força positiva. A nossa auto-estima e a força de vontade é muito importante. Devemos dizer para nós mesmas: QUERO, POSSO, CONSIGO. Tudo o que eu tracei para a minha vida estou a conseguir.”

NATIVIDADE

FORAM POSTOS NA RUA PORQUE O NOVO PROPRIETÁRIO IA COMEÇAR AS OBRAS

Em 1958, numa freguesia do meio rural, nasceu uma menina a quem se deu o nome de Natividade, no seio de uma família humilde. Como não havia vacina para a paralisia infantil (paliomielite), a menina teve essa doença e ficou fragilizada dos ossos, apesar de não ser coxa. E afectou-lhe a fala durante alguns anos.

A família foi aconselhada a mudá-la para um clima mais ameno, porque vivia num lugar frio, o que era muito mau para a sua recuperação. Assim sendo, veio para o Funchal para a casa da madrinha e frequentava o Lactário (uma escola particular, tipo IPSS).

Começavam as aulas em Outubro, entretanto começava o tempo a arrefecer e a Natividade deixava de poder andar e nunca frequentou o ano lectivo completo. A sua escolaridade foi muito prejudicada pelas suas fragilidades devido à paralisia infantil e só mais tarde, depois de recuperar a saúde, frequentou um curso para adultos e fez o exame da quarta classe.

Entretanto, os pais vieram para o Funchal trabalhar e morar numa propriedade agrícola. A Natividade já era crescida, começou a trabalhar numa loja de electrodomésticos, mas apenas algumas horas, a limpar os aparelhos que estavam à venda. O pai trabalhava na fazenda onde moravam e a mãe ia à casa do dono da propriedade trabalhar como empregada doméstica. Mais tarde, a Natividade começou a trabalhar na piscina e balneários da CMF.

Estava tudo a correr bem, o irmão mais velho já tinha o seu trabalho, quando aconteceu o pior: o proprietário vendeu a fazenda para construção de casas, eles não sabiam de nada e o pai da Natividade, inocentemente, assinou um papel que, sem saber, declarava que estava disposto a abandonar a fazenda e morar noutra sítio.

E chegou a acção de despejo. Foram postos na rua, porque o novo proprietário ia começar as obras. Mas, para não ser tão mau, levou-os para uma residencial e pagou-lhe quinze dias de estadia. Nesse espaço de tempo, procuraram por todo o lado e não encontraram nada que pudessem alugar.

Não podendo continuar na pensão, compraram uma tenda e acamparam na zona turística, mas perto do mar. Não tinham água, nem cozinha, nem casa de banho, era uma desgraça. A Natividade tomava banho no trabalho e o jardineiro de um hotel deixava-os apanhar água para levarem para a tenda e aí se governavam o melhor que podiam.

Estiveram na tenda cerca de dois meses. Até que se acendeu uma luzinha. O irmão mais velho organizou-se com outro indivíduo para explorarem um negócio. Como esse sócio tinha uma fazenda, contratou o pai para trabalhar a terra. E assim conseguiram alugar um pequeno apartamento, um T1, e aí se alojaram. Tinham um quarto para os

pais, os filhos dormiam na sala e tinham uma pequena cozinha e casa de banho. Era o básico e foi muito bom.

E veio o casamento. A Natividade era a única dos filhos que ainda estava a viver com os pais, casou e nasceu o primeiro filho. Como estavam muito apertados naquela casa, a irmã, que já morava numa casa maior, convidou a Natividade e o cunhado para viverem com eles.

Mas a Natividade queria ter a sua casa, o seu espaço. Juntaram algum dinheiro e alugaram uma pequena casa de zinco e platex por 25 mil escudos. “Era a minha casa”. O marido começou a fazer um part time para aumentar os rendimentos, nasceu mais uma menina e as crianças frequentaram o Auxílio Maternal, que segundo se dizia, era um lugar muito bom, com creche e jardim infantil. “Nós queríamos o melhor para os nossos filhos. Nunca esbanjei dinheiro, mas nunca faltou leite nem os outros alimentos necessários para as crianças. As roupas de marca só apareceram mais tarde, quando foram para os Salesianos, porque o colega também tinha...”

Na lógica de dar o melhor aos filhos, matricularam o filho e depois a filha nos Salesianos, onde estudaram até ao 12º ano. E continuavam a trabalhar e a poupar para conseguirem ter a sua casa que tanto ansiavam.

E surgiu a possibilidade de concretizar o sonho da casa própria. Encontraram um terreno em Santa Cruz com um projecto de construção aprovado pela Câmara. A Natividade foi em pessoa perguntar à uma técnica da Câmara se podia fazer aquela construção. Foi-lhe dito que sim, que aquele projecto tinha sido aprovado para ser construído naquele terreno.

Natividade e o marido compraram o terreno, pediram um empréstimo ao Banco, pediram orçamentos, ajustaram com os mestres que começaram a fazer os alicerces. Mas aí entrou o vizinho em acção. Não deixava continuar a construção, aterrorizava os trabalhadores, a Natividade tentou opor-se ao homem e ainda foi detida. A Câmara dizia que ela tinha razão, mas ninguém foi opôr-se ao chefe do regime, que nunca permitiu a construção, porque queria obrigar os familiares donos desse terreno a lho venderem, coisa que essas pessoas nunca aceitaram fazer, por causa de rixas familiares.

Natividade e o marido acamparam em frente à Câmara, tiveram um processo em Tribunal e foram condenados porque não podiam armar uma tenda naquele lugar. Recorreram para os Tribunais por causa do direito a construírem no seu terreno, mas só anos depois é que o caso foi resolvido a favor deles, da Natividade e do marido, mas eles estavam muito cansados daquelas lutas e já tinham encontrado uma solução habitacional para as suas vidas. Mas eram proprietários daquele terreno que deu lugar a tantas brigas. E mais tarde sempre venderam o terreno ao tal vizinho, porque mais ninguém queria comprá-lo e a Natividade precisava do dinheiro para a filha estudar na Universidade. O que os pais não fazem pelos filhos!

E outro revés aconteceu na vida do casal. Eles eram nadadores salvadores ao serviço da CMF e quando as piscinas foram entregues a uma empresa eles ficaram prejudicados nos ordenados. Enfrentaram novamente dias difíceis, mas têm superado, com muito esforço e inteligência.

Hoje têm uma filha a acabar um curso universitário e a Natividade está muito preocupada com a situação dela, dentro de um país que despreza os jovens. “Nós esforçámo-nos, a minha filha tem trabalhado muito e será muito triste vê-la aí a ganhar 500€, com licenciatura e mestrado. Eu quero que ela saia do País e vá ganhar a sua vida longe daqui.”

Natividade tem sido sempre uma lutadora e ainda continua activa na profissão e na vida, mas a saúde já começa a ficar debilitada. Como teve paralisia infantil, os ossos são frágeis e tem muitos problemas a esse nível.

Aqui temos mais um testemunho de uma mulher nascida numa família pobre, num país que despreza quem trabalha e luta pelos seus direitos, querendo viver com dignidade e dar o melhor aos seus filhos. Mas é muito difícil e doloroso ultrapassar os obstáculos que são colocados pela frente para barrarem o caminho e não deixarem as pessoas levantarem a cabeça e viverem a vida que merecem.

JÚLIA

AS CRIANÇAS CHEGAVAM DA ESCOLA E ERAM OCUPADAS A FAZER CESTINHOS

Nasceu em 1959 na freguesia da Camacha, que por tradição é o local onde se fazia a maior parte da obra de vimes que a Madeira exportava. Essa indústria ainda existe, embora seja residual, neste momento.

A Júlia conta que a escola primária era afastada da sua casa e que tinham de percorrer um longo caminho para lá chegar. Nos primeiros dois anos gostava de ir à escola e passou com sucesso a primeira e segunda classes. Já a terceira e quarta classes foram mais difíceis. Reprovou duas vezes e precisou de 2 anos na 3ª e mais 2 na 4ª para fazer o exame da quarta classe.

Am para a escola descalços, ela e os irmãos, sentiam muita vergonha e esse facto levava a que fosse contrariada para a escola e talvez por isso reprovou por duas vezes. Nessa época havia muito trabalho de obra de vimes e, regra geral, as crianças chegavam da escola e eram ocupadas a fazer cestinhos mais pequenos e a Júlia, maiorzinha, é que fazia os fundos dos cestos para o pai trabalhar o resto. Só mais tarde é que começou a fazer os cestos inteiros.

Era o pai que dirigia o trabalho da obra de vimes: recebia as encomendas dos exportadores, também comprava vimes e contratava pessoas para os cozer e descascar e fabricavam os cestos em família. Quando entregava o trabalho feito no fim da semana, recebia o dinheiro, pagava as contas e o resto ficava com ele. A família nunca via dinheiro nenhum.

A Júlia conta que um dos irmãos, depois de casado, um dia exclamou: “Eu continuo pobre, tenho os meus problemas, mas recebo o meu dinheiro, coisa que em casa de meu pai nunca aconteceu.” Ela própria tentou ganhar o seu dinheiro, chegou a fazer em casa trabalho para outro exportador, mas o pai ficou furioso e jogou-lhe as formas pela fazenda abaixo para ela não poder trabalhar. Portanto, enquanto foi solteira, nunca teve dinheiro do seu trabalho nem Segurança Social. Só os pais estavam inscritos na Segurança Social. Os patrões, ou seja, os exportadores que encomendavam os trabalhos não queriam pagar a S. Social e poucos o faziam e não abrangia toda a família. Os filhos/as só serviam para aumentar os rendimentos dos pais, mas não tinham quaisquer benefícios. Pelo menos na casa dela foi assim.

Quando rapariga, conheceu um rapaz natural do Funchal que tinha familiares na Camacha. Conheceram-se, casaram, mas viviam com muitas dificuldades. Além do mais, precisavam de casa. Já tinha nascido uma criança e não era possível, a longo prazo, viverem sempre na casa dos pais.

E um dia emigraram para a Inglaterra, deixando o primeiro filho com três meses. Foi muito difícil sair de casa e deixar a criança para trás. Enquanto lá estiveram, trabalhavam nove meses e passavam três meses na Madeira.

Júlia conta que gostava do trabalho agrícola na Inglaterra. Os homens faziam o trabalho mais pesado, as mulheres iam colher, apanhar as sementes que a máquina arrancava ou trabalhavam no armazém a empacotar para a exportação. E no fim da semana viam o dinheiro na mão.

Quanto a Segurança Social, quem quisesse podia prescindir e não descontava. Então, o marido optou por descontar para S. Social e ela não. Por isso tem menos tempo de descontos na S. Social, o que a vai prejudicar na reforma. Ainda hoje, o marido acha que, se ela não estivesse inscrita na S. Social, pagariam menos IRS. “Pois, mas ele tem e é importante, mas para eu ter direitos ele já acha que não devia estar declarado aquilo que eu ganho.”

Entretanto, engravidou e teve uma filha, que também ficou na Madeira e depois outro filho. A Júlia saía da Madeira, angustiada, deixando três crianças, distribuídas pelos familiares que cuidavam delas. Até que decidiram deixar a vida de emigrantes, voltaram para a sua terra e construíram uma casa modesta para viverem.

E a Júlia viveu algum tempo sem trabalhar fora de casa, ocupada com as suas crianças e a usufruir desse prazer de gozar a presença dos filhos e da filha junto de si. O marido foi para a construção civil e a Júlia, de vez em quando, dava um dia fora e ganhava algum dinheiro para ajudar nas despesas.

Os filhos cresceram e ela começou a trabalhar numa empresa de limpezas. Mas sentia-se muito explorada, pois verificou que a patroa não lhe pagava as horas todas. A certa altura, foi cuidar da mãe da patroa, que a estimava muito e até queria que a Júlia a levasse para sua casa. Talvez que a própria filha não a estimava o suficiente.

No fim do mês, pensava que ia receber um ordenado, a patroa pagou-lhe uma ninharia. Júlia despediu-se e procurou trabalho a dias em casas particulares. Mas entretanto a mãe começou a envelhecer, estava incapaz para cozinhar ou tomar os medicamentos sozinha e ela ficou em casa a cuidar da mãe, durante quatro anos.

Após a morte da mãe, trabalhou em algumas casas particulares e mais tarde foi cuidar de uma senhora idosa. O contrato era ganhar um determinado ordenado e essa família lhe pagar a Segurança Social, mas ela já sabe que não lhe pagaram os meses todos na S. Social.

Um dia, foi trabalhar, quando chegou a senhora tinha morrido durante a noite. Ficou novamente sem trabalho. Pôs um anúncio no DN e conseguiu outro emprego numa casa com um casal de idosos. O marido estava muito doente e morreu algum tempo depois. Ficou a senhora, muito velhinha e demente, que sobreviveu ao marido mais alguns meses.

Com mais esta morte, a Júlia pensou que ficaria sem emprego, mas não aconteceu isso. A filha do casal, que ficou só, disse-lhe que tinha muito gosto que ela continuasse a trabalhar lá em casa, para cuidar dela, porque se sentia cansada e precisava descansar um pouco e realizar outras tarefas, que não o serviço doméstico.

E assim continuou durante alguns meses mas, devido aos cortes na pensão de reforma desta senhora começou a ser difícil suportar as despesas todas, de modo que,

actualmente, só lá trabalha alguns dias por semana, mas continua inscrita na Segurança Social, com os descontos em dia, para um dia vir a usufruir da sua reforma. Pelo menos é isso que Júlia espera.

Em relação aos filhos que Júlia criou com tanto sacrifício e desvelo, cresceram e ganharam asas. A filha é profissional de hotelaria. Gostava de estudar, mas os pais não puderam suportar as despesas da Universidade, de modo que ficou pelo 12º ano, foi trabalhar e tem casa sua, ou seja, está a pagá-la ao banco.

O filho mais velho constituiu família e estão há alguns anos na Inglaterra. Na Madeira tinha o terceiro filho, casado, que morava perto e tem uma menina que era todo o seu desvelo. Chegava a casa e lá vinha a netinha conversar, perguntar, brincar com a avó e o avô. Mas a crise vai espalhando desgraças e também este filho emigrou com a família para a Inglaterra.

Júlia sofre muito com a ausência dos filhos e das netas, mas tem consciência que assim é que está certo. Se os pais tiveram de emigrar foi bom que fosse a família completa e não deixaram os filhos na Madeira. Os filhos devem crescer ao lado do pai e da mãe.

Neste momento está ansiosa, porque em breve eles virão com algum tempo de férias e terá oportunidade de rever filhos e netas que são os seus preciosos bens.

FERNANDA

QUE OS MEUS FILHOS TENHAM UM TRABALHO E GANHEM O QUE MERECEM

Nasceu numa zona periférica ao Concelho do Funchal em 1959, onde cresceu ao lado dos seus três irmãos. Frequentaram a escola primária e só a Fernanda quis continuar a estudar. Matriculou-se no Liceu e estudou até o 5º Ano, equivalente ao actual 9º Ano. Também aprendeu a fazer costura, como era tradicional na formação das raparigas e, no caso da Fernanda, havia uma razão acrescida: tinha um namorado que entretanto emigrou para a Venezuela e preparou-se para trabalhar ao domicílio naquele país de emigração.

O namorado veio à Madeira, casaram e a Fernanda embarcou para a Venezuela com o marido. Fernanda recorda com saudade esses tempos de recém-casada, sozinha com o marido, não tinham ninguém de família a interferir na vida deles e foram vivendo o seu romance.

Fazia costura em casa para uma fábrica e o marido trabalhava fora. Ela confessa que ganhava bem, fazia vestidos para casamentos e baptizados com bordados à máquina e muitos enfeites, tudo feito com muita perfeição. Aliás, a perfeição é seu apanágio. “Tudo aquilo que eu faço tem de ser bem feito. Esmero-me em tudo o que faço, quer na cozinha, quer na confecção dos produtos que vendo na feira. Tem de ser tudo feito a rigor.”

Entretanto nasceu o filho, depois a filha, foi preciso cuidar deles, levar à escola, enfim...

Mas a vida corria bem. Quando eu tinha 33 anos e o meu marido 35, já tínhamos casa nossa e o negócio. Hoje, vemos os nossos jovens com esta idade sem trabalho e sem saber o que fazer da vida.

Por minha vontade, nunca tinha deixado a Venezuela, mas o meu pai estava muito doente e a minha mãe estava sozinha a cuidar dele. Além disso, os meus filhos estavam com 12 e 14 anos e estava na hora de voltarmos para eles estudarem na Madeira. O meu grande sonho sempre foi conseguir que os meus filhos estudassem e conseguissem uma formação superior.

Chegámos à Madeira em 1998 e eu fui fazer o que foi possível. Trabalhei de costureira, na copa de um hotel e empregada doméstica. Quando a minha filha foi para o Continente estudar arquitectura, foi o meu salário de empregada doméstica que a sustentou na Universidade. O meu marido ganhava para as outras despesas e eu custeava as despesas com os estudos da minha filha.

Deixou o serviço doméstico para vir para a feira?

Não. Deixei de ser empregada doméstica porque os patrões já não podiam pagar o meu salário. Daí que comecei a vender nas feiras. Faço oito feiras por mês. Os dias que

não estou a vender na feira estou em casa a confeccionar os produtos para as feiras seguintes.

Eu gosto deste trabalho, mas é um bocado cansativo e às vezes as vendas são fracas. Mas não há perspectiva, não podemos planear nada, é viver o dia a dia.

Mas o que me dói é a situação dos meus filhos. Nós sacrificámo-nos, investimos na sua formação para eles terem um futuro e vêmo-los sem trabalho, sem remuneração, sem segurança para o futuro.

É a insegurança, a falta de perspectiva, situação que não deixa ver uma luzinha ao fundo do túnel.

ELSA

PICAVA AS BONECAS
DAVA-LHES INJECCÕES COM AGULHAS DE COSER

Nasceu na Costa Norte da Madeira, mais propriamente no Concelho de São Vicente, em 1960. Os pais puseram oito filhos no mundo, mas nunca passaram necessidades. Tinham terras de agricultura, a mãe bordava e trabalhava na terra. O pai era pedreiro, carpinteiro e sabia tudo o que era necessário para construir uma casa do princípio ao fim.

A Elsa afirma que teve uma infância feliz, numa família numerosa, mas onde não faltava comida e tudo o que era necessário nessa época. Criavam porco que matavam próximo do Natal e a Elsa gostava muito de levar um bocadinho de carne à casa das pessoas que não tinham. Nem todos matavam porco. Mas, como era hábito no meio rural, quem matava porco partilhava um pouco com os que não podiam criar e toda a gente tinha carne de porco para o Natal. As pessoas que recebiam um pedaço de carne ficavam muito contentes e gostavam de agradecer. Uma vez, a Elsa foi levar carne a uma casa e a pessoa deu-lhe um copo de licor. Ela tomou uma bebedeira e ficou a dormir num canto do caminho até a mãe, que foi à procura dela, a encontrar e levar para casa. Ainda hoje há pessoas que dão bebidas alcoólicas às crianças! Falta de responsabilidade!

Os pais não frequentaram a escola, mas preocuparam-se muito com a instrução dos filhos. Os mais velhos “ensinavam” os mais novos e quando chegavam da escola, a mãe obrigava-os a fazerem os trabalhos da escola e só depois é que iam trabalhar, ajudar a mãe nos trabalhos domésticos e até na fazenda. Mesmo depois de estar a estudar no Funchal, a Elsa ajudava os pais na agricultura durante as férias. Quando o pai esteve emigrado em França, mandava cheques e o filho mais velho ensinou a mãe a escrever o nome para ela poder assinar e levantar o dinheiro.

Ela conta que a mãe era muito religiosa e ao domingo iam todos à missa e sentavam-se todos no mesmo banco. As meninas iam à missa com vestidos iguais, os rapazes também e tinham de portar-se com respeito ao lado da mãe.

A Elsa estudou na freguesia até à sexta classe e depois veio para o Funchal estudar num colégio até o fim do secundário. Quando acabou o secundário foi trabalhar como administrativa durante doze anos. Como amealhou algum dinheiro, decidiu candidatar-se para estudar enfermagem, que foi sempre a sua vocação. Em criança já picava as bonecas, dava-lhes “injecções” com agulhas de coser.

“Quando a minha avó foi à Venezuela visitar os meus tios trouxe-me dois bonecos, um doutor e uma enfermeira, que eu estimei muito. Só me desfiz deles quando vim estudar para o Funchal. Já era crescida e dei as bonecas a crianças do sítio. Mas custou-me muito dar a enfermeira e o médico que eu estimava muito.”

Acabou o curso de enfermagem em 1991 e foi trabalhar para o Centro de Saúde de Santa Cruz, o antigo. Mais tarde, mudaram-se para o novo Centro, o que exigiu muito trabalho, organizar tudo num novo espaço. Por essa altura, o Padre Carvalho, pároco de Santa Cruz, pediu-lhe para se ocupar das toalhas da igreja e outras roupas para as cerimónias religiosas e a Elsa realizou esses trabalhos com muito desvelo.

Entretanto, foi fazer outra experiência profissional: mudou para o Centro de Saúde de Gaula. Aí era muito trabalhoso, porque eram duas enfermeiras, mas não tinham chefe e tinham também de fazer o serviço da chefia. O mais gratificante, apesar de cansativo, eram as visitas domiciliárias. “As pessoas ficam tão contentes com aquelas visitas! Às vezes já tinham o cafezinho pronto à nossa espera, o bolinho, e davam-nos produtos da terra. E não podíamos recusar porque ficavam ofendidas.”

Depois da Gaula, foi trabalhar para o Centro de Saúde do Monte, que funcionava no João de Almada. O prédio estava muito degradado, até ratos passavam à nossa frente. Só mais tarde abriu o novo Centro de Saúde na Estrada dos Marmeleiros. Foi mais um tempo para trabalhar e reinstalar o Centro de Saúde num novo espaço.

“Gostei muito de trabalhar no novo Centro de Saúde do Monte. Tínhamos um bom chefe e eu gostei muito de trabalhar com ele. Quando ele quis mudar para o Hospital João de Almada eu também quis ir com ele. O edifício tinha sido todo remodelado e eu fiquei no primeiro piso, nos cuidados continuados.”

Trabalhou nove anos nos cuidados continuados do Centro de Saúde Dr. João de Almada. “Era um trabalho muito exigente. Recebíamos doentes que acabavam de ter AVC (acidentes vasculares cerebrais). Estes doentes são muito pesados, completamente dependentes. É necessário pegar neles, mudar a fralda, ao princípio nem se viram na cama, ensinamo-los a pegar nos talheres, muitas vezes ensinamo-los a falar, é um trabalho muito difícil. Mas eu fiz sempre o meu trabalho com muito profissionalismo. Os doentes precisam de nós, dependem de nós e temos de estar sempre disponíveis para eles.”

Mas as pessoas cansam e a Elsa sentiu-se cansada de tratar doentes vítimas de AVC. E pediu a reforma antecipada, mesmo ganhando menos do que teria direito. A chefe refutou, tentou dar-lhe a volta à cabeça para mantê-la ao serviço, mas as colegas apoiaram-na: “Vai à tua vida e não dês ouvidos à chefe. Cuida de ti.”

“A melhor coisa que eu fiz foi pedir a minha reforma. Mesmo com penalização, vai dando para eu viver. Faço caminhadas a pé, encontro-me com colegas e faço a minha vida pessoal mais à vontade.

Aqui fica este testemunho de uma profissional de Saúde, que fala com carinho dos doentes a quem assistiu e que se sente feliz na sua reforma porque trabalhou e merece alguns anos de descanso com qualidade de vida. Vive com uma irmã e um sobrinho porque nunca constituiu família de casamento. “Nunca tive essa vocação.”

GILDA

A MATERNIDADE É UM ENTRAVE AO EMPREGO

Chama-se Gilda e nasceu no Imaculado Coração de Maria em 1972. Como a mãe trabalhava a dias em casas particulares, deixava-a ao cuidado de uma senhora, uma ama que cuidava de crianças na sua casa.

Mais tarde, entrou para o Hospício, onde fez a pré-primária, a primária e a primeira comunhão. A Gilda tem boas recordações desta escola. O Hospício tem jardins bonitos e muitos espaços para correr e brincar. Até faziam procissões religiosas lá dentro como, por exemplo, no treze de Maio e outras festas. Também saíam muitas vezes para visitar exposições, ir ao cinema ou ao teatro.

Terminada a primária, transitou para a Bartolomeu Perestrelo, onde fez o 5º e 6º ano de escolaridade. A seguir foi para a Escola da Levada, onde estudou até ao 11º ano, que concluiu com êxito.

Seguidamente, entrou para o Centro de Formação Profissional, onde fez um curso de Técnicas de Secretariado. Paralelamente ao Curso, começou a trabalhar em regime de “part time” no fotógrafo Perestrelas, que já não existe. Aí trabalhava aos sábados, domingos e feriados.

Com o diploma da Formação Profissional, foi trabalhar para uma empresa sediada no Marina Choping, que fornecia peças para barcos, como funcionária administrativa. E continuava a trabalhar nos Perestrelas ao fim de semana.

Entretanto, transitou para uma empresa de Construção Civil que depois fechou e deixou-a no desemprego.

Começou a receber subsídio de desemprego e frequentou diversos cursos de formação, através da Casa do Povo: pastelaria, ervas aromáticas e arranjos florais. Neste momento, o subsídio de desemprego já acabou, mas ainda frequenta um curso de formação “empreendedorismo”. “O Centro de Emprego chamou-nos, propôs esta formação e nós aceitámos.”

A Gilda sente que a vida está muito difícil. “Sou casada e com um filho. Pagamos 560€ da prestação da casa. Precisamos de carro porque vivemos afastados do Funchal e a nossa vida exige alguma mobilidade e não podemos ficar dependentes dos transportes públicos.”

O marido continua empregado, tem o seu ordenado no fim do mês, mas não chega para as despesas todas que têm. Ele ganha para a prestação da casa e outras despesas fixas e a Gilda tem de ganhar para a alimentação, a escola da criança e mais algumas despesas.

Ela dedica-se à confecção de bolos, compotas e licores que vende em feiras e a clientes do seu conhecimento, mas a oferta é muito grande, muitas pessoas estão a vender nas feiras e estabelecimentos, de modo que as vendas nem sempre são compensadoras. A

Gilda já está preocupada com o mês de Janeiro, porque é um mês em que as pessoas compram muito menos e agora já não tem subsídio de desemprego.

Por outro lado, as mulheres têm muito mais dificuldade de conseguir emprego que os homens. “Vamos às entrevistas e perguntam-nos logo se é casada, se tem filhos, se tenciona ter mais filhos.” A maternidade é um entrave ao emprego e depois querem que haja aumento da natalidade!

Quanto ao ambiente familiar, a Gilda não tem razões de queixa. Tem um bom marido, trabalhador, sai do trabalho e vai para junto da família, partilha algumas tarefas domésticas e sentem-se muito bem.

Em relação à sua vida com os pais, viveram alguns momentos difíceis. A Gilda conta que teve uma boa mãe e que o pai, apesar dos problemas, era um bom pai. Mas teve um acidente ainda novo que o deixou incapacitado para o trabalho. E sofria muito por ser a mulher a trabalhar para sustentar a casa. Sentia-se diminuído e enveredou pelo alcoolismo, que o degradou bastante. Morreu aos 50 anos, vítima de trombose.

Temos aqui mais um retrato de uma mulher de 42 anos, na força da idade, com uma criança na escola primária e que não vê uma saída profissional digna, que lhe garanta uma vida estável. É mulher, tem um filho, pode vir a engravidar e representa um obstáculo aos lucros das empresas. Como havemos de sair desta situação com alguma dignidade?

VANDA

AS TUAS IRMÃS TÊM SIDO BOAS ALUNAS, OBEDIENTES, ESTUDIOSAS...E TU ÉS ASSIM!

A Vanda é a filha mais nova da família e viveu a sua infância normalmente, ao lado das irmãs e dos pais. Mas nunca gostou da escola. À semelhança das irmãs, frequentou a escola do Hospício, dirigida por freiras.

A Vanda conta que lhe batiam muito na escola, porque não gostava de estudar e as professoras comparavam-na com as irmãs: “As tuas irmãs têm sido boas alunas, obedientes, estudiosas... e tu és assim...”

Em casa corria tudo bem. A mãe era um bocado rigorosa, mas o pai era mais benevolente. Ele trabalhava no matadouro, era magarefe e a mãe era costureira. Trabalhava em casa.

Como a Vanda não gostava de estudar, não chegou a completar o 11º ano na área das artes.

Depois vieram os problemas de saúde do pai, há quinze anos. Ela conta sofreu muito com a morte do pai. Morreu de cancro no pulmão.

A certa altura da sua vida, começou a sofrer de epilepsia e desmaiava com as crises. Fez tratamentos complicados e errados até descobrirem que era epilepsia. “E actualmente não gosto de ir ao médico, criei alergia aos consultórios.”

Com a morte do pai, passaram por momentos difíceis, porque faltou aquele ordenado, mas nunca passaram fome. Só uma das irmãs tinha ordenado certo, já era professora e conseguiram sobreviver, apesar de alguns constrangimentos.

“Eu comecei a treinar alunos em mini-basket e ajudava nas despesas. Entretanto, fui trabalhar num gabinete de fisioterapia, mas depois deixei para abrir uma loja de decoração com a minha irmã.”

Mas começou a crise e foram obrigadas a fechar a loja. O marido é um desempregado do Madeira Palácio, um hotel que esteve largos anos a funcionar e, de repente, fechou portas, com explicações pouco convincentes, os trabalhadores estiveram anos à espera de uma solução, que seria este mês, para o ano, que desta ou daquela maneira o hotel ia reabrir e depois de anos de esperas, de perdas e expectativas, viram-se no desemprego como tantos outros.

“Agora faço artesanato para vender nas feiras. Vou a todas as feiras que posso para obtermos algum rendimento. A minha prima já vinha a esta feira da UMAR e falou com o responsável para eu poder participar também.

Ainda bem que há pessoas que organizam as feiras para podermos vender, porque há muita gente a precisar de ajuda.

PAULA

ELE NÃO OUSAVA DIZER QUE A MULHER DAVA DIAS FORA PARA NÃO SER CHAMADO DE “CORNO”

Numa zona rural da nossa Região, não muito distante do Funchal, nasceu uma menina que se chama Paula. Os pais nunca foram ricos, mas tinham o suficiente para criar os filhos/as e nunca sofreram de graves carências, como tantas famílias padeceram, sobretudo no tempo do antigo regime.

A Paula cresceu, frequentou a escola e era boa aluna: cumpridora, obediente e obtinha bons resultados escolares. No fim do 2º ciclo, passou com êxito o 6º ano e os pais decidiram que ela não estudava mais. Ela chorou, implorou, suplicou ao pai que a deixasse continuar a estudar, mas o pai foi implacável: ela não precisava estudar mais.

E a Paula não obteve a escolaridade obrigatória que, para a idade dela, é obrigatório o nono ano de escolaridade. Mas o pai não se preocupou com isso: “A Paula já é crescida, fica em casa a cuidar da vida e a bordar e deixa de andar na rua, com os machos, para cima e para baixo. Mulheres querem-se em casa, de rédea curta.”

E a Paula não foi mais à escola. A mãe ajudava o pai no pequeno negócio que possuíam, Paula cuidava da casa, da comida e bordava nas horas vagas, como a grande maioria das mulheres da freguesia. Para piorar a vida dela, tinha um irmão violento que lhe batia constantemente, porque o pai estava na tasca e ele podia exercer autoridade. E os pais nunca se opuseram àquele comportamento. A Paula passou anos de sofrimento às mãos do irmão mais velho.

Realmente, vivemos numa sociedade violenta e machista. Se não for o marido ou o pai, aparece mais alguém a exercer violência. No caso da Paula, o pai já tinha exercido os seus poderes violentos de macho quando não a deixou estudar para não sair e usufruir da companhia dos rapazes da escola e a seguir o irmão tomou o lugar de agressor para lhe infernizar a vida.

E veio a fase do namoro. Felizmente que a Paula encontrou na vida um bom rapaz, que a estimou, respeitou e amou. Foi o namorado que começou a enfrentar o irmão violento da Paula, porque ela já namorava e o agressor ainda a maltratava.

Mas a Paula casou, saiu de casa, e mesmo sem bens pessoais, o casal começou a viver uma vida a dois, com respeito e determinação. E eram felizes. Viveram em casa alugada, o marido trabalhava na construção civil, era poupado e a Paula bordava e ainda trabalhava alguns dias numa casa particular, apesar dos preconceitos. Quantas vezes o marido da Paula ouvia os colegas dizerem: “Mulher minha não sai de casa para trabalhar fora, era o que faltava. Elas vão trabalhar, depois dizem que também ganham dinheiro, começam a falar alto e ainda põem os cornos ao marido.” Ele ouvia aquelas conversas e não ousava dizer que a sua mulher dava dias fora para não ser chamado de “corno”.

Dentro de algum tempo, apareceu uma oportunidade de reconstruírem uma casa antiga que um familiar tinha deixado pela sua morte. A Paula e o marido trabalharam muito para construírem a sua casa. O irmão do marido, que era subempreiteiro e ao mesmo tempo patrão dele, emprestou algum dinheiro para os materiais e com ajudas de familiares e amigos na mão de obra construíram uma bela casa, não uma casa rica, mas segura e confortável para qualquer casal.

Passaram anos de aperto financeiro. A Paula conta que enquanto tinham a dívida a pagar ao cunhado, todo o dinheiro que o marido ganhava era para descontar na dívida e viviam com o dinheiro que ela ganhava e ajudas familiares em produtos da terra. A Paula dava dias fora numa casa particular e em casa fazia obra de vimes, porque ganhava mais que no bordado. Quando acabaram de pagar a dívida, ela deixou o trabalho dos vimes, que era cansativo e, entretanto, nasceu o primeiro filho, que eles foram criando com muito carinho

Ela preferia não ter mais filhos, gostava de trabalhar fora e sentir-se mais liberta, uma vez que o menino já frequentava a escola, mas o marido fez muita força, queria mais um filho/a e a Paula deixou-se engravidar. E nasceu a menina que o marido tanto desejava.

Estava tudo a correr bem na vida daquele casal que se amava, uma vez que o filho por vezes lhes chamava namorados. “Olha os namorados” E porque não haviam de namorar?!

Mas começou a crise na construção civil e o marido da Paula também foi para o desemprego como tantos outros. Aliás, foi dos primeiros, porque o patrão era um subempreiteiro que depressa ficou sem obras para fazer. Aí valeu-lhe o facto de a Paula se ter batido para que o cunhado inscrevesse o marido na Segurança Social, caso contrário, nem direito a subsídio de desemprego teria e a longo prazo os outros direitos de trabalhador.

E a desgraça bateu à porta daquele casal. O marido da Paula morreu repentinamente, de telemóvel na mão, talvez para pedir ajuda, mas não conseguiu. E a Paula ficou viúva, ainda mulher jovem e com um filho adolescente e uma filha ainda pequenina. Valeu-lhe o subsídio de sobrevivência, vulgarmente chamado de subsídio de viuvez, porque o marido descontou para a Segurança Social. E lá está ela a batalhar, por ela e pelos filhos, mas com bons momentos para recordar, aqueles bons momentos em que namorava com o marido, que a amou e protegeu enquanto pôde.

FÁTIMA

OS EMPRESÁRIOS VÊEM OS TRABALHADORES COMO SE FOSSEM OBJECTOS, ESCRAVOS DELES.

A Fátima é uma jovem nascida no Funchal em 1978. Aqui cresceu, estudou e fez-se mulher. Como a mãe não trabalha fora de casa, manteve as suas crianças sempre ao seu lado até à idade de frequentarem a Escola Primária, hoje denominada 1º Ciclo.

Teve uma infância tranquila, ao lado do seu irmão mais velho, uma vez que o mais novo, quando nasceu, a Fátima já tinha 14 anos. Brincava com o irmão e com as suas bonecas e via a RTP Madeira, uma vez que não havia outros canais na altura na nossa região.

Quando era menina tinha um grande desejo de ir para a escola e aprender a ler e a escrever. Uma vez que atingiu a idade escolar, os pais matricularam-na na Escola do Alto, freguesia de Santa Maria Maior e aí fez a sua escolaridade de base. Confessa que era boa aluna, sobretudo na ortografia. Raramente fazia erros e gostava de dizer que tinha zero erros no ditado.

Terminada a Escola Primária, frequentou a Escola Bartolomeu Perestrelo, onde fez o 2º e 3º ciclos, do 5º ao 9º ano de escolaridade. Fátima não gostou daquela escola velha, verde (o antigo seminário), mas sobretudo porque era muito difícil fazer amizades. "As raparigas só falavam de namorados e discotecas e eu não conseguia enquadrar-me com ninguém." A Fátima apenas conseguiu fazer amizade com uma colega, no 9º ano e transitaram as duas para a Escola da Levada, Escola Dr. Ângelo Augusto da Silva, quando terminaram o 9º ano.

Nessa Escola fez o Ensino Secundário, 10º, 11º e 12º anos, na área de Línguas e Humanidades. Aqui sentia-se mais à vontade, as colegas tinham mais maturidade e já conseguiam entabular uma conversa mais interessante. Falavam de arte, cinema. Música, psicologia, filosofia, sobre o sentido da vida e até exoterismo.

Terminado o Ensino Secundário, que fazer a seguir? A Fátima gostaria de estudar Psicologia, mas não havia esse curso na Universidade da Madeira na altura e os pais não podiam suportar as despesas numa universidade fora da região. Só entrava em casa o ordenado do pai, o que limitou bastante os desejos da Fátima.

O pai trabalhou quase 50 anos numa empresa de autocarros de transportes públicos (SAM). Entrava às 7 horas, pelo que se levantava às 5 horas e trinta minutos da manhã, de segunda a sexta feira, fizesse chuva ou sol. Apesar de o pai ser um pouco ausente de casa, a Fátima é-lhe muito agradecida e também à mãe, pois se hoje tem uma determinada educação e fala algumas línguas, deve-o aos pais que tem, ambos apenas com o quarto ano de escolaridade (antiga 4ª classe). E foi fazer um curso de Secretariado que concluiu com sucesso.

Com esse diploma, a Fátima entrou no mundo do trabalho. E, apesar de durante alguns anos vir a fugir da matemática, foi trabalhar para uma empresa na área da contabilidade. E aí laborou durante treze anos e meio.

Mas, entretanto, começaram os atrasos no pagamento dos salários e chegou a um momento que requereu a rescisão do contrato com justa causa.

Como teve sempre muito gosto pela arte, começou a frequentar um curso de pintura e artes decorativas, ainda enquanto trabalhava na empresa. Pintou quadros a óleo e, quando passou à condição de desempregada, dedicou-se às artes decorativas e ao artesanato.

Vende os seus artigos nas feiras, mas é difícil sobreviver economicamente. O facto de haver muito desemprego leva a que muita gente se dedique ao fabrico de peças decorativas e artesanato. A oferta é muito grande e a população tem pouco dinheiro para adquirir obras de arte. Mas não encontra outra forma de ganhar a vida.

Já contactou muitas empresas, enviou muitos currículos, deu diversas entrevistas, mas sem sucesso.

A Fátima reclama da má governação, a nível nacional e regional e da má gestão das empresas. “Os empresários vêem os trabalhadores como se fossem objectos, escravos deles. Não pagam os funcionários durante meses e agem como se nada fosse. E é vê-los a fazerem a sua vida normalmente, sem consideração alguma pelo funcionário que tem uma vida e também precisa de pagar as suas contas.”

O namorado da Fátima esteve sem receber o ordenado de Fevereiro até Junho de 2014 e saiu sem receber nada. Levou a questão para o Tribunal e à presente data ainda está à espera de receber o que lhe devem.

A Fátima gostaria de constituir família, mas nesta situação recusa-se a pôr filhos no mundo. É muito difícil sobreviver economicamente e com crianças as responsabilidades são muito maiores. Não vale a pena apelarem às famílias para terem mais filhos, porque as pessoas responsáveis não podem criar filhos com esta situação de insegurança, precariedade, desemprego e falta de recursos.

No entanto, a Fátima vê o futuro com optimismo, com esperança de que com trabalho e persistência se constrói um futuro melhor.

MARGARIDA

FOI NA MADEIRA QUE TIVE LIBERDADE DE SER CRIANÇA

Esta é a história de uma jovem mulher, nascida na Venezuela, filha de pais madeirenses emigrados naquele país. A Venezuela é o berço de muitos luso-descendentes, filhos de emigrantes portugueses, sobretudo madeirenses, que sonharam com uma vida melhor, partiram para a pátria de Simon Bolívar e lá se instalaram, aí nasceram os seus filhos, cresceram e a maioria nunca mais voltou para a terra de seus pais.

Os pais de Margarida também sonharam, emigraram e ela também nasceu na Venezuela e aprendeu a falar castelhano como todos os meninos e meninas com quem estudou.

O avô materno havia saído da Madeira há muitos anos, a mãe de Margarida era ainda muito criança e só conheceu o pai quando chegou à Venezuela, mulher casada e mãe de um filho.

Pelo caminho ficou uma infância sem o pai (hoje enchem a boca para dizer que as criancinhas devem ter, obrigatoriamente, um pai e uma mãe), uma mãe que foi definhando e acabou por falecer, vítima de tuberculose, quando ela tinha 11 anos. Ela e o irmão mais velho foram viver com a avó materna, porém, a irmã foi viver com a avó paterna.

A mãe de Margarida cresceu, fez-se mulher e casou com um carpinteiro de profissão. O casal pôs um filho no mundo em 1970 e um ano depois o marido pensou em emigrar porque em Portugal ganhava mal e queria melhorar de vida. E foi encontrar-se com o sogro à Venezuela, pessoa que ainda não conhecia.

Margarida, a mais nova da família e a irmã nasceram na Venezuela e foram criadas com todo o carinho e com todos os cuidados, pois os pais sentiam-se muito inseguros quanto ao ambiente social que lá se vivia.

O pai, natural de Santo António, foi sócio de outro madeirense, natural de São Roque e de um continental do Norte de Portugal, numa carpintaria na periferia de Caracas. Apesar de ter sido um dos donos, comentava não ter tido grandes ganhos financeiros, tendo guardado tudo o que conseguiu poupar para concretizar dois grandes sonhos: adquirir uma casa modesta na Madeira e dar estudos aos filhos, pois, dizia ele, os filhos com estudos ficariam com uma “ferramenta” que lhes iria proporcionar uma vida melhor que a dos pais.

Margarida fez a 1ª e 2ª classes na Venezuela, mas em seguida veio para a Madeira com os pais, o irmão e a irmã. Os pais matricularam-na numa escola primária, na 3ª classe, mas a sua integração foi complicada devido à língua. Reprovou esse ano, voltou a repetir e nunca mais voltou a ter reprovações na sua vida de estudante. Em contra-

partida, a vida na Madeira era muito mais agradável que na Venezuela. “Foi na Madeira que tive liberdade de ser criança.”

Margarida sentiu uma diferença substancial: podia brincar na rua com outras crianças, ia sozinha para a escola, teve os primeiros contactos com animais ao vivo “Eu nunca tinha visto uma galinha viva”. Outra novidade foi presenciar trabalhos agrícolas e ver as plantas a crescer nas hortas de uma zona periférica do Funchal.

Após a escola primária, frequentou a Escola do Galeão e aí venceu mais duas etapas: o 2º e 3º ciclos, do 5º ao 9º ano. Após o 9º ano, matriculou-se para o 10º ano na Escola Jaime Moniz, com a ideia que aí teria melhores professores.

O pai abriu uma carpintaria com um irmão e, apesar de não ser rico, investiu bastante na formação dos filhos. “O meu irmão é engenheiro civil e a minha irmã é enfermeira.” Margarida foi estudar para a Escola Jaime Moniz, mas como não sabia bem qual o curso universitário que iria seguir, matriculou-se na área da saúde. Quando acabou o secundário, decidiu que queria seguir engenharia civil como o irmão, mas não tinha estudado física. Por isso se matriculou na Universidade da Beira Interior (UBI), na Covilhã, porque aí não lhe exigiram a disciplina de física e o curso de engenharia civil era reconhecido pela Ordem dos Engenheiros. Mas precisou de estudar muito mais que os colegas que tinham frequentado a disciplina de física no secundário. Mas, mesmo assim, conseguiu finalizar a licenciatura pré-bolonha em engenharia civil em 5 anos, de 2000 a 2005.

Após finalizar a licenciatura em engenharia, ganhou uma bolsa de investigação para elaborar ferramentas didácticas para futuros alunos do curso e ao mesmo tempo matriculou-se no mestrado pré-bolonha, em sistemas de informação geográfica. Em 2007, foi chamada e defendeu a sua tese de mestrado.

No mesmo ano, já se encontrava a estagiar numa empresa de projectos para construção civil. As tarefas lá realizadas pediam deslocações entre o Teixoso (Covilhã) e Lisboa. Nesta empresa realizou o estágio profissional e, paralelamente, ajudou o irmão a executar alguns projectos de construção civil, que foram assinados pelo irmão. As actividades realizadas entre 2005 e 2007 permitiram ganhar experiência na área, permitindo também a entrada na Ordem dos Engenheiros como membro efectivo. Foi durante a realização do estágio que tomou a decisão de prosseguir os estudos.

Em 2008 candidatou-se a uma bolsa de investigação e para a qual foi seleccionada e pôs-se a estudar para fazer o doutoramento, de 2008 a 2012. Como aluna de doutoramento e bolseira, foi autora e co-autora de alguns artigos científicos publicados em revistas internacionais que valorizaram o seu trabalho. Ainda no âmbito do doutoramento, deslocou-se até à Suíça e participou num congresso para apresentar os resultados obtidos no seu trabalho. O mesmo fez em Portugal, onde participou em Congressos nacionais em Lisboa e Porto. Passou também uma temporada no Brasil, em visita a um grupo de investigação e aí realizou ensaios/testes no material executado, pois em Portugal não os pôde testar por falta de equipamentos necessários.

Em Fevereiro de 2011 decide regressar à Madeira para passar o último ano do doutoramento em casa, onde escreveu a sua tese e ajudou a mãe a cuidar do pai, com graves problemas de saúde. Devido à distância, mandava os trabalhos para o orientador e co-orientadora pela internet e os mesmos foram discutidos através do skype. Em Outubro do mesmo ano, deslocou-se ao Continente para entregar a tese e pedir provas. Foi chamada para prestar provas doutorais na área da engenharia mecânica em Fevereiro de 2012.

O pai de Margarida, aquele pai que tanto se empenhou para que os filhos estudassem, ficou cada vez mais debilitado e doente e estava à beira da morte quando a Margarida chegou com o doutoramento concluído. O pai faleceu alguns dias depois da chegada da filha mais nova, a sua menina. “Parece que o meu pai estava à espera que eu chegasse para me ver antes de partir.”

Depois da morte do pai e estando desempregada, ocupou o seu tempo a preparar um plano pós-doutoramento, que foi submetido, semanas depois, numa chamada para bolsas individuais da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT). Este plano tinha como instituição de acolhimento uma das unidades de investigação da Universidade de Coimbra.

Nesta fase do desemprego, enviou currículos para vários lugares, quer em Portugal como para o resto do mundo. Foi-lhe proposto ir até à China, mas não quis afastar-se para tão longe da mãe, que se encontrava a tratar uma depressão provocada pelo falecimento do marido.

Num certo dia, e por ironia do destino, ligaram-lhe para trabalhar na sede da FCT em Lisboa. Um dos currículos que enviou adaptava-se a um dos lugares que a FCT precisava preencher. Ao fim de quase seis meses e a trabalhar num departamento diferente, recebeu a resposta que já nem esperava por parte da FCT sobre o plano pós doutoramento. A resposta veio positiva e teve que optar: ou continuava a trabalhar na fundação ou rumava até Coimbra para retomar a vida de investigadora. E optou por Coimbra, deixando Lisboa para trás. Confessa que em Lisboa a vida é muito mais cara que em Coimbra e muito mais solitária e stressante.

Agarrou a oportunidade e recomeçou a investigação em Janeiro de 2013, onde ainda continua. Pelo meio esteve a fazer investigação na Madeira, que não pôde ser superior a 3 meses, voltando novamente para Coimbra, a sua instituição, para continuar os trabalhos de investigação.

Vive com uma bolsa de investigação e divide um pequeno apartamento com o sobrinho mais velho que ingressou no Curso de medicina em 2014 nesta cidade.

Margarida afirma que o pai era um revolucionário e, naturalmente, que lhe deve ter passado ideias e princípios que ficaram a germinar na sua cabeça. Com os problemas criados pela crise de austeridade, as pessoas começaram a protestar e a reivindicar. Margarida pensou: “Tenho de filiar-me num partido e lutar. Nos partidos de direita estava fora de questão. Em Lisboa, eu passava todos os dias na porta da sede do Bloco de Esquerda, na Rua de São Bento. Por outro lado, foi o BE que apresentou uma

proposta na Assembleia da República para que os bolseiros/as tivessem alguns direitos profissionais e filiei-me no BE para apoiar as lutas.

JOANA

É PRECISO APRENDER SEMPRE NUNCA É TARDE PARA APRENDER

A Joana é filha única, nasceu em 1980 e viveu os primeiros anos de vida em São Martinho, tendo frequentado o Patronato de São Pedro na sua infância. A mãe lembra-lhe frequentemente que ganhou um prémio em pintura, no infantário, pois ela já não se recordava.

Depois veio viver com os pais para o centro do Funchal, mas a casa da avó foi sempre o seu esteio, onde voltava de vez em quando, gozar o colinho da avó e as brincadeiras com os tios. Os pais sempre foram pessoas muito ocupadas, mas davam-lhe toda a atenção necessária e revezavam-se nos cuidados com a filha.

Frequentou uma escola particular durante o Ensino Primário, por ser uma escola a tempo inteiro. Muitas vezes, o pai ia buscá-la à escola, dava-lhe o lanche e por vezes a levava a passear na Avenida do Mar. A Joana refere que conversavam muito, ela e o pai, sobre astronomia, o universo, como seria a vida noutros planetas, como seria a vida depois da morte... “Eram conversas filosóficas, abrangentes e profundas. Apesar da minha tenra idade.”

Quando já era um bocadinho mais crescida, começou a sair sozinha da escola e ia para o sindicato com a mãe, onde gostava de passar o resto da tarde a “imitar” as tarefas da mãe. Era relativamente perto, mas a mãe preocupava-se e “espiava”, com medo que lhe acontecesse algum mal. E a Joana começou a conquistar a sua independência, sentia-se mais crescida, mais autónoma.

Ela sente que foi muito influenciada pela família paterna. Aos fins de semana, nas férias e sempre que os pais estavam ocupados, passava muito tempo na casa dos avós, um lugar com quintal, fazenda, alguns animais. “Eu adoro animais e estar perto da Natureza.” O avô era agricultor e a Joana lembra-se de terem coelhos e periquitos, além das bananas e muitos legumes, que o avô vendia no mercado ao fim de semana. E como os tios eram muito jovens, brincavam muito com ela e tinham muito espaço no quintal e na fazenda. Entre outros jogos, jogavam aos berlindes, brincavam na fazenda e jogavam à bola, e até lhe fizeram um baloiço no quintal. Quando iam à pesca submarina, também levavam a Joana no bote até o Cabo Girão, e ela adorava.

“A minha prima Helena é um pouco mais nova que eu e brincámos muito as duas na casa dos meus avós. A minha avó era criativa e fazia-nos bonecas, bonequinhos, roupas para a barbie...”

Também ia a casa dos avós maternos e lembra-se do cão e das galinhas. Recorda-se do cozido à portuguesa no dia 27 de Dezembro de cada ano, quando a família materna se juntava para festejar o aniversário do avô Salvador.

“O meu avô paterno adoeceu e morreu quando eu tinha seis anos. Os meus pais sempre me protegeram, mas deixaram que eu fosse confrontada pela vida e a morte.

Fui ver o meu avô ao hospital e fui ao funeral e não me assustei. Levei uma rosa para pôr no caixão, mas voltei com ela para casa, porque era uma flor muito bonita e não quis deixá-la lá a definhar.”

Quando frequentava a 3ª classe, teve uma doença esquisita que foi tratada com corticosteróides. Engordou muito, cerca de vinte quilos e o professor de Educação Física começou a pô-la de parte nas aulas. Depois, foi a professora da quarta classe que a discriminava e a exibia à frente das outras como um bicho raro, por ser muito gorda. “Doeu-me muito essa discriminação. Ainda estamos longe da tolerância, mas nesse tempo era pior.”

Depois foi para a Escola dos Louros, fazer 5º e 6º anos, mas afirma que aí não sofreu discriminações. Nos Louros era um meio diferente da escola primária, tinha muitos professores e gostava de aprender. Sentiu-se bem nessa escola. Na primária era mais limitado. Às vezes ouvia umas bocas de alunos fora da turma, mas nada de relevante. Foi sempre boa aluna, gostava de brincadeiras com os rapazes (e também com as raparigas), mas não fazia distúrbios.”Uma vez sujámos o pátio da escola (na escola primária) disparando cones de papel uns contra os outros através duns caninhos de plástico. Também roubávamos pitangas e flores. Ficávamos de castigo nos intervalos. Mas eram brincadeiras normais de crianças.”

“No Natal, os meus pais levavam-me aos carrinhos eléctricos e divertíamo-nos muito. Um ano, meu pai só me pôde oferecer um livro no Natal, A Volta ao Mundo em Oitenta Dias em BD, que eu adorei. Ainda conservo esse livro. Outro ano, quando os meus pais tinham mais dinheiro, ofereceram-me uma pista de carros. Como tínhamos pouco espaço na casa onde vivíamos, levámos a pista para a casa da minha avó. Quem se divertiu mais com a pista de carros foi o meu pai e os meus tios e eu a observar.”

Em paralelo com a escola, começou a acompanhar os pais nas actividades políticas, como as campanhas eleitorais, a colocar pendões, cartazes, participar nos comícios. “Só não gostava dos almoços e jantares, por causa da confusão e longas conversas chatas. E do stress dos meus pais que viviam a política a 100%.”

Quando terminou o 6º ano, matriculou-se na Escola da Levada, que ficava perto de casa e é uma escola muito grande, comparando com a Escola dos Louros. Continuou a fazer um percurso regular e apegou-se muito às ciências. Costumava dizer que seria meia política e meia médica, o que não veio a acontecer.

Em paralelo, a Joana e o pai apaixonaram-se pelos computadores. Montavam e desmontavam computadores, com a ajuda de um amigo do pai. E foi aprendendo a dominar a informática, paulatinamente, mas com empenho e segurança.

Terminado o Ensino Secundário, matriculou-se na Universidade da Madeira em biologia, apesar de os pais a terem chamado a atenção que teria muitas dificuldades ao nível profissional com este curso. Sentiu uma grande diferença entre as escolas que tinha frequentado e a universidade. Com algumas excepções, os professores estavam lá para debitar matéria, sistema muito diferente das outras escolas, e começou a baixar as notas. A Joana sente que se dá muito mais valor à parte teórica e pouco valor

à prática. “Trabalhávamos tanto nas pesquisas e trabalhos práticos e no final a avaliação teórica (o exame) valia 75% e a prática 25%. Era bom para quem marrava para os exames. Na vida prática conta bastante o saber prático, mas no curso contava pouco. Por exemplo, os testes de escolha múltipla são um horror. O sistema tem de ser melhorado. No E. Secundário é avaliação contínua, que é mais correcto.”

No fim do curso, o pai já tinha tido um enfarte há vários anos e, talvez influenciada subconscientemente (pois o enfarte foi provocado por artérias bloqueadas por placas de colesterol), desenvolveu uma tese sobre o perfil lipídico na população madeirense. A Joana tinha consciência que teria muita dificuldade em conseguir emprego. Os pais eram contra as “cunhas”, mas não conseguia nada através dos concursos. “Eu via que os concursos estavam viciados. Na maior parte das vezes já se sabia para quem era aquele lugar para onde estávamos a concorrer. Desisti dos concursos para não perder tempo e segui outro caminho.”

A Joana tinha muitos conhecimentos em informática, mas não tinha um certificado para apresentar no currículo. Os pais pagaram-lhe um curso de informática e ela passou a frequentá-lo. Ao fim de algum tempo, a formadora chamou-a à parte e perguntou porque razão ela frequentava aquele curso, uma vez que sabia mais que ela, a formadora. “Pois, mas não tenho certificado. E preciso para o currículo.”

Aí a escola fez-lhe uma contra-proposta que a Joana aceitou. Fez uma formação em Artes Gráficas, em paralelo com a informática, que só comparecia para os testes. Ela adorou fazer este curso que lhe foi muito útil para a sua formação.

Começou a procurar trabalho nesta área, mas não conseguiu nada. Chegaram a dizer que ela tinha excesso de habilitações. Ainda fez alguns biscates, mas nada com interesse. Até que foi trabalhar para uma Editora de Livros e Revistas, uma empresa de origem brasileira. Trabalhou 3 anos como administrativa, paginadora e designer gráfica, e aprendeu muito. Mas a editora fechou e ficou novamente no desemprego.

Os pais estavam sempre dispostos a ajudar, mas a Joana queria ser independente. Assim sendo, registou a sua marca, Artes d'Elfa, e começou a trabalhar por conta própria: faz bijuterias, acessórios e trabalhos de design gráfico. Está colectada como trabalhadora independente, paga muitos impostos, só assim pode vender os seus produtos e passar os recibos.

A Joana sente que as gerações anteriores, mesmo ganhando menos, tinham trabalho mais seguro e sabiam com que contavam. Hoje não é assim. Os jovens de hoje ou vão à luta ou ficam eternamente na casa dos pais. É verdade que nem todos têm habilidade e talento para fazer várias coisas. Mas vivemos uma época em que vale a lei da sobrevivência do mais forte. Ou nos vamos adaptando, singrando, ou nada feito. E ela considera-se sortuda por ser polivalente, “a mulher dos sete ofícios”.

“O que mais me preocupa é a falta de solidariedade entre as pessoas. Deviam unir-se e ajudar-se umas às outras. Eu às vezes sinto-me um pouco extra-terrestre.”

Ela confessa que os pais não a baptizaram, mas deixaram que seja ela a decidir. Até hoje não optou por nenhuma religião, “mas não sou materialista, sinto que há algo mais em nós que perdura, que se recicla... a nossa alma, a nossa consciência...”

Quanto à sua vida sentimental, confessa que nunca foi namorada. É um bocado intimista. Tem um núcleo de amigos/as, a sério, mas nunca foi de se abrir com toda a gente. Teve o primeiro namorado aos 22 anos, mas durou pouco tempo, foi passageiro. Aos 23 anos começou a namorar com o actual companheiro, com quem vive em união de facto. Sente-se feliz, porque além de companheiro ele é um grande amigo. E teve a sorte de ter encontrado este companheiro e de ter tido sempre uns pais espectaculares.

E deixa uma mensagem: É preciso aprender sempre, estarmos sempre a aprender, nunca é tarde para aprender. As vivências formam aquilo que nós somos. Nada acontece por acaso na nossa vida. Tudo o que me aconteceu teve um propósito que descobri mais tarde.

Mais um testemunho de uma mulher ainda jovem, mas muito madura e experiente, que aborda as questões da vida e da morte com profundidade, que luta e aprende quotidianamente com as vivências e experiências, com os exemplos negativos e positivos.

Força Juventude! Pra frente é que é o caminho, que tem de ser percorrido com segurança e inteligência.

PALOMA

ACABEI UM CURSO DE FORMAÇÃO E QUERO APRENDER MAIS EM INFORMÁTICA

Câmara de Lobos, por tradição, é terra de pescadores. Foi aí que nasceu a Paloma, em 1981, filha de um pescador e uma bordadeira, que puseram no mundo seis filhos e filhas, incluindo a Paloma.

Frequentou a escola, mas confessa que não gostava. Ia à escola porque tinha de ir, mas nunca passou do 5º ano de escolaridade. Só gostava da disciplina de inglês.

Nas suas memórias de infância, destaca o prazer de receber presentes de Natal e de Aniversário. Na adolescência e juventude, diz que gostava de conviver com rapazes e raparigas e ouvir música em ocasiões especiais, ao ar livre.

Após a escola, com muitos insucessos, começou a trabalhar a partir dos 16 anos, como ajudante de cozinha num restaurante. Também trabalhou em bares, no balcão do Café do Pingo Doce e foi empregada de quartos num hotel.

Ainda muito jovem, envolveu-se com um rapaz, um namoro que não devia ter consequências, mas engravidou. Teve uma filha desse relacionamento e o pai da criança não queria assumir a paternidade. Só assumiu obrigado pelo Tribunal.

Alguns anos mais tarde, foi viver em união de facto com outro homem. Moravam na Calheta, uma vez que o companheiro tinha lá uma casa de família.

Dessa relação nasceram quatro filhos e filhas. Viveram dez anos em união de facto, mas foram dez anos de grande sofrimento. O homem enciumava-se com tudo, a Paloma não podia falar com ninguém, nem sequer com a irmã dele. “Aquilo era uma doença. Se ele nem queria que eu falasse com a irmã dele! Então eu estava a traí-lo na casa da irmã dele?”

“Apresentei queixa diversas vezes no Centro de Saúde, tinha fotografias das marcas dos maus tratos, mas ele roubou-me. Eu nunca o levei para o Tribunal, achei que não podia provar nada e fui deixando o tempo passar.”

Até que um dia a Paloma pensou em mudar de vida. Procurou uma casa para alugar no Funchal, providenciou o subsídio de reinserção social mais os abonos de família das crianças e veio para a cidade.

E o pai paga pensão de alimentos?

Ele ainda não paga, mas vai ser obrigado a pagar, porque eu meti o caso em Tribunal.

E as crianças? Frequentam a escola?

Estão todas na Escola Bartolomeu Perestrelo. A mais velha tem 14 anos, e os restantes têm 10, 9, 7 e 4 anos.

E continua sem trabalho remunerado?

Sim. Acabei agora um curso de formação e quero conseguir mais formação em informática. Neste curso aprendi o básico, mas quero aprender mais, quero ter um emprego e melhorar a minha vida em termos económicos.

Sente-se bem a viver no Funchal?

Ah! Agora é um sossego! Não podia mais aguentar viver com medo, com pancadaria, sem poder me divertir, ele não me deixava conviver com ninguém, era um tormento.

E como vão as coisas com o novo namorado?

Agora é outra vida. O meu namorado é o meu esteio, o meu amparo.

Uma mulher jovem, com 33 anos, bonita, mas com pouca escolaridade e poucos meios para se defender num meio bastante hostil. Teve relações desprotegidas, foi mãe muito cedo, caiu nas garras de um homem violento e viveu dez anos da sua juventude amarrada a uma vida sem sentido, muito sofrida, que quase a esmagava. Felizmente que tentou reerguer-se e está a batalhar para criar cinco filhos e manter-se à tona, com alguma qualidade de vida.

ZITA

POR MINHA VONTADE NÃO CASAVA, MAS A FAMÍLIA IMPÔS

Teve uma infância divertida, afirma. O facto de nascer e crescer no campo, mais propriamente na Camacha, deu-lhe oportunidade de brincar ao ar livre, sem os constrangimentos e perigos do meio citadino, como está acontecer com os seus filhos. Nasceu em 1982 e foi como se fosse filha única, na medida em que os seus quatro irmãos nasceram muito mais cedo, já eram crescidos e ela era a menina da casa.

Estudou nas escolas da freguesia até ao 9º ano e seguidamente começou a trabalhar num restaurante, a servir à mesa.

Começou a namorar aos 13 anos e aos 17 teve uma relação desprotegida e engravidou. E foi pressionada pela família para casar com o pai da criança. “Por minha vontade não casava, não precisava ter um marido para criar o meu filho, mas a família impôs e assim foi.

A Zita conta que aquele casamento não podia durar e foi o que aconteceu. Separaram-se ao fim de nove meses. Ela afirma que ele era um egoísta e não tinha responsabilidade nem assumia que tinha uma mulher e um filho. “Tinha atitudes de criança.”

Quando casaram, estavam a começar a construir uma casa e já tinham carro. Mas a Zita diz que não levou bens nenhuns consigo. Ficou apenas com o filho e não lutou pelos bens a que tinha direito.

Mais tarde ela veio trabalhar para o Funchal, conheceu outra pessoa e vivem em união de facto.

Foi muito difícil exigir a pensão de alimentos ao pai do seu filho. Ele pagava durante algum tempo, deixava de pagar, atitudes próprias daquele indivíduo, diz a Zita. Actualmente está emigrado e envia a pensão de alimentos regularmente.

O primeiro filho já tem 14 anos e a Zita tem outra filha com 9 anos, fruto da segunda união e sente-se muito bem com o actual companheiro. “Eu já tinha tido uma experiência negativa e ele também já era separado. Agora faço comparação entre o primeiro relacionamento e o segundo e sei dar valor àquilo que de bom eu vivo com este companheiro.” O que mais a conforta é o companheiro ter aceiteado o filho que não é dele como se seja seu. Estimou sempre o menino como estima a filha dos dois. “Para mim, como mãe, é o que mais gosto nele. É muito gratificante.”

Quanto à sua vida profissional, não tem sido fácil lidar com a situação que está criada a quem trabalha por conta de outrem.

Desde que veio para o Funchal, esteve a trabalhar como empregada de mesa, depois foi para uma Agência de Viagens trabalhar como estafeta, fazia serviço externo da Agência, isto até Dezembro de 2013. E ficou desempregada, como tanta gente.

A Zita comenta que os patrões estão a aproveitar-se da situação actual para despedirem à hora que lhes apetece, porque as leis lhes permitem. Estão protegidos pelas leis. Eles têm vidas de luxo e não querem pagar a quem trabalha.

Ela já tinha começado a vender nas feiras ao fim de semana enquanto estava empregada e agora é essa a sua actividade profissional. Vai vender a diversas feiras. Ao princípio ela fabricava e vendia bijuterias, sobretudo anéis, feitos com arame de alumínio de diversas cores. Mas actualmente a sua actividade principal é a utilização de sacos de café que recolhe em restaurantes, bares e cafés e transforma em sacos utilitários. São muito bons para transportar compras, por exemplo. Os turistas também compram. REDUZIR REUTILIZAR RECICLAR são os três erres do bom ambiente que a Zita está a promover.

A Zita aconselha que nenhuma mulher passe a vida inteira infeliz por causa dos filhos. É sempre possível criar os filhos, mesmo que o pai esteja ausente ou não assuma as suas responsabilidades.

E ainda subsiste o termo “sexo fraco” ligado à condição de mulher. Temos aqui o exemplo desta mulher a provar que é forte, que sabe enfrentar as situações emocionais, sociais e profissionais, que sabe tirar lições do que lhe vai acontecendo e tem uma leitura das diversas situações que tem atravessado.

RITA

O PIOR DE TUDO FOI SEMPRE A VIOLÊNCIA

Nascer mulher é sinónimo de ser alguém com menos direitos que os homens, de ser discriminada e muitas vezes violentada, violada e abandonada. Nascer mulher com deficiência é provável que tenha de enfrentar as violências e preconceitos que as outras encontram mais aqueles que advêm da sua deficiência.

A Rita nasceu com uma deficiência devido a má formação do feto, mas não se sente inferior a ninguém. Diz: “Nasci assim. Esta sou eu e por que razão hei-de ser menos?” Afirma que prefere esta condição do que ser como muita gente que não vale nada, que vive sem nunca sentir o verdadeiro sentido da vida, ainda se prende a inutilidades e faz coisas abomináveis.

Quando nasceu, os pais e demais família ficaram em choque. A Rita conta que os pais não estavam preparados para receber uma criança deficiente, até porque não havia na família ninguém com deficiência.

Mas ela habituou-se à sua condição e aprendeu a viver com a deficiência com que nasceu. Desde que entrou para a escola teve sempre apoio da Educação Especial e Acção Social, o que foi fundamental, até porque o pai ficou desempregado e a mãe era doméstica e não tinham condições económicas para lhe pagar os estudos.

O pai não queria que a mãe trabalhasse fora de casa, como fazem muitos dos homens que querem controlar as mulheres. Chegaram ao ponto de não haver nada para cozinhar, literalmente. O pai passou a fazer alguns biscates para obter algum dinheiro e a mãe foi trabalhar a dias.

O pior de tudo foi sempre a violência. A Rita sempre viu o pai maltratar a mãe, oprimi-la, a mãe foi se anulando dia a dia e hoje é uma mulher quase destruída e não tem forças para reagir.

Em relação à filha, a certa altura o pai começou a procurar pretextos para maltratá-la, mas a Rita evitava o confronto, porque sabia que não valia a pena se desgastar numa luta tão desigual, perdida à partida. Para humilhá-la, o pai chegou a dizer-lhe que ela tinha êxito na escola porque os professores/as tinham pena dela e passavam-na por favor. A Rita não respondia, desvalorizava as acusações dele e seguia em frente.

Mas um dia a mãe teve um acidente em casa e ele aproveitou para se atirar à Rita, culpando-a do acontecido. Nesse dia tirou a desforra e até lhe partiu um lábio. Ainda conserva a cicatriz.

Com apoio de alguém, conseguiu ajuda da Segurança Social para alugar um quarto e saiu de casa com a mãe. Mas esta pobre mulher não teve forças para resistir e voltou para o marido, com muita pena da Rita, que vê a mãe a destruir-se no dia a dia, sob a opressão, a humilhação e os maus tratos.

Hoje é uma sombra da mulher que foi. Tem pouca auto-estima e está sem vontade de viver. “A minha mãe tem uma dependência emocional do meu pai. Cresceu sob as ordens dos pais e dos irmãos para depois se submeter às ordens do marido. Mas também tem ódio do marido e isso às vezes dá-lhe alguma coragem para enfrentá-lo.”

A Rita cresceu sabendo que não era aquilo que queria para a sua vida. O pai tinha ciúmes da relação dela com a mãe, porque ele tem de estar em primeiro lugar. E o seu lado narcisista não aceita a ideia de ter uma filha deficiente, que é a continuação dele. Esta jovem deficiente concluiu uma licenciatura porque teve sempre apoio da Acção Social Escolar para livros e transportes. Fez um estágio, mas nunca conseguiu um emprego remunerado. Já fez voluntariado numa instituição, mas como faltou dinheiro para os transportes, não pôde continuar.

Não tem rendimentos, recebe uma verba da Segurança Social para o quarto e apenas sobra um euro no fim do mês. A Segurança Social distribui umas senhas para refeições, mas nem sempre, de modo que muitas vezes não tem o que comer.

A Rita só queria ter um emprego, ter um rendimento próprio e conseguir estabilidade na sua vida. E apela aos jovens que lutem por si, pelas suas vidas e não se prendam a coisas que só lhes fazem mal.

Esta é mais uma jovem mulher, nascida em 1983, com 31 anos, com formação universitária e que não pode pôr a render os seus talentos ao serviço do bem comum, porque vivemos numa sociedade que despreza as pessoas e só cria pobreza e mal estar, em vez de dar oportunidades a estes novos valores e criar riqueza e desenvolvimento para o nosso País.

E pior ainda é saber que temos uma jovem deficiente a sofrer carências, até alimentares, num mundo de tanta produção e tanta riqueza nas mãos de uns tantos, poucos. Nem sequer os animais de estimação os deixamos à fome. Muitas vezes alimentamo-los, mesmo não sendo nossos, para terem o seu bem estar. E deixar seres humanos ao abandono, sobretudo uma pessoa deficiente que precisa de mais apoio que os restantes, é uma grande desumanidade, uma crueldade sem tamanho.

GRAÇA

LEMBREM-SE QUE HÁ SEMPRE UMA SOLUÇÃO PARA TUDO, MENOS PARA A MORTE

Nasceu e cresceu no Caniço, Estrada do Pinheirinho, em 1984. Os pais estavam começando a construir a casa e já moravam num único quarto, que foi o primeiro a ser construído, durante três anos. Esse quarto depois passou a ser o quarto de lavar a roupa, com um tanque e mais tarde a máquina de lavar.

Conta que teve uma infância pouco feliz, pois teve um pai alcoólico e extremamente agressivo com a mãe. Quando castigava a filha também era muito severo. Era um homem possessivo e muito controlador.

A senhora não podia rapar as pernas, pintar as unhas, por ex, porque quem fazia isso eram as mulheres da rua (as putas). Se a mãe dissesse que ia sair para fazer compras, havia um inquérito de manhã e outro à noite, quando ele chegava.

Entretanto, foram os dois trabalhar para Jersey e a Graça foi viver com a tia e as primas. Conta que foi um tempo bom, tinha liberdade de brincar e não havia violências. Quando ia de férias para Jersey com os pais, notou que o pai em Jersey não parecia o mesmo homem. Era muito diferente. Não exercia violência, tratava a filha com carinho e até lhe comprou uma bicicleta para utilizar lá, porque na Madeira ele não autorizava que ela andasse de bicicleta.

Mas voltou para a Madeira e continuaram as mesmas violências. “Eu às vezes fugia para casa de uma vizinha com medo de meu pai e uma noite fugimos as duas, eu e a minha mãe, e escondemo-nos num terreno ao lado, por trás de uma árvore, porque ele chegou a casa e ameaçou-nos com uma arma que tinha em casa. Illegal!

Com o correr dos anos, o pai foi perdendo força física, mas continuava a violência verbal, psicológica. Mas foi sobretudo porque a mãe começou a estudar com as testemunhas de Jeová, começou a ganhar força e começou a enfrentá-lo. E o pai nunca mais bateu na mãe. A senhora converteu-se àquela religião e baptizou-se.

A Graça foi crescendo, estudava e queria namorar. A primeira vez que o pai a avistou com um namorado, chegou a casa, agarrou-lhe os cabelos e deu-lhe um soco na cara. A Graça fez uma máscara de trombocid, para não ficar com a cara negra, mas andou toda a semana com os maxilares doridos.

A partir daí, o pai não podia saber dos namorados dela. Estudou até o 9º ano e fez um curso de formação profissional na área da contabilidade, com equiparação ao 12º ano. Mas nunca exerceu a profissão de contabilista.

Quando apresentou o namorado ao pai, ele teve de aceitar. Conformou-se.

A Graça e o marido casaram numa cerimónia simples. Foram ao registo e casaram. Pronto. Depois de um ano de casados decidiram ter um filho. A meio da gravidez da Graça, a mãe adoeceu e foi descoberto que tinha um cancro no cólon. Viveram dias difíceis, a mãe foi a Lisboa fazer uma operação, mas não resolveu nada.

Entretanto, o menino da Graça nasceu e o pai estava sozinho em casa. Não tinha ninguém a cuidar dele, e tratava-se de um homem que não cozinhava nada para comer. Quando a Graça pôde, foi ver o pai. Ela confessa que o pai tinha 50 anos, mas parecia que tinha 60 ou 70. Nesse dia ela encontrou-o em cuecas, de pé, mas tinha a cara desfigurada. Viu que o pai não estava bem, chamou a ambulância e levou-o para o hospital. Foi diagnosticado um acidente vascular cerebral. Já não voltou a casa. Morreu algum tempo depois. A mãe morreu alguns meses mais tarde, o neto já tinha sete meses.

“Graças a Deus que encontrei um bom marido, que também teve um pai alcoólico e vivemos bem um com o outro.”

Profissionalmente, optou por trabalhar em casa. Entusiasmou-se com as bijuterias em croché e também faz pinturas em tecido por encomenda e sente-se bem assim. Tem tido o filho sempre perto de si, não foi para a creche, mas frequentou a pré-primária e agora está na primária. “Quando chegam as férias não tenho que me preocupar onde deixá-lo. Como trabalho em casa, ele fica comigo.”

“Nem toda a gente dá valor ao nosso trabalho. Mas eu tenho algum rendimento e ajudo nas despesas. O meu marido trabalha na construção civil a colocar azulejos. No princípio do nosso casamento trabalhei em serviço doméstico, dois dias por semana. Depois dediquei-me ao meu filho. Quis estar sempre presente até ele ir para a pré-primária.”

Agora trabalha em casa e vende os seus produtos nas feiras.

MENSAGEM

A todas as mulheres vítimas de violência doméstica não tenham medo de dizer não à violência, lutem e saiam de casa, vivam a vida. Pensem nos filhos, porque eles são os que mais sofrem. Não pensem que eles não entendem o que se passa, eles também sofrem e ficam com marcas para o resto da vida (traumas). Lembrem-se que há sempre solução para tudo, menos para a morte.

Diga não antes que seja tarde demais!

DINA

A AVÓ CHAMAVA-LHE MACHETA

A Dina nasceu numa família de três filhos. Tem um irmão mais novo e outro mais velho. Sempre foi a preferida do pai, porque era a única menina, mas só até determinada altura.

Actualmente tem 30 anos e diz que tem algumas memórias boas da infância, apesar de ter um pai que era muito exigente. Ele exigia muito mais aos rapazes, mas a Dina via que algumas coisas não estavam bem. Por exemplo, eram obrigados a comer tudo o que vinha no prato, quer gostassem, quer não. Mas quando ele não gostava da comida, a mãe cozinhava um prato diferente para ele. A Dina via que o pai só era exigente com os filhos e não com ele próprio.

Segundo a Dina, o pai teve uma infância muito pobre e muito sofrida, talvez por isso guardava amarguras que atirava para cima dos filhos e da mulher e quando bebia tinha ataques de violência. “Mas nós não somos obrigados a passar aquilo que ele sofreu. Nem sequer pedíamos para sair porque já sabíamos que estaríamos a criar um grave problema em casa.”

Quando a filha começou a namorar, o pai atingiu o ponto alto da sua frustração. A Dina, até aí muito querida, passou a ser como uma estranha, nem lhe falava, deu-lhe desprezo total. Perante esta posição do pai, a Dina saiu de casa e foi viver com o namorado. Tinha 23 anos. Os filhos rapazes também começaram a afastar-se dele, até a mulher começou a tratá-lo com algum distanciamento. Ele viu que estava a ficar sozinho, que todos se afastavam dele e melhorou um bocadinho.

Mas a mudança radical deu-se quando começaram a nascer as netas. A partir daí ele mudou bastante. As netas trouxeram-lhe muita serenidade e amoleceram-lhe o coração. É avô e pai acessível e amoroso. Muito querido. A mãe sempre foi uma pessoa calma, amorosa e aberta.

A Dina começou a sua escolaridade em São Roque, no tempo que os pais passavam grande parte do ano em Jersey. Nesses anos de emigração dos pais, a Dina e um irmão ficavam ao cuidado da avó paterna, com quem teve sempre uma má relação. A avó era preconceituosa e discriminatória. O neto podia brincar com os amigos, visitar a casa dos tios, mas a Dina, por ser rapariga, só ia à escola e o resto do tempo tinha de estar metida em casa. A avó chamava-lhe “macheta” (Maria-rapaz), porque queria brincar ao ar livre com as outras crianças.

Em contra-partida, a avó materna, sendo muito mais velha, era uma pessoa de mentalidade mais aberta e não proibía a Dina de brincar e andar ao ar livre.

Depois, estudou do 5º ao 9º ano na sua freguesia e fez o secundário no Funchal.

Quando acabou o secundário, queria ser polícia, mas não tinha altura suficiente e foi para a Escola Hoteleira fazer o curso de Recepção e Portaria. Quando foi estagiar, não

conseguia trabalhar na portaria. Era uma pessoa muito reservada e, quando tinha de atender os clientes, bloqueava, mesmo que falassem português. E estagiou no serviço de reservas do Hotel.

Findo o estágio, estava sem trabalho, e começou a trabalhar num supermercado como repositora. E entretanto foi chamada para o Hotel onde fez estágio. E aí trabalha há dez anos e meio. Da secção das reservas passou para a parte comercial. Contacta com as agências, faz reservas e estudos sobre os rendimentos do hotel.

Confessa que está a ficar saturada do trabalho. Já é recepcionista de 2ª há tantos anos, mas o hotel não a faz subir de categoria. Tem uma colega que entrou há cerca de 4 anos e já subiu de categoria, mas ela continua na mesma. Chegou a trabalhar 12 e 13 horas por dia, até trabalhou em dias de folga e não tem retorno nenhum. “Da parte dos/as colegas, também não vale a pena ser simpática, ajudar a resolver este ou aquele problema, porque atraso o meu serviço e se for eu a precisar ninguém me ajuda.”

“Então, a solução é a seguinte, cada uma faz o seu trabalho e chega a minha hora, porta fora.”

A Dina afirma que os senhores da Hotelaria só pensam em obter o máximo de lucro sem esforço e com o mínimo de despesa possível. Trabalha num hotel de cinco estrelas, mas verifica que o hotel não disponibiliza serviços suficientemente requintados como deve acontecer num hotel com aquela categoria.

Quanto à sua vida sentimental, neste momento está sozinha. Separou-se do namorado há um ano. “Sempre tivemos um relacionamento muito turbulento. Eu trabalho de dia e ele trabalhava de noite. Chegava muito tarde, eu estava à espera dele e muitas vezes ele, em vez de descansar para trabalhar no dia seguinte, voltava novamente para o café. E eu tinha de descansar para me levantar cedo para o trabalho.”

Mas o mais grave era o problema económico. Deviam pagar as despesas a dois, como combinado antes de se juntarem, mas não era isso que acontecia. “Discutíamos os dois, planeávamos como pagar as nossas contas sem deixar dívidas, mas no dia seguinte ele fazia tudo ao contrário. E eu é que tinha de resolver.”

Era a Dina que tinha de pagar as dívidas que ele fazia e aconteceu mesmo ele levantar todo o dinheiro que estava na conta, advinda do ordenado dela. Até que um dia ela recebeu o subsídio e pensou: “Não vou deixar este dinheiro aqui porque vai desaparecer.” E transferiu o dinheiro para outra conta só dela e na conta conjunta ficou dinheiro para pagar as contas por transferência directa.

O homem ficou muito escandalizado, porque a Dina não tinha confiança nele, mas ela não cedeu. Começou a depositar o seu dinheiro na sua conta pessoal, porque ele não era capaz de se controlar com o dinheiro. Recebia hoje, amanhã já tinha gasto tudo e a Dina não queria a sua vida assim, atribulada, andava ansiosa e preocupada com as dívidas que ele fazia. Também tem muita vontade de ser mãe, mas com aquele homem nunca seria possível, apesar de ele gostar muito de ser pai, só que é um

irresponsável e a Dina diz que não poderia arriscar a pôr um filho no mundo com um companheiro daqueles.

“Agora estamos separados e entendemo-nos melhor como amigos do que quando éramos namorados.”

Este é o retrato de uma jovem mulher, de trinta anos, que enfrentou o pai para namorar com um homem com quem pensava fazer uma vida a dois, mas não deu certo. E a Dina viu que a sua vida não estava no bom caminho e retrocedeu. Tudo tem remédio, desde que as pessoas queiram recuperar. Hoje sente-se uma mulher independente e desenrascada.

SARA

É PRECISO AGARRAR O LADO BOM DA VIDA

Mulher bem disposta e descontraída. Nasceu em 1987, em S. Pedro, mas vive em S. Martinho.

Teve uma infância triste, o pai batia na mãe e nos filhos e sempre disse que a Sara não era sua filha. A mãe foi sempre benevolente e muito querida com ela, com o irmão e a irmã. Foi sempre o esteio da família. O pai ainda hoje diz que não tem filhos. Outras vezes diz que não é um pai financeiro, para não gastar dinheiro com os filhos. “Deve estar a guardar dinheiro para forrar o caixão”.

Na sua infância passou pelo infantário “O Sapatinho”, a seguir foi para o Colégio da Apresentação de Maria onde fez a pré-primária, o 1º e 2º ciclos. Reprovou o 6º Ano, porque foi nesse ano que os pais se separaram de facto, mas continuaram a viver na mesma casa. O divórcio oficial só ocorreu dez anos depois.

Por causa desta reprovação, o pai queria que ela saísse do Colégio, mas a Sara bateu o pé e disse: “Eu reprovei por causa de vocês e vou mostrar do que sou capaz”. Só no ano seguinte deixou o Colégio e foi para a escola pública, para a Escola Secundária Gonçalves Zarco e depois para a Francisco Franco, onde terminou o Ensino Secundário.

Que memórias guarda da creche?

Eu era muito pequenina, sei que estava lá com o meu irmão, sei que havia salas de diversas cores e ainda hoje falo com uma educadora, que nunca perdi de vista.

E do Colégio?

Não gostei muito do Colégio. As regras eram muito rígidas, era preciso pedir licença para tudo, até para pedir qualquer coisa à colega do lado. Também não havia muita liberdade de fazer perguntas, pedir esclarecimentos... Quem aprendia, muito bem, para quem precisava, havia as explicações. Mas o que mais me aborrecia era a farda. Vestia a farda para ir para o Colégio, olhava para o espelho e parecia que tinha mudado, que era outra pessoa.

E na escola pública?

Quando cheguei à Gonçalves Zarco senti-me muito à vontade. No colégio tinha avançado muito em algumas matérias, sabia mais que os meus colegas, tinha notas altas e cheguei a receber o diploma de mérito por ser boa aluna.

Mas os colegas não gostaram nada daquela distinção, sentiram-se inferiorizados e começaram a discriminá-la, dizendo que era a preferida dos professores e por isso tinha notas altas. A Sara começou a sentir-se mal e decidiu que tinha de sair daquela escola. “Pedi apoio à minha mãe, que foi incansável e me ajudou muito nesta transição de escola. Mudei para a Escola Francisco Franco, a meio do 11º Ano.”

Sentiu que a Escola Francisco Franco era mais exigente que a Gonçalves Zarco, mas menos que o Colégio.

Quais as disciplinas que mais gostava de estudar?

Até o 9º ano, o que eu mais gostava era de matemática. No secundário, gostava muito de geografia e de português.

Após o 12º Ano, foi trabalhar para a TMN durante dois anos. Depois voltou novamente a estudar, desta vez na Formação Profissional. Fez um curso de Apoio à Actividade Clínica. Com esse diploma foi trabalhar numa clínica de Fisioterapia, o Equilíbrio.

E voltou novamente aos estudos. Desta vez entrou para a Universidade “para maiores de 23 anos” e fez o Curso de Psicologia, mas não pode exercer como psicóloga porque o Curso Bolonha agora é de três anos e tem de fazer o Mestrado para poder exercer. Tem uma licenciatura, mas não é suficiente. Vai matricular-se no Mestrado que começará a funcionar em Janeiro do próximo ano. Portanto, nos próximos dois anos vai continuar a estudar e conta obter o diploma de Mestrado em neuropsicologia.

Por que razão o seu pai lhe diz que não é filha dele?

O meu pai não gosta de mim por diversas razões. Eu tenho opiniões, respondo, enquanto que o meu irmão e minha irmã, geralmente ficam calados para ele não se irritar. Mas eu não sou pessoa de ficar calada e respondo, reclamo, dou a minha opinião. Mais: quando a minha mãe engravidou de mim foi uma surpresa, porque ela tinha o aparelho, o diu, e o meu pai não aceitou a gravidez, que não podia ser, e nem sequer admite que se a minha mãe não engravidou dele, também não engravidava de outro homem. Depois, ele queria que a minha mãe abortasse, uma vez que o pai dele, o meu avô, tinha morrido nesse ano e não estava preparado para ser pai naquele momento. A minha mãe achou que essa não era razão para abortar e a gravidez seguiu os trâmites normais. E o meu pai nunca me aceitou como filha.

Disse que o divórcio dos seus pais demorou dez anos. Porquê?

A minha mãe quis separar-se porque não aguentava mais viver com o meu pai. Foi uma guerra. Mas separaram-se de facto. Mas era muito complicado. A nossa casa é grande, mas convivíamos todos no mesmo espaço. Só à noite é que a minha mãe ia para o seu quarto. Ela abdicou do quarto de casal, porque não queria dormir com o meu pai. Ele não queria sair da casa, tinha a empresa a funcionar na cave e não aceitou o divórcio de forma amigável. A minha mãe levou o caso para o Tribunal, foi um divórcio litigioso. O Tribunal decidia, ele recorria, levou até às instâncias superiores. A minha mãe já dizia: “Sai e leva o que quiseres, desde que me deixes a casa com portas e janelas.” E ele foi desgastando, para levar tudo o que lhe foi possível e ficar com a parte maior, a empresa. E até levou um conjunto de prata que a minha mãe tinha recebido de presente da minha avó. Não foi tanto pelo valor comercial, mas pelo valor sentimental. Mas a minha mãe já estava tão cansada que deixou passar, apesar de sofrer muito com isso.

Por fim, quando já não podia recorrer mais, teve de aceitar o divórcio, mas queria continuar com a empresa dentro da casa, onde sempre esteve. Minha mãe aceitou que ele ficasse com a empresa e a casa para ela e aí o Tribunal exigiu que ele tinha de sair. A casa é só uma e ele não ia ficar com uma parte para a empresa. E ficámos a viver com a nossa mãe, na casa que ela herdou da família.

Mas a Sara fala de tudo isto com a maior naturalidade, sem mágoas nem rancores e não reclama da vida. Nem sequer lamenta o facto de ter uma doença crónica. Até aos doze anos sofreu de epilepsia e curou-se nessa fase de transição para a adolescência.

Depois, aos 15 anos, descobriu que tinha lúpus, mas reagiu bem. Foi bem tratada, continua com os tratamentos, sabe que tem uma doença crónica e não se lamenta por isso. Há tanta gente que tem doenças mais penosas como a diabetes que exige injeção de insulina diariamente, entre outras. "Eu tenho convivido bem com a minha doença. Aquando do período menstrual, tenho muitas dores de rins. Fico dois ou três dias de cama e depois fico bem."

Quanto ao futuro, quer exercer psicologia, quando acabar o mestrado, quer constituir uma família e gostaria de ter gémeos. Vestir dois meninos ou duas meninas com fatinhos iguais, cabelinhos iguais... "Acho bonito e gostava de ser mãe de gémeos, apesar de saber que é muito trabalhoso e difícil".

VALENTINA

FOI NA ESCOLA PRIMÁRIA QUE TOMOU O GOSTO PELA ESCRITA

É com a seguinte frase que Valentina começa a falar de si: “Eu tive uma infância super feliz”. Que bom! A infância é a idade do ouro, quando é vivida em plenitude.

Os pais de Valentina nasceram na Venezuela, filhos de madeirenses, mas conheceram-se na Madeira, numa das festas que os emigrantes em férias, em conjunto com outros que já tinham regressado, organizavam para se divertirem, conviverem e fazerem novos conhecimentos, sobretudo jovens.

Valentina gosta de evocar os seus ascendentes mais idosos. A bisavó materna era natural da Guiana Inglesa. O bisavô conheceu-a lá e trouxe-a consigo, para a Calheta. A avó materna foi com 16 anos para a Venezuela a fim de casar com um rapaz da Calheta, que estava lá desde os 14 anos. Conhecia-o de vista, apenas. Um ano depois nasceu a mãe de Valentina.

O avô paterno era natural da Madalena do Mar, veio ao Funchal e esteve na casa da avó de Valentina para entregar uma encomenda. Conheceram-se nesse dia, gostaram um do outro e mais tarde casaram. Também emigraram para a Venezuela e o pai de Valentina nasceu lá.

Os pais de Valentina vieram da Venezuela com os seus progenitores na adolescência, conheceram-se na tal festa e casaram. Nasceu a filha e depois o filho, irmão de Valentina, que actualmente é estudante universitário. Os pais separaram-se, tinha ela 11 anos de idade. Valentina refere que é a mais velha, não só em relação ao irmão, mas também é a mais velha dos primos todos.

Fez a escola primária na Escola dos Ilhéus e aí começou o gosto pela escrita. O professor Amadeu, que ela menciona com muito carinho, criou um jornal da escola “O Tenente-Coronel”, em referência à Rua Tenente Coronel Sarmento, junto à escola. Valentina começou a desenvolver a escrita para marcar presença no Jornal. Durante as férias, passava muito tempo na casa da avó, na Ajuda. Ia para a fazenda, escrevia cartas para destinatários imaginários, a avó metia na caixa do correio, ela ia buscar, respondia às cartas e estabelecia uma relação epistolar imaginária.

Também lia muito. Ainda não sabia ler e já fazia leituras imaginárias a partir das gravuras e da sua criatividade. E desejava muito aprender a ler para ter os seus livros e ler as histórias. Aprendeu a ler quando chegou o momento certo e se a obrigavam a dormir pela tarde, coisa que ela odiava, pegava num livro e lia bastante, mesmo que não compreendesse o que lá estava escrito.

Na adolescência, desviou-se da escrita. Tinha outros interesses, mas continuou a ler muito. Aos 17 anos, terminou o Secundário, matriculou-se em Direito na Universidade

de Coimbra, a cidade dos doutores. Não colocou mais nenhuma opção. E costumava dizer à família: “Quando for para Coimbra não volto mais”.

Mas Coimbra foi uma decepção. Os professores lá em cima, a debitar matéria, muito mais distantes que os professores que ela tinha conhecido nos outros graus de ensino. Chorou muito, queria vir embora, mas tinha o apoio da família e a sua própria persistência a segurá-la na universidade. Entretanto, criou um blog onde escrevia várias vezes ao dia, para que a proximidade com a Madeira fosse mais possível.

Estudou muito e passou com êxito o 1º e 2º anos do curso. Quando estava a frequentar o 3º ano, a mãe teve um problema grave e Valentina veio para a Madeira. Foi trabalhar numa loja para ajudar nas despesas, mas não desistiu do Curso. Estudava pelos livros e pelos apontamentos que umas amigas lhe enviavam. Só ia a Coimbra fazer os exames. E foi assim que Valentina fez os últimos anos do Curso de Direito.

Chegou ao fim da licenciatura e achou que não tinha aprendido nada. Não gostou da faculdade e pensou fazer um mestrado, porque poderia escolher um tema de estudo. E estudou mais dois anos à distância, apesar de passar alguns períodos em Coimbra. Continuou a trabalhar para as suas despesas. Fez, então, um mestrado em “Ciências Jurídico-Criminais” e defendeu uma tese na área dos abusos sexuais de menores.

Aos 19 anos já estava a estudar na Madeira, à distância, e começou a escrever um romance. “Deixei de divertir-me tanto e fazer o que a juventude faz. Tinha de ganhar para as minhas despesas, tinha de estudar e escrevia. “A escrita foi sempre o meu hobby”. Demorou oito meses a escrever o romance. Imprimiu-o e deu-o à mãe para ler que o fez numa noite, mas não gostou. “Como é que a sua menina, doce, podia escrever uma obra tão pesada, triste, em que um pai viola uma filha?” Valentina afirma que a mãe não conseguiu separar a história da autora.

Passou a obra a outras pessoas que a leram e gostaram, sobretudo a tia-madrinha, que é o seu ídolo, que até lhe deu algumas sugestões e a incentivou a continuar.

Enviou a obra para algumas editoras portuguesas, que demoraram muito tempo a responder e por fim recebeu três respostas: duas editoras responderam que não editavam e uma aceitava, desde que a autora pagasse, à partida, 2 mil euros. Incomportável. Guardou o seu trabalho e começou a escrever contos. Estabeleceu um horário de trabalho pensando no seguinte: “Se eu quero ser escritora, tenho de estabelecer uma disciplina de trabalho como uma pessoa que tem um emprego”.

Entretanto, enviou um conto para uma editora brasileira, que foi seleccionado para fazer parte de uma antologia (colectânea de contos). “Mais tarde recebi um e-mail a pedir mais trabalhos, enviei e a editora publicou.” O romance “O Distúrbio” foi publicado nos finais de 2011 e “A Morte é uma Serial Killer” em finais de 2012. “Fui ao Brasil ao lançamento deste livro e estive em Belo Horizonte, São Paulo e Curitiba. Recebo direitos de autora pela venda dos livros.”

Já ganhou alguns prémios literários tais como: Concurso Internacional de Contos Nelson Rodrigues – Unesco – Paris em 2012; Concurso Internacional de Contos Vicente Cardoso – Município de Santa Rosa – Brasil – 2014; Concurso António Feliciano

Rodrigues, Santa Maria Maior-Funchal – 3º lugar em 2013 e 2º lugar em 2014. Concurso Ogima – Secretaria da Educação – 2013, ao qual concorreu com mais duas pessoas com um trabalho escrito, em áudio e desenho e ganharam o primeiro prémio. Além de trabalhos de criação literária faz revisão de textos, elabora trabalhos para outras pessoas, dá apoio escolar a crianças ao nível da escrita e da leitura, organiza workshops de escrita criativa, faz babysitting ao domicílio e não se importa de enfrentar balcões, lojas ou cozinhas. “Já fiz todo o tipo de trabalhos e só ganhei com isso. A experiência que tudo isso me dá só me faz crescer na escrita. Não uso a licenciatura ou o mestrado para recusar trabalhos que, se calhar, não se adequam às minhas habilitações. Pelo contrário.”

Com a realização destas iniciativas consegue ganhar o suficiente para as suas despesas pessoais, custear muitas das despesas do irmão que está na universidade e ajudar a mãe no que ela precisar.

Além de tudo o que foi enumerado anteriormente, Valentina ainda faz voluntariado: foi convidada pela Assembleia Municipal do Funchal para integrar a Comissão de Protecção de Menores e aceitou, com grande felicidade, pois é a área que mais admira. Neste momento tem cerca de 15 processos de menores para gerir. Para além disso, tem o Projecto Escrita Fantástica, que enviou para a Secretaria da Educação e as escolas que quiserem podem requisitar. E é nesse âmbito que vai às escolas fazer sessões de escrita criativa, na vertente da literatura fantástica.

Em Outubro e Novembro próximos fará um tour por várias cidades portuguesas com o objetivo de divulgar o seu trabalho. Terá uma sessão de apresentação da antologia “Abril depois de Abril”, em Santarém, andar por várias escolas de Lisboa, Coimbra, Porto e Guimarães e fará o lançamento da antologia que organizou - “Insonho” - no Fórum Fantástico.

Para finalizar esta “odisseia”, confessa que há pessoas que desvalorizam esta forma de ganhar a vida, apenas por não ter um emprego formal, de contrato assinado, das 9h às 18h, com hora de almoço, fins-de-semana e feriados. “Acham que trabalho menos que os outros”. Porém, a verdade é que ganha mais que em qualquer emprego, só faz aquilo que gosta e é dona do seu próprio horário. “Trabalho mais que muita gente. Posso começar às 8h e aguentar até à noite. Também posso ter que trabalhar sábados, domingos e feriados e ir de férias só porque o corpo exige. Mas se me apetecer tirar um dia para não fazer nada, a meio da semana, posso, porque não tenho patrões.”

VIVIANA

AOS SEIS ANOS DE IDADE CUIDAVA DAS IRMÃZINHAS

Em 1988 nasceu uma menina prematura com 1kg e 5g. Logo que nasceu, chamaram o padre para baptizar a menina, porque estava muito fraquinha e não devia morrer sem ser baptizada. A mãe disse que não. “Quando ela crescer vai pelos seus pés à Igreja se baptizar”. E assim foi. Aos seis anos de idade foi pelos seus pés baptizar-se à Igreja da Boa Nova.

Mas logo no primeiro dia de vida foi operada ao fígado, foi-lhe tirada a parte que estava em más condições e ficou com um bocadinho de fígado, que depois cresceu, mas tem a vesícula mal formada e outras anomalias, de modo que os médicos aconselham um transplante deste órgão, o que deixa a Viviana um pouco assustada.

Mas o drama do nascimento da Viviana começou no dia da concepção. Segundo a versão que foi contada à Viviana, a mãe tinha 18 anos e saiu à noite pela primeira vez. Embebedou-se, teve relações sexuais que ela nem se lembrava com quem e engravidou. Só dois meses depois, numa festa nocturna, é que o indivíduo lhe perguntou se ela tinha gostado da tal noite, assim assim... E ela tomou conhecimento que fora aquele homem que a engravidara.

Mas a mãe da Viviana tinha muito medo da reacção do pai quando soubesse que ela estava grávida e escondeu sempre a situação. Aliás, o feto era tão pequenino que, quando ela chegou ao hospital, com sete meses de gravidez e com as dores de parto, os profissionais do serviço não queriam acreditar que estavam perante uma grávida em trabalho de parto.

A criança nasceu muito fraquinha e doente, foi operada e a mãe manteve-se no hospital durante semanas ou talvez meses, enquanto a filha estava a ser assistida, com muitos problemas de saúde. Entretanto, o pai dela e avô da recém-nascida, deu por falta da filha e, quando soube o que estava a acontecer deu uma pancadaria na mulher, mãe da parturiente, culpando-a do acontecido. Deixou-a toda negra.

Quando esta mãe saiu do hospital com uma criança doente nos braços foi para casa de uma amiga, porque o pai não a recebeu em casa. Entretanto, soube que um senhor idoso precisava de alguém na sua casa e ela foi oferecer-se para trabalhar na casa dele. E fizeram um acordo: O senhor recebia-a na sua casa e mais a criança, assumia as despesas e não tinha de lhe pagar ordenado, situação que se mantém há 25 anos.

A Viviana afirma que esse senhor é que foi um pai para ela. Que pagou todas as despesas, não só alimentação como medicamentos e outras despesas necessárias.

Ela foi crescendo e começou a perguntar quem era o pai. Queria conhecer o homem responsável por ela ter nascido, mas a mãe não lhe queria dizer.

Porquê?

Porque o meu pai tinha sido uma pessoa boa, mas depois tornou-se muito mau, chegou a maltratar a sua própria mãe e hoje é um toxicod dependente, um sem abrigo. Quando quero falar com ele vou procurá-lo pela Zona Velha e ele só me diz: “Perdoa-me, minha filha”.

Como conheceu o seu pai?

Foi a minha avó materna que me disse quem era e eu fui procurá-lo.

Sabe onde ele mora?

Ele mora na rua e eu nunca conheci ninguém da família dele e gostava de conhecer os meus avós paternos, mas ele nunca me disse.

A mãe envolveu-se com outro homem, quando a Viviana tinha um ano, mas vivem cada um em sua casa, há 25 anos. E desta união nasceram mais quatro crianças. Aos seis anos de idade, Viviana tinha de olhar pelas irmãzinhas, porque a mãe começou a beber e muitas vezes não tinha condições de olhar pelas filhas.

Aos 14 anos de idade, a Viviana disse à mãe que tinha de parar de ter filhos. Como teve aulas de sexualidade, ensinou à mãe e ela começou a tomar a pílula para evitar mais gravidezes.

Com esta vida familiar muito complicada e a saúde debilitada, a Viviana foi para a escola, mas não se concentrava nas aulas, jogava o livro, batia, “tenho fobia de ler”. Mas gostava de matemática. Ler e escrever é que era uma desgraça. Nunca passou da primeira classe.

A professora Catarina, na Escola da Rua da Conceição, dizia: “Ah! A Viviana não é boa da cabeça!”

Fechou a escola da Rua da Conceição e a Viviana foi para a Escola da Rua da Carreira. Daí transitou para a Quinta do Leme, uma Instituição de Ensino Especial da Secretaria Regional da Educação. “Foi a professora Ana que me mandou para a Quinta do Leme.” Esteve lá até aos 18 anos, mas não aprendeu a ler. Nem sequer sabia assinar o seu nome. Gostava das aulas de matemática, mas não de ler e escrever.

Entretanto, integrou o grupo de dança “Dançando com a Diferença”. E a psicóloga queria tirar-lhe a dança que era o que mais lhe interessava. “Se me tivessem dito, se te portares bem na aula vais à dança, talvez resultasse, mas me tirarem a dança eu ainda me revoltei mais. E continuei com a dança.”

Deixou a escola da Quinta do Leme, não sabia ler nem escrever, não sabia o que fazer da vida, a mãe a beber e às vezes a bater nas irmãs para lhe trazerem bebida (mas as irmãs e o irmão estudam e parece que têm bons resultados), a Viviana não sabia o que fazer da vida e foi pedir ajuda à psicóloga do Centro de Saúde do Bom Jesus. Disse mesmo que já tinha pensado em se matar, porque estava desesperada.

Foi enviada para uma escola, à noite, adentro do programa “Novas Oportunidades”. E foi assim que a Viviana aprendeu a ler e a escrever e fez o exame de 4ª classe. Confessa que tem fobia de ler, mas quando quer lê, devagar e em voz alta, caso contrário não sabe o que está lendo. “Há poucos dias comprei um livro de testes de Português. O Duarte ficou admirado e eu respondi: é o primeiro livro que eu comprei,

coisa que nunca tinha feito na minha vida. O Duarte disse que eu agora devia fazer os testes. Já comecei a fazer e vou continuar. Acho que vou conseguir e se precisar peço ajuda ao Duarte.”

Já trabalhou no Pingo doce, na secção de comida pronta, a partir frangos para os clientes. Depois ficou no desemprego, e actualmente trabalha quatro horas numa casa particular: duas horas de limpeza e duas a cuidar das crianças. E passa lá uma noite, ao sábado. A patroa sai e ela fica com as crianças. E está inscrita na Segurança Social. Além disso, vai dançar aos hotéis, danças clássicas e ritmos modernos.

Mas tem a saúde muito prejudicada por causa do fígado. Uma médica já disse que ela é um prodígio da natureza por ter vivido até agora com o fígado como tem. Em breve irá a Lisboa para uma consulta e ficará numa lista à espera de um órgão compatível para fazer o transplante. A Viviana está muito ansiosa e preocupada com esta etapa da sua vida, apesar de saber que será muito importante para a sua saúde.

E como conheceu o seu companheiro?

Eu fui contactada para fazer uma coreografia numa realização dum Partido e comecei a dar-me bem com esses rapazes. Um dia conheci o Duarte. Quando olhamos um para o outro, houve qualquer coisa entre nós e eu senti um clique. Depois começámos a namorar e fui para casa dele, com a família dele. Foi a melhor coisa que me aconteceu. Estou bem com o Duarte, a família dele estima-me, sou bem tratada, consegui estabilidade na minha vida.

Este é o testemunho de uma jovem mulher, que foi concebida de forma muito estranha, a quem o avô lhe trancou a porta, que vive com problemas de saúde graves, que o Ensino Especial não arranjou forma de tirá-la do escuro do analfabetismo. Mas está a lutar e ganha o seu pão com o seu trabalho, apesar da austeridade e do desemprego reinante.

DALILA

EU TENHO VINTE ANOS E QUERO ME DIVERTIR

Câmara de Lobos é um concelho com muita população e com muitos problemas sociais e económicos.

A Dalila nasceu neste concelho em 1994 e frequentou a escola até o 9º ano, que concluiu com êxito. Não continuou a estudar porque nessa altura descobriu que é doente de lúpus, uma doença crónica, para a qual ainda não foi descoberta a cura. Tem de saber viver com a doença de lúpus.

Esta doença tem-lhe causado alguns problemas graves ao nível das articulações, dos rins e outros. Tem consulta periódica no hospital e segue a medicação à risca para ter uma vida dita normal.

Faz horas de limpeza, em alguns lugares, 4h por dia. Ganha pouco, mas consegue o suficiente para as suas despesas pessoais. Faz uma poupança de 10€ por mês para ter algum dinheiro que possa suprir alguma necessidade urgente. Com as suas pequenas poupanças já comprou um computador.

A sua infância foi vivida quase sempre com uma grande família: a mãe, a avó, os tios, uma vez que os pais tanto estavam juntos como separados. Quando se separavam, a mãe ia com ela para a casa da avó, a grande família.

A Dalila conta que nunca teve uma família estabilizada. Quando estava com os pais, havia sempre brigas e nunca estavam bem. Na casa da avó, apesar de gostar muito dela, tem os tios que bebem muito, brigam, é uma casa com muitos problemas à mistura.

Quando fez 15 anos, nasceu a irmã que ela sempre tratou como se fosse uma filha, mas aí os pais separaram-se de vez e passaram a viver na casa da avó e dos tios. Dalila confessa que aprendeu muito com a avó que sabe fazer quase tudo: culinária, costura, croché, bordados, computador, é uma pessoa que tem feito muitas formações e aprendeu bastante. O pior é o ambiente proveniente do alcoolismo que provoca muito mal estar naquela casa.

Há cerca de um ano, a mãe foi viver em união de facto com o namorado, alugaram uma casa e a Dalila sentiu alguma melhoria na sua vida, uma vez que passou a usufruir mais da presença da mãe. É uma família mais pequena, conversa mais com a mãe, estreitaram relações e deixou para trás a convulsão daquela casa com os tios a beberem e a fazerem zaragatas. Tem muita pena da avó, sabe que ela sofre muito e sentiu muito a falta dela e da irmãzinha. A tia que está na Inglaterra quer levar a avó para junto de si, mas ela tem muita dificuldade em deixar aqueles homens sozinhos.

Mas há-de haver sempre algo para estragar a vida das pessoas. O companheiro da mãe tem vindo a piorar de dia para dia. São os ciúmes, deita-lhe na cara o seu passado, que já é mãe de duas filhas, que ela não chega aos pés da mulher que ele deixou para trás...

“A minha mãe não devia ter deixado as coisas chegarem àquele ponto. Ela não pode ir a lugar nenhum para se divertir, ele vai levá-la de carro ao trabalho, vai buscá-la e a minha mãe anda muito triste. Ele por vezes pede perdão, à vista de pessoas de fora faz-se carinhoso, mas depois volta ao mesmo.”

A Dalila conta que teve um namorado durante um certo tempo, achava que seria para o resto da vida, mas ele também já estava com a mania das proibições. “Não podes fazer isto, não podes fazer aquilo”. Um dia a Dalila foi para a festa da freguesia para se divertir, como as outras jovens e ele ficou muito zangado. Disse-lhe que ela assim nunca ia ter ninguém para cuidar dela, sobretudo porque tem a doença de lúpus e ficaria sozinha e abandonada. E desapareceu de um momento para outro. Até a mãe dele lhe disse que ela não devia ter ido para a festa, sabendo que o namorado não queria.

“Mas a senhora pensa que eu já tenho 50 anos? Eu tenho 20 anos e quero me divertir”.

Dalila entregou-lhe os presentes que o namorado lhe tinha dado, inclusive os anéis, pois chegou a ter anel de noivado. “Não quis ficar com nada dele”. Agora só pensa em cuidar da sua vida e gostaria de ter um trabalho mais bem remunerado para poder ajudar a mãe e a irmã e viverem melhor.

O sonho dela é ser cabeleireira. Fez um curso por correspondência, estudou e ficou a pagar durante três anos, 69€ por mês, o que não é nada pouco e nunca trabalhou na prática. Gostaria de fazer o estágio e trabalhar como cabeleireira. Assim teria o seu ordenado e a sua profissão. Mas até lá vai fazendo horas de limpeza. Começou a fazer uma hora, agora já faz quatro e cuida da irmãzinha, da casa e faz bordados e crochês que aprendeu com a avó.

Perante situações destas é caso para perguntar: a nossa vida social e familiar está a melhorar? As mentalidades evoluem positivamente? Ou estamos a regredir e a sentir o retrocesso, em que as mulheres, em muitos casos, são consideradas propriedade privada de indivíduos de mentes sujas, viciadas em autoritarismo, machismo e perversão?

E o alcoolismo, que nunca deixou a nossa sociedade, parece que aumenta e continua a destruir pessoas e famílias. Aliás, o alcoolismo tem sido sempre alimentado por aqueles que precisam do povo para se servirem dele. “Pão e circo” já era o lema dos corruptos do tempo dos Romanos. E nós só precisamos de um regime de pão e rosas, de amor, fraternidade, paz e igualdade entre os seres humanos.

